



# EΛEX

---

# 2018

1º Encontro Anual de Extensão Universitária UEM

**Universidade, Democracia  
e Sociedade**

08, 09 e 10 de agosto

# ANAIIS



PRÓ-REITORIA DE  
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

DIRETORIA DE  
EXTENSÃO



DIRETORIA DE  
CULTURA



## Ficha Catalográfica

## **Universidade Estadual de Maringá**

Reitor: Mauro Luciano Baesso

Vice-Reitor: Júlio César Damasceno

Pro-Reitora de Extensão e Cultura: Itana Maria de Souza Gimenes

Diretora de Extensão: Érica Piovan de Ulhôa Cintra

Diretora de Cultura: Marivânia Conceição Araújo

### **Organização Geral**

Itana Maria de Souza Gimenes – PEC

Érica Piovan de Ulhôa Cintra – DEX

Marivânia Conceição Araújo – DCU

Telma Maranhão Gomes – PEC

### **Comitê Científico**

#### **Coordenação**

Itana Maria de Souza Gimenes

Érica Piovan de Ulhôa Cintra

Marivânia Conceição Araújo

#### **Composição**

Alfeu Rodrigues de Araújo Filho

Alice Sizuko Iramina

Ana Paula Vidoti

Andreia Anhezini da Silva

Angela Maria Marcone de Araújo

Antonio Campanha Martinez

Débora de Mello Gonçalves Sant´Ana

Décio Roberto Calegari

Ednaldo Michellon

Eliana Litsuko Tomimatsu Shimauti

Eliana Valéria Patussi

Fabiano Burgo

Fernando Wolf Mendonça

Francielli Maria de Souza Silva Comar

Giuliano Gomes de Assis Pimentel

Igor José Botelho Valques

José Cândido de Souza Filho

Juliana Scanavacca

Mauro Porcu

Marcelle Paiano

Marcelo Pimentel da Silveira

Márcia Campos Andrade

Marion Haruko Machado  
Mitsue Fujimaki  
Neli Pieralisi  
Olívia Toshie Oiko  
Nelson Yoshio Uesu  
Raquel Sano Suga Terada  
Simone Fiori  
Simone Aparecida Galerani Mossini  
Sonia Silva Marcon  
Sonia Mari Shima Barroco  
Sonia Trannin de Mello  
Tânia Nunes Galvão Verri  
Vicente Chiaromonte Pires

**Apoio Técnico**

Claudemir Guaraldo  
Euci Oliveira Gusmão  
Gerson Gomes  
Lucílio Gobbi Filho  
Marcos Eduardo Teramoto  
Rosalina Galhardo Cinti  
Tânia Regina Gasparelo  
Wagner Ronaldo Ferrarezi

**Arte de Evento**

Gabriela Bueno  
Débora Oliveira Primo de Souza  
Emily Débora Ribeiro de Matos  
Tânia Regina Machado  
Tereza Iochiko Udo

## PROGRAMAÇÃO EAEX 2018

<b>08/08/2018</b>	<b>1º. Dia</b>
<b>08:30</b>	<p><b>Abertura Oficial: Coordenação do Cerimonial da UEM</b>            Mauro Luciano Baesso, Reitor da UEM; Itana Maria de Souza Gimenes, Pró-Reitora de Extensão e Cultura; Dr.<sup>a</sup> Erica Piovam de Ulhôa Cintra, Diretora de Extensão; Marivânia Conceição de Araújo, Diretora de Cultura; Ana Tyiomi Obara, Pró-Reitora de Ensino; Célia Granhen Tavares, Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação; Sandra Cristina Ferreira, Assessora de Projetos Estratégicos do Gabinete do Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná – APEG/SETI; Valkíria Trindade, Secretária de Educação de Maringá.</p>
<b>09:00</b>	<b>Apresentação Cultural</b> – Quarteto de Cordas da Orquestra da UEM
<b>10:00</b>	<p><b>Palestra de Abertura:</b> Universidade, democracia e sociedade  <b>Palestrante:</b> Renato Janine Ribeiro, USP</p>
<b>13:45</b>	<b>Apresentação de trabalhos</b>
<b>15:35</b>	<b>Intervalo</b>
<b>15:50</b>	<b>Apresentação de trabalhos</b>
<b>14h-18h</b>	<p><b>Mesa Redonda:</b> Projetos Universidade Sem Fronteiras – USF/SETI  <b>Projetos convidados:</b>            Sorrir com Saúde, Mitsue Fujimaki – DOD;            Projeto Erradicação do Trabalho Infantil - PETI, Telma Maranhão Gomes – PEC;            Núcleo Maria da Penha – NUMAPE, Isadora Machado e Crishna Mirela de Andrade Correa– DDP;            Capacitação de jovens aprendizes para o desenvolvimento de joalheria e acessórios - Bruno Montanari Razza (CRC/DDM)  <b>Coordenação:</b> Sandra Cristina Ferreira – APEG/SETI</p>
<b>19h-23h</b>	<p><b>III Encontro RONDON e Operação Rondon/SETI</b> Promovendo o Rondon na UEM.  <b>Debatedores:</b> Olívia Oiko – DEP, Ana Paula Vidotti – DCM, Giuliano Gomes de Assis Pimentel – DEF e integrantes das Operações  <b>Coordenação:</b> Erica Piovam de Ulhôa Cintra – DEX</p>

<b>09/08/2018</b>	<b>2º. Dia</b>
<b>08:30</b>	<b>Palestra 2:</b> Direitos Humanos na Educação Superior, <b>Palestrante:</b> Maria de Nazaré Tavares Zenaide (UFPB) <b>Coordenação:</b> Marivânia Conceição Araújo - DCU
<b>08:00</b>	<b>Apresentação de Trabalhos</b>
<b>09:50</b>	<b>Intervalo</b>
<b>10:10</b>	<b>Apresentação de trabalhos</b>
<b>15:35</b>	<b>Intervalo</b>
<b>15:50</b>	<b>Apresentação de trabalhos</b>
<b>14h-18h</b>	<b>III Encontro Fórum Social da UEM</b> <b>Tema:</b> Agricultura orgânica: práticas, mercado e o desmonte das políticas de agricultura familiar e urbana; <b>Debatedores:</b> Rogério Dias – Organicsnet; Onaur Ruano – IAPAR <b>Coordenador:</b> Prof.º Dr. Ednaldo Michellon, DAG

<b>10/08/2018</b>	<b>3º. Dia</b>
<b>08:30</b>	<b>III FORINT UEM – Fórum de Integração Ensino-Pesquisa-Extensão.</b> <b>Palestra 3:</b> Experiências de curricularização na extensão, Andréia Silvia Walter de Aguiar (UFC)
<b>08:00</b>	<b>Apresentação de Trabalhos</b>
<b>09:50</b>	<b>Intervalo</b>
<b>10:10</b>	<b>Apresentação de trabalhos</b>
<b>15:35</b>	<b>Intervalo</b>
<b>15:50</b>	<b>Apresentação de trabalhos</b>
<b>10:30</b>	<b>Mesa Redonda:</b> Projetos Integradores <b>PEC:</b> CERAUP, Prof. Ednaldo Michellon; <b>PEN:</b> Estratégia de Curricularização da Extensão na Universidade Estadual de Maringá por meio de Disciplina na Área de Saúde Profa. Rozilda das Neves Alves Vidigal; <b>PPG:</b> Laboratório de Inovações em Educação na Saúde, Josely Emiko Umeda <b>Coordenação:</b> Itana Maria de Souza Gimenes - PEC

## Apresentação

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Estadual de Maringá promoveu nos dias 8 a 10 de agosto de 2018, no campus sede, na cidade de Maringá – Paraná, o EAEX 2018, Encontro Anual da Extensão Universitária da UEM, equivalente ao 16.º Fórum de Extensão e Cultura da UEM, com o tema Universidade, democracia e sociedade. O objetivo do evento é socializar a produção do conhecimento realizada pelos diferentes Projetos de Extensão e Cultura da UEM ao longo do ano letivo de 2018 e refletir questões emergentes da sociedade contemporânea. A nova nomenclatura do evento demarca a disponibilização de cota específica, pela Fundação Araucária, em edital próprio, para o financiamento desta ação, a exemplo do que já ocorre com o EAIC. Isso significa um real ganho político junto ao principal órgão de fomento da Extensão Universitária no estado e um esforço contemplado do coletivo dos Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas do Estado do Paraná. Por essa razão, a partir dessa edição, o FOREXT UEM passa a se chamar EAEX UEM.

A programação do EAEX 2018 possibilitou a realização de atividades especializadas: 3.º Encontro da Operação Rondon; o 3.º Fórum Social da UEM; 2.º FORINT UEM que incluiu palestra sobre curricularização da extensão e apresentação de projetos integradores escolhidos pela PEC, PPG e PEN; e, Mesa redonda de difusão de trabalhos escolhidos do Programa Universidade Sem Fronteiras da SETI.

O tema do evento foi abordado na palestra de abertura pelo intelectual brasileiro e professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH da Universidade de São Paulo, Ministro da Educação em 2015, Professor Dr. Renato Janine Ribeiro, que ressaltou, de modo analítico e reflexivo, elementos importantes da atuação extensionista, da universidade hoje, de democracia e de sociedade – a palestra foi gravada e autorizada para veiculação em breve. Na sessão de homenagem, o destaque a professores e alunos extensionistas que receberam títulos nacionais e internacionais ao longo do ano visando estimular e difundir a categoria da Extensão na UEM, sendo eles/as: Professora Mitsue Fujimaki – DOD, por compor o “Laboratório de Inovação sobre Experiências de Atenção Primária na Saúde Suplementar Brasileira” organizado pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) no Brasil; Professor Décio Roberto Calegari - DEF, pela coordenação da equipe de Basquete em Cadeira de Rodas da UEM, vencedora na modalidade nos Jogos Abertos Paradesportivos do Paraná em final de 2017; Professor Giuliano Gomes de Assis Pimentel – DEF, pelo recebimento do Troféu Top Fiep Brasil (Fédération Internationale d’Education Physique) pela organização da obra “Recreação total”, em janeiro de 2017. Destacamos também a homenagem aos servidores da PEC, especialistas em artes, teatro, dança, desenho e cerâmica: Angela Mecking da Silveira, Aurilene Aparecida da Cruz Meneguetti, Daísa Marlene Poltronieri, Pedro Carlos de Aquino Ochôa, Sueli Alves de Souza Lara, e Tânia Regina Machado; e música: Jairo José Botelho Cavalcanti, Marcos Watanabe Godoy, Roberto Aparecido Baldassi e

Salomão Guarniéri , pelos serviços prestados ao longo de três décadas com o ensino e fomento da arte, a abertura de possibilidades de apreciação estética e o fazer artístico à comunidade interna e externa.

A sessão cultural na manhã de abertura oficial ficou por conta do Quarteto de Cordas da Orquestra da UEM. Outras palestras se somaram às oportunidades de reflexão no evento: sobre a Curricularização da Extensão e a experiência da Universidade Federal do Ceará, com a presença da Professora Andréa Silvia Walter Aguiar, na sessão do 2.º FORINT; o tema Direitos Humanos na Educação Superior, com a professora Maria de Nazaré Tavares Zenaide da Universidade Federal da Paraíba, e a presença dos profissionais Rogério Dias, vice-presidente da ABA, conselheiro da Organisa, ex-MAPA; Onaur Ruano, ECOVIDA e ex-presidente do IAPAR, e Professor Ednaldo Michellon, UEM/DAG e CerAUP, na sessão do Fórum Social da UEM que este ano privilegiou o tema da “Agricultura Orgânica: práticas, mercado e desmonte das políticas de agricultura familiar e urbana.”

Ainda nessa edição do evento ficaram mantidas: a modalidade de resumo expandido em quatro páginas exatas, a submissão e coordenação de trabalhos do Comitê Científico pelo sistema online *EasyChair* que avaliou 170 trabalhos submetidos com aprovação de 168 propostas, a organização de 22 sessões de apresentação de trabalhos distribuídas nas áreas temática da Extensão (Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, e Trabalho), mantendo a dinâmica de dez minutos de exposição oral e debate de 30 minutos ao final da sessão, o que, desde 2016, tem promovido a troca de experiências e a ampliação de perspectivas do processo extensionista nessas oportunidades de discussão. O evento gratuito contou com inscrições online e abertas a toda comunidade universitária e externa, conforme a agenda divulgada no site da DEX, contando com o registro de público de 400 participantes volantes nos três dias de evento, que somado à comissão organizadora e ao comitê científico, totalizam cerca de 600 pessoas envolvidas nesta edição e 1220 certificados disponíveis (online e individuais) no site da DEX através do informe do CPF em aba específica, conquista de 2016!

E sendo este o último evento de extensão na gestão 2014-2018 dos Professores Mauro Luciano Baesso e Júlio César Damasceno, queremos registrar os seguintes avanços como partilha do que vivenciamos ao longo desse tempo à frente da administração da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e Diretorias: das ações que foram planejadas no coletivo da PEC, frisamos a completa reformulação da Legislação de Extensão Universitária da UEM (2016-2018 – CEP/CAD), que atualizou 20 anos de rotinas e procedimentos quanto a oficialização e tramitação de projetos de extensão e emissão de certificados (online e individuais), a criação de uma Política de Cultura da UEM, a oficialização das Empresas Juniores, a manutenção das cotas de projetos de financiamentos dos Programas de Bolsas de Extensão da Fundação Araucária (PIBEX e PIBIS), Universidade Sem Fronteiras (USF/Fundo Paraná-SETI), cota específica NUMAPE, Patronato, manutenção dos Programas Nacionais de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e de Fortalecimento do Ensino Médio (PNEM), a parceria UNATI-PEC



na construção de bloco didático junto à sede da PEC, dinamização do “Projeto Extendendo” com a veiculação das ações de Extensão na rede de internet ampliando a visibilidade dos projetos e, finalmente, a reativação do diálogo e da parceria com as instâncias da educação municipal e de Estado. Foi muito trabalho realizado e de muito valor que esperamos seja a força motriz na continuidade dos trabalhos da extensão na UEM! Forte abraço a todos/as e muito obrigada por servir a comunidade UEM.

*Profa. Dra. Itana Maria de Souza Gimenes*

*Profa. Dra. Erica Piovan de Ulhoa Cintra*

*Profa. Dra. Marivânia Conceição Araújo*

# SUMÁRIO

## ÁREA TEMÁTICA: COMUNICAÇÃO

<b>ArqMUDI - Sistematização e divulgação de artigos em revista</b> , Isabela Caroline Horita , Ana P. Vidotti, Carmem Patricia Barbosa, Larissa Renata de Oliveira Bianchi .	1
<b>A importância da participação dos alunos de graduação nos projetos de extensão</b> , Leonardo M. Guzzoni, Polyanna A. Costa, Fabio L. Grassi, Vagner B. Martins, Dioclecio M. Camelo .....	4
<b>Podcast da Física-CRG-Fase Um: Utilização das novas Tecnologias de para Popularização da Astronomia e Divulgação Científica do Campus</b> , Carlos Eduardo dos Santos Gonçalves, Jadir Carpiné Junior, André da Paixão Gomes, Gabriel da Cruz Dias, Viviane de Oliveira Soares .....	7
<b>Comunicação, Agricultura e Crescimento</b> , Ednaldo Michellon, Letícia Maria Dezan Giandon, Leonardo Montangnini Sanches .....	11
<b>Centro de Pesquisa e Documentação Arquiteto José Augusto Bellucci: circulação da informação</b> . Aníbal Verri Junior, David Renan de Oliveira Lima, Eduardo Verri Lopes, Fábio Sukág Santiago, Jaqueline Apolônio Ribeiro, Tânia Nunes Galvão Verri, Vinícius Alves de Araújo.....	15

## ÁREA TÊMÁTICA: CULTURA

<b>Análise de saídas clownescas a favor do bem-estar social</b> , João Alfredo Martins Marchi, Renata Carolina Pereira, Giovani E. dos Santos .....	1
<b>CORO ESCOLA: a educação vocal para o canto como princípio básico para a construção da sonoridade coral</b> , Marion Cleiton de Almeida, Andréia Anhezini da Silva .....	6
<b>Corpos em Instantes de Movimentos: um estudo da Expressão Corporal a partir da Fotografia</b> , Wagner Rosa, Paulo Gustavo Simão Lopes, Flávio César Magalhães Lopes Rodrigues.....	10
<b>O que sua estética diz sobre o seu Clown?!</b> , João Alfredo Martins Marchi, Renata Carolina Pereira, Gabrielle Cristina Gazani da Silva, Gustavo Santos Belline, Leticia da Silva Munhoz, Tatiane Milene de Souza Meller.....	14
<b>O Teatro na Sala de Aula: um Exercício de Reflexão Sobre as Relações das Crianças, Enquanto um Possível Estímulo Necessário para a Compreensão do Estado do Clown na Perspectiva da Espontaneidade e da Inocência</b> , Leandro H. Romão, Mariana A. Gotardi S, Rafael F. Leonel, Thiago M. Leal.....	17
<b>As Oficinas de Iluminação Cênica na Universidade Estadual de Maringá</b> , Wagner Rosa, Vanderlei Antonio Bacheга Junior.....	20
<b>Projeto de Extensão Orquestra de Câmara da UEM</b> . Pedro Henrique Ludwig, Ana Clara Carrijo Martins, Karla Sanchez, Mateus Berns.....	24
<b>Palhaçaria feminina: arte e resistência em tempos de exceção</b> . Andresa de Angeli Viotti.....	28
<b>Ser ou não ser: eis uma Palhaça</b> , Renata Carolina Pereira, João Alfredo Martins Marchi, Danielle Cristina Goularte Tótolli.....	31

## **ÁREA TÊMÁTICA: Direitos Humanos e Justiça**

**As contribuições da equipe de Psicologia do Programa Patronato de Maringá no grupo educativo BASTA**, Marcos Leandro Klipan, Amanda Cavalin Costa, Amanda de Souza Scapim, Isabella Franchi Silva, Leonardo Tessarollo, Mariane Gobbi, Nicole Martini Ferreira, Rodolfo Rigon Spack, Sara Carolina Trentin Piciani, Viviane Moreira de Santana.....1

**A Intervenção do Projeto Brincadeiras com Meninos e Meninas de/e nas Ruas: Formas de Escolhas**, Verônica R. Müller, Paula M. Natali, Darlei J. T. Jahn, Jaqueline C. Nunes.....5

**PROGRAMA PATRONATO DE MARINGÁ: uma análise do crescente número de cumpridores de serviço à comunidade encaminhados pela Justiça Federal**, Marcos Leandro Klipan, Augusto de Lima Camargo, Isabela Serrano Silvério, Nathalia Hayane de Macedo Silva, Ruth Perez Christofolli Correa, Simone Yuriko Tanaka, Tainara Salviato.....8

**JUSTIÇA RESTAURATIVA: POLÍTICA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE MARINGÁ**, Nilza Machado de Oliveira Souza, Paulo Roberto de Souza.....12

**Ações inclusivas do projeto PROAFA/UEM: destaque no ranking e competições de Tênis de Campo**, Alisson Minao Otani, Silvana dos Santos, Decio Roberto Calegari..16

**NUMAPE/UEM: NÚCLEO MARIA DA PENHA E A EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**, Adriele Colontônio Caberlim, Beatriz da Costa Souza Negreiros, Chrishna Mirella Correa de Andrade, Isadora Vier Machado, Josiane Aparecida da Silva dos Santos, Leticia de Matos Lessa, Lorena Maria da Silva, Maria Carolina dos Santos Martins, Mariana Rodrigues de Figueiredo, Thamilly Rozendo Santos Pinto.....20

**RELATO DE CASOS DE IDOSOS EM SITUAÇÃO DE RUA EM MARINGÁ – PR**, Anai Adario Hungaro, Aroldo Gavioli, Sônia Marangoni, Rosângela Christóphoro, Renan Filipe Altrão, Eloísa Leardini Pires, Ana Lúcia Rodrigues, Magda Lucia Felix de Oliveira.....24

**A importância dos Jogos e Brincadeiras no “Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR”**, Bruno I. Duarte, Daise N. S. Neri, Isys M. K. Souza, Paula M. Natali.....27

**Teatro e Comunidade: reflexões sobre a participação no projeto “Brincadeiras com meninos e meninas de e nas ruas”**, Verônica Regina Müller, João Alfredo Martins, Danielle Cristina Goularte Tótolli.....31

<b>O PROCEDIMENTO DE DESCONTO EM FOLHA DE PAGAMENTO DO DEVEDOR DE PENSÃO ALIMENTÍCIA ADOTADO PELO NEDDIJ</b> , Amalia Regina Donegá; Arthur Pazinato Donatti; Dharly Priscilla de Oliveira, Gustavo Rodrigues dos Santos, Heloíse Rosin Cella, Majoí Coquemalla Thomé, Maria Carolina R. Machado, Pedro Henrique L. Pupulim; Taísa Chiconi Ferro, William de Oliveira Mori.....	34
<b>O Paradesporto, valorização social e melhora da qualidade de vida da pessoa com deficiência</b> , Decio Roberto Calegari, Alisson Carlos Zanon, Silvana dos Santos A ...	38
<b>A Intervenção do Projeto Brincadeiras com Meninos e Meninas de/e nas Ruas: princípios e direitos</b> , Verônica R. Müller, Paula M. Natali, Lilian C. de O. Silva, Marcos A. de S. Silva.....	42
<b>O Serviço Social no Programa Patronato de Maringá: Um olhar para a importância de Políticas Públicas para os Egressos</b> , Marcos L. Klipan, Helen C. P. de Moraes, Jane C. dos S. Bataglini, Jussara de P. Costa, Paula da S. Benites, Thainá M. S. Andrade.....	46
<b>O Patronato como expressão da relação de gênero no contexto prisional</b> , Marcos Leandro Klipan, Amanda Cavalin Costa, Amanda de Souza Scapim, Isabella Franchi Silva, Leonardo Tessarollo, Mariane Gobbi, Nicole Martini Ferreira, Rodolfo Rigon Spack, Sara Carolina Trentin Piciani, Viviane Moreira de Santana.....	50
<b>Extensão universitária e direitos sociais: experiência acadêmica do curso de Serviço Social UEM/CRV</b> , Maria Celeste Melo da Cruz, Lilian T. C. Oliveira, Kawana, Elvira da Cruz dos Santos, Kelly Viesba dos Santos, Jéssica Couto da Silva, Ticiane de Souza Oliveira, Ana Kelen Batista de Oliveira, Heloisa Aparecida do Carmo.....	54

## ÁREA TÊMÁTICA: EDUCAÇÃO

<b>A DEFESA DO BRINCAR PARA CRIANÇAS EM TRATAMENTO DE SAÚDE: DESAFIOS E CONQUISTAS</b> , Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, Wesley dos Santos Borges.....	1
<b>Ações de intercâmbio realizadas com outros espaços de educação não – formal em 2017 com o projeto “De Museu para Museu”</b> , Tatiane F. Borges, Lorena Hilario, Marcílio Hubner de Miranda Neto, Débora de Mello Gonçalves Sant’ana.....	5
<b>Alcoolismo e Desemprego, há relação?</b> , Clédina R. L. Acorsi, Angela M. M. de Araujo, Gleidson S. dos Santos, Joyce M. da Rocha.....	8
<b>Show de Física – PROMUD</b> , Amanda N. L. da Silva, João Paulo da Silva Hilario, Gabriel Luiz N. Macedo, Alice S. Iramina, Luciano C. Gomes.....	11
<b>Ambiente interativo de aprendizagem: lousa digital</b> , Victor Hugo Carvalho Santos, Kaio Henrique Rissardi da Silva, João Victor Fernandes Peres Gutierrez, Vivian Mikaeli Gussao , Ana Carolina Maciel, Amelia Borges Pitta, Ana Paula Vidotti, Sonia Trannin de Mello, Josiane Medeiros De Mello.....	15
<b>Visitação ao Campus Fazenda UEM – Umuarama</b> , Ivan Walisson Carrito, Adélcio Vitorino Turra, Andreia Paula Carneiro Martins, Bruna Letícia Silva, Antonio Campanha Martinez.....	18
<b>Aprendendo a ensinar Física I no MUDI</b> , Gabriel M. Martins, Luciano C. Gomes...	21
<b>Aprendendo a Ensinar Física II no Museu Dinâmico Interdisciplinar – PROMUD</b> , Pedro Tartari Rolli, Luciano C. Gomes.....	24
<b>Conectando Mulheres ao Python</b> , Laila Milainny Siqueira Bine, Mariane Affonso Medeiros, Juliana Gonçalves Souza, Luciana Andréia Fondazzi Martimiano, Valéria Delisandra Feltrim.....	28
<b>Caracterização de Ácidos e Bases por meio do experimento Sopro Mágico</b> , Carla C. de O. Bernardo, Vinícius S. Guizellini, Ana P. Silva, Fabiana G. da M. Lima, Simone Fiori, Ana P. Vidotti.....	32
<b>Astronomia na UEM: Noites de observação celeste por meio da Extensão Universitária</b> , Carlos Eduardo dos Santos Gonçalves, Mayara Hilgert Pacheco, Junior de Lima, Mayra Saretti Ferreira, Jadir Carpiné Junior, André da Paixão Gomes, Gabriel da Cruz Dias, Viviane de Oliveira Soares.....	36
<b>O Cursinho UEM e o Cursinho Renovação: a busca de isonomia no acesso ao ensino superior</b> , Geovanio Rossato, Antonio Ozaí da Silva, Sérgio Cândido de Mello, Solange Marques Rossato, Eder Rossato, Leocir Cassaro, Rafael Cesar Assunção, Alice	

de Jesus Medeiros, Amanda de Castro Mandrod, Thaís Wendy Pereira, Shara Cristiane Moro, William; Larissa Puga da Silva, Alan Christian Gimenez.....	40
<b>Projeto de Extensão Brinquedoteca: uma experiência lúdica no curso de Pedagogia – UEM/CRC</b> , Darlene Novacov Bogatschov, Fernando Wolf Mendonça, Tayná Bazaglia Alves, Stephany Allana Nunes da Silva.....	45
<b>BASTA: Educar para não punir.</b> Marcos Leandro Klipan, Carolina Vendrame da Silva, Érika Matos Baranovski Machado, Anna Júlia Pessoa da Costa Trondoli, Lislaine Caroline Ponce.....	49
<b>Dimensão Procedimental de Crianças do Segundo Ano Participantes do Projeto de Extensão Escola de Aventura</b> , Emanuela S. Cardozo, Letícia E. de Freitas, Liciane V. O. M. Correa, Allana J S G Scopel, Érika F. A. Arruda, Giuliano G. de A. Pimentel....	53
<b>O VALOR DOS JOGOS PARA A MATEMÁTICA</b> , Juliana de Sousa, Amanda C. de Sousa, Rúbia F. Gimenes, Higor A. D. da Silva, Matheus B. Mercado, Walker Mendes, Wamir R. S. Junior, Patrícia V. V. Salinas.....	57
<b>Escolas na UEM: Experimentação e Exploração em ciências por meio da Extensão Universitária</b> , Higor Valentim, Camila Muniz de Oliveira, Cleiton Feitosa do Nascimento, Néryla Vayne Justino Alves, Maria A. Conceição dos Santos, Gabriel da Cruz Dias, José Cândido de Souza Filho.....	60
<b>A exposição “Borboletas Frugívoras do Parque do Ingá” no Museu Dinâmico Interdisciplinar como ferramenta da educação não formal</b> , Beatriz Cervigni Feltrin, Mariana Ferreira Sapateiro, Rickson Kenichi Fuji Castilho, Maria Auxiliadora Milaneze-Gutierrez.....	64
<b>FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES DO NORTE E NOROESTE DO PARANÁ - PACTO NACIONAL ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA - MEC – UEM</b> , Regina Lúcia Mesti, Rozenilda Luz Oliveira de Matos, Eloiza Amália Bergo Sestito.....	68
<b>CONTRIBUIÇÕES DOS TEMAS DE MOVIMENTOS DE RUDOLF LABAN PARA O ESTUDO DA EXPRESSÃO CORPORAL POR ESTUDANTES DE DANÇA/TEATRO</b> , Gabriel Fajonni Marcelino, Wagner Rosa .....	72
<b>Panorama de atuação em Extensão Rural entre os associados da COOPERU - Cooperativa de Produtores de Umuarama</b> , Nadia Graciele Krohn, Hugo Arão Cabrini.....	76
<b>Inclusão Digital para alunos da UNATI</b> , Ana Carolina Maciel, Kaio Henrique Rissardi da Silva, João Victor Fernandes Peres Gutierrez, Jayne Nascimento de Souza , Victor Hugo Carvalho Santos, Giovana Ruiz Esteves, Ana Paula Vidotti, Sonia Trannin de Mello, Josiane Medeiros De Mello.....	79

<b>Brincando e Aprendendo sobre Óptica no Museu Dinâmico Interdisciplinar – PROMUD: reflexões sobre como apresentar alguns experimentos da sala de Física para visitantes cegos ou com baixa visão,</b> João Paulo da Silva Hilário, Vagner de Souza Prestes, Alice Sizuko Iramina.....	82
<b>Reação de Carbonatação para a construção do aprendizado de alunos visitantes do MUDI acerca de solução tampão e sua ação no organismo,</b> João Victor Kuller, Carolina Lopes Massetti, Fernanda Losi Alves de Almeida, Juliana Vanessa Colombo Martins Perles, Eneri Vieira de Souza Leite Mello.....	86
<b>Koan - Dossiê Complexidade, Ciências da Vida e Educação,</b> José A. Celorio, Márcio J. de Almeida .....	90
<b>O Sangue do Diabo para o ensino fundamental,</b> Juliana Vanessa Colombo Martins Perles, Eneri Vieira de Souza Leite Mello, Simone Fiori, Janaina Peres Vicentin, Guilherme Alencar Melo, Higor Natan da Silva de Mazzi.....	93
<b>Coleção Entomológica Yoko Terada e a Educação não-formal no Museu Dinâmico Interdisciplinar,</b> Karen Matsuike Gonçalves, Maria Auxiliadora Milaneze-Gutierre...	96
<b>Dimensão atitudinal de crianças participantes do projeto de extensão Escola de Aventuras,</b> Letícia E. de Freitas, Emanuela S. Cardozo, Allana J S G Scopel, Giuliano G. de A. Pimentel.....	100
<b>A utilização dos jardins do MUDI como ferramenta de educação ambiental,</b> Michelle R. de Souza, Luana J. W. de Oliveira, Maria Auxiliadora Milaneze Gutierre.....	104
<b>Muditinerante: o museu vai a comunidade,</b> Maysa Pacheco Alvarez da Silva, Ana Paula Vidotti, Sônia Trannin de Mello, Célia Regina de Godoy Gomes.....	108
<b>Recursos alternativos para alunos com deficiência e necessidades educacionais especiais no ensino superior,</b> Myllena Carvalho, Celma Regina Borghi Rodriguero, Maynara Helena Flores Martins, Hivi de Castro Sperandio, Caio Gabriel Rasso Capoani, Danielle Yumi Kataoka, Danilo Cerqueira Romano, Gabriele Lopes Batista Souza, Inaiá Silva Gonçalves, Jayne Axelly Souto da Silva, Julia Midori Goya, Marcella Martins Marques.....	111
<b>Juventude do campo: oficinas de formação humana, trabalho e cultura,</b> Eliane Domingues, Maria Therezinha Loddi Liboni, Nathália Furquim Depieri, Jéssica Santos, Luana Cristina Pinheiro da Silva, Laura Agostinho Ridolfi, Fernanda Gratão Badan, Gabriela Pereira Bernardo.....	115
<b>Projeto de Extensão Rural: Democratização de informações através da disciplina de Extensão Rural ministrada para discentes das Ciências Agrárias da UEM,</b> Ednaldo Michellon, Vinicius Rampi dos Santos, João Pedro Mariano, Heloise Cornet Neves, Tiago R. da Costa.....	118



<b>PROPAAE/UEM E LABORATÓRIO DE INCLUSÃO DIGITAL: EM DEFESA DA ACESSIBILIDADE E DA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR,</b> Danilo Cerqueira Romano, Isabela Santana de Queiroz, Sonia Mari Shima Barroco, Fernando Wolff Mendonça.....	123
<b>Proposta de Sequência Didática na aula Diferenciada,</b> Kauana Andrade dos Nascimento Souza, Cleiton Feitosa do Nascimento, Gabriel da Cruz Dias, José Cândido de Souza Filho.....	127
<b>Brincando e aprendendo sobre mecânica e acústica no museu dinâmico interdisciplinar – PROMUD,</b> Gabriel Luiz N. Macedo, Emanuel G. de Paula, Luciano C. Gomes.....	132
<b>Visitas específicas ao ambiente de Anatomia Humana do MUDI,</b> Ana P. Silva, Vinícius S. Guizellini, Carla C. de O. Bernardo, Giovana S. Guizelini, Ana P. Vidotti.....	136
<b>Perspectivas do lazer no projeto Escola de Ginástica DEF/UEM: um compromisso com o lúdico,</b> Ronaldo B. Ribeiro, Betânia R. de Melo, Telma A. P. Martineli, Stefany Cariane da Silva.....	140
<b>Discutindo Cidadania e Matemática a partir do Jogo da Joaquinha Diferente,</b> João Cesar Guirado ; Sandra Regina D’ Antonio Verrengia ; Thalia Pequini Zampirolli.....	144
<b>Educação Ambiental por meio de Animais Taxidermizados no MUDI,</b> Gabriel G. Lopes, Vinícius S. Guizellini, Ana P. Vidotti.....	148
<b>Atividades de Extensão do Centro Regional de Formação em Futebol (CERFUT),</b> Vanessa M. Menegassi, Matheus de O. Jaime, Leandro Rechenchosky, Izabela Castro, Ícaro Miranda, Jaqueline Moreira, Paulo H. Borges, Wilson Rinaldi.....	152
<b>Visitas Específicas a Exposições do MUDI: correlação com conteúdos abordados em sala de aula,</b> Vinícius S. Guizellini, Ana P. Silva, Carla C. de O. Bernardo , Giovana S. Guizelini, Ana P. Vidotti.....	156
<b>A amizade e sua relação com a dinâmica de grupo na iniciação esportiva,</b> Milena Caroline Bergantin.....	160
<b>O MUDI como estratégia para o uso correto de plantas medicinais: Folder ilustrativo.,</b> Fernanda Petrancini Marqui, Adriana Lenita Meyer Albiero, Maria Auxiliadora Milaneze Gutierri.....	166
<b>Laboratórios de Consultoria Econômico/Financeira – PROCONSULT,</b> Maria de Fátima Garcia, Rafael Oberleitner Crozatti, Anderson Prudente Francisco.....	170
<b>Experiências Matemáticas,</b> Karine da S. Macedo, Isabella M. Sanches, Beatriz R. Saraiva, Eduardo de A. Neves, Mariana M. Barroso.....	172

## ÁREA TÊMÁTICA: MEIO AMBIENTE

<b>Coleta de colônias e enxames de abelhas na zona urbana de Maringá-PR,</b> Alessandra F. Gonçalves, Cláudio G. da Silva Júnior, Pedro da Rosa Santos, Vagner de Alencar Arnaut de Toledo.....	1
<b>Super-heróis como mote para popularização da ciência sobre o tema morcegos,</b> Camila Sant’Anna dos Santos, Raniere Clara da Silva Oliveira, Pedro Henrique Bustos Morais, Henrique Ortêncio Filho.....	4
<b>Divulgar ciência para sensibilizar a conservação dos riachos urbanos: projeto SOS Riachos de Maringá,</b> Daniela Maria Sandoli, Bárbara Angélio Quirino, Matheus Maximilian Ratz Scoarize, Gislaine Iachstel Manetta, Evanilde Benedito.....	8
<b>A educação ambiental no Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI): o caso do laboratório de Botânica,</b> Mateus Oka, Maria Auxiliadora Milaneze-Gutierrez.....	12
<b>SOS Riachos de Maringá,</b> Matheus M. R. Scoarize, Daniela M. Sandoli, Solange M. D. da Silva, Evanilde Benedito.....	15
<b>Educação ambiental em espaços formais e não formais,</b> Nicolli Cristina Osório, Daniela Maria Sandoli, Ana Carolina da Silva Charbem Aarão, Louise Cristina Gomes, Camila Gentilin Bilia, Solange Marques Domingos da Silva, Matheus Maximilian Ratz Scoarize, Evanilde Benedito.....	19
<b>Programa Paraná Mais Orgânico – Resultados de 01 de julho de 2016 a 31 de Maio de 2018,</b> Ednaldo Michellon, Jaqueline da Silva Rosa, Heloise Cornet Neves.....	24
<b>Modelo didático de botânica no Museu Dinâmico Interdisciplinar da UEM: o cultivo in vitro de orquídeas e bromélias,</b> Jonson R. Farias Junior, Maria A. Milaneze- Gutierrez.....	28
<b>A relação entre as bromélias e a dengue.</b> Carolina S. Colombo, Maria Auxiliadora M. Gutierrez.....	32

## ÁREA TÊMÁTICA: SAÚDE

<b>A prática do Badminton no Núcleo de Atividades Físicas, Esportivas e Recreativa da UEM/PR</b> , Bruno Nicolau Cerine da Cruz, Gabriel Henrique Ornaghi de Araujo, Marcelo da Silva Villas Bôas, Welton Gustavo de Souza Pintor.....	1
<b>ACIDENTES E IDENTIFICAÇÕES DE ANIMAIS PEÇONHENTOS. MARINGÁ, 2017.</b> Aline de Oliveira Barbosa, Gabriel Leonardo dos Santos, Magda Lúcia Félix de Oliveira, Erivelto Goulart.....	4
<b>ACOMPANHAMENTO DE GESTANTES COM SUSPEITA DE TOXOPLASMOSE NO AMBULATÓRIO DE ESPECIALIDADE DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ</b> , Keller Karla de Lima, Fernanda Evangelista Ferreira, Cristiane de Oliveira Riedo, Deise Serafim.....	7
<b>A IMPORTÂNCIA DO RELATO DE EXPERIÊNCIA COMO METODOLOGIA PARA PESQUISA CIENTÍFICA</b> , Aghata Larissa da Silva Vilar, Thaianne da Silva Candido, Elizandra Pasian, Vanessa Carla Batista, Luana Cristina Bellini, Sonia Silva Marcon.....	11
<b>Perfil das reações adversas dermatológicas relacionadas a medicamentos no HUM</b> , Alan Fernando Nonato Silva, Caroline Vieira da Silva, Tayná Tomitão Ito, Maria Valéria do Nascimento, Zenilda Soares Beltrami, José Gilberto Pereira, Paulo Roberto Donadio, Simone Tomas Gonçalves, Gisleine E.C. da Silva, Estela Louro.....	14
<b>Eficácia do Alginato de Cálcio no Processo de Cicatrização de Lesão Tecidual</b> , Camila Matos de Jesus Bulcão, Tainara Gallina Mazotti, Regina Lucia Dalla Torre Silva.....	17
<b>AVALIAÇÃO DA AUTOESTIMA EM PESSOAS COM DIABETES MELLITUS E HIPERTENSÃO ARTERIAL SISTÊMICA</b> , Amanda de Oliveira Vasconcelos, Vanessa Carla Batista, Ivi Ribeiro Back, Maria Emília Grassi Busto Miguel, Sonia Silva Marcon.....	21
<b>O processo de divulgação/editoração científica na visão de uma bolsista: Revista Ciência, Cuidado e Saúde</b> , Sueli Mutsumi Tsukuda Ichisato, Ana Paula Romeiro de Oliveira.....	26
<b>VISITA DOMICILIAR AO INTOXICADO POR AUTO INTOXICAÇÃO: DADOS DE 2017</b> , Bruno Toso Andujar, Desirée Marata Gesualdi, Jullye Mardegan, Jessica Torquetti Heberle, Jessica Sanches da Silva, Magda Lúcia Félix de Oliveira....	29
<b>A utilização de uma Tecnologia Digital de Informação e Comunicação como instrumento para o planejamento da educação continuada na visita domiciliar</b> , Camila Moraes Garollo, Verônica Francisqueti Marquete, Josane Rosenilda da Costa, Sonia Silva Marcon.....	32

<b>Eventos adversos no Hospital Universitário Regional de Maringá</b> , Alan Fernando Nonato, Caroline Vieira da Silva, Tayná Tomitão Ito, Zenilda Soares Beltrami, José Gilberto Pereira, Paulo Roberto Donadio, Simone Tomas Gonçalves, Estela Louro.....	35
<b>Clown: professor humanizador</b> , Cely C. M. Gonçalves, Ieda H. Igarashi, Pedro C. A. Ochôa, Giovana F. Gandolfo, Caique H. M. Suda, Daisa L.F. Tigre, Vinicio Noda.....	39
<b>Avaliação da eficácia do Curso de Extensão “Qualificação da Gestão do SUS em Saúde Bucal”</b> , Clodoaldo P. Antoniassi, Josely Emiko Umeda, Tânia Harumi Uchida, Mitsue Fujimaki.....	43
<b>Controle Populacional de Cães e Gatos</b> , Ana Beatriz S. Marques, Marilda O. Taffarel..	47
<b>TOXICOVIGILÂNCIA E BUSCA ATIVA: PERFIL DAS NOTIFICAÇÕES DE INTOXICADOS EM UM HOSPITAL ENSINO EM 2017</b> , Denise Raquel dos Santos, Cleiton José Santana, Aline Vieira Menezes, Indaianthan de Kassia Santana Elvira, Sonia Regina Marangoni, Aroldo Gavioli, Magda Lúcia Felix de Oliveira.....	51
<b>Percepção de Usuários sobre a Informação Toxicológica de um Serviço via Remota</b> , Desirée Marata Gesualdi, Lisa Bruna Saraiva de Carvalho, Márcia Regina Jupi Guedes, Magda Lúcia Félix de Oliveira.....	55
<b>Serviço de Informação sobre Medicamentos do HUM: relato de caso</b> , Bruna Gabriele Dias Thomaz, Ágatha Fracasso Stefano, Pollyanna Rina Ferreira da Silva, Gislaine Elisa Cavalcante da Silva, Simone Tomás Gonçalves, Gislaine Franco de Moura Costa, Estela Louro.....	58
<b>Hemoglobinopatias: orientação genética e educacional</b> , Larissa M. K. Ochikubo, Maria de F. A. T. E. de Araújo, Juliana C. Martinichen-Herrero, Tatiana T. Higa, Eliana V. Patussi, Eliana L. T. Shimauti.....	62
<b>Ocorrência de Anemia em Crianças atendidas no LEPAC - UEM em 2017</b> , Eliana Valéria Patussi, Eliana L. T. Shimauti, Juliana C. M. Herrero, Wellington Dias Liziero, Maria de Fátima A. T. E. Araújo.....	66
<b>Caracterização dos autores de artigos originais publicados na Revista “Ciência, Cuidado e Saúde” no Ano de 2017 – resultado de uma atividade extensionista</b> , Elizandra Pasian, Camila Garollo, Aghata Larissa da Silva Vilar, Vanessa Carla Batista, Luana Cristina Bellini, Sonia Silva Marcon.....	70
<b>A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM PROMOÇÃO E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHER</b> , Eloyne Tavares, Camila Matos de Jesus Bulcão, Hortência Machado Irineo, Keila Lumi Sugahara, Sueli Castilho Caparroz.....	74
<b>A institucionalização e suas consequências para a saúde mental do indivíduo idoso</b> , Erika dos Santos Ratuchnei, Verônica Francisqueti Marquete, Sonia Silva Marcon.....	78

<b>Farmácia Hospitalar: avanços da legislação sanitária.</b> Francielly F. da Silva, Patrícia F. O. Donatti, Débora F. Semensato, Alexia M. F. dos Santos, José Gilberto Pereira, Gisleine E. C. da Silva, Estela Louro.....	81
<b>Acidentes ocupacionais com animais peçonhentos notificados ao Centro de Assistência Toxicológica de Maringá - 2017.</b> Gabriel Leonardo dos Santos, Aline de Oliveira Barbosa, Magda Lúcia Félix de Oliveira, Erivelto Goulart.....	85
<b>Projeto Medidas Educativas e Preventivas para pacientes Oncológicos: Blog do Projeto Vida,</b> Mariliani C. da Silva, Gabriella R. Gentil, Isabella M. Zanutto, Ana C.R. Silva.....	88
<b>Feridas neoplásicas: Relato de um projeto de extensão universitária,</b> Helen Cristina Bernardes Martins, Kelly Cristine Piolli Alvarez, Catarina Aparecida Sales, Sonia Silva Marcon, Camila Moraes Garollo, Gabriella Benedetti, Laura Razente Grespan, Kaysa Andreia Genari Fagan.....	92
<b>CONDIÇÕES DE VIDA E SAÚDE NA COMUNIDADE RURAL DE MANDAGUAÇU-PR,</b> Hortência M. Irineo, Gabrieli P. Rissi , Hosanna P. Fertoni, Herbert L. F. Goes.....	95
<b>CISTOS ODONTOGÊNICOS INFLAMATÓRIOS E DE DESENVOLVIMENTO: ESTUDO OBSERVACIONAL E RETROSPECTIVO DE 22 ANOS DOS CASOS DIAGNOSTICADOS NO PROJETO “DIAGNÓSTICO, TRATAMENTO E EPIDEMIOLOGIA DAS DOENÇAS DA CAVIDADE BUCAL – LEBU” DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ.</b> Iago D. da Silva, Lorena J. A. Ortega, Eloise G. Berlin, Paula G.V. Chicora, Matheus C. Veronezzi, Mariliani C. Silva, Elen S. Tolentino.....	99
<b>EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO ODONTOLÓGICO COM RELAÇÃO AOS PACIENTES COM DOENÇA RENAL CRÔNICA,</b> Flávia Matarazzo, Vanessa Veltrini, Neli Peralisi, Ana Carolina Guimarães, Isabela L. Almeida, Monique Cimão.....	103
<b>Palestras Sobre Educação Sexual nas Escolas em 2017,</b> Isabela Vanessa Tavares Cordeiro Silva, Julia Rosa Matias Ciccheto, Nathália Michelan da Silva, Sônia Trannin de Mello.....	107
<b>A Importância das Mídias Sociais Para Se Promover Saúde, Informação, Prevenção a um “click”,</b> Isabella M. Zanutto, Ana C. R. Silva, Gabriella R. Gentil, Mariliani C. da Silva, Lilian V. Iwaki.....	110
<b>Avaliação do risco de queda em idosos residentes no município de Mandaguari/PR,</b> Isadora Gabriella Paschoalotto, Hellen Emília Peruzzo, Sonia Silva Marcon.....	113
<b>Diagnóstico laboratorial da tuberculose e infecções causadas por micobactérias não tuberculosas (2017-2018),</b> Jacqueline Busatta, Larissa F. Rufino dos Santos,	

Luciana Dias Ghiraldi-Lopes, Katiany R. Caleffi-Ferracioli, Regiane Bertin L. Scodro, Vera Lúcia D. Siqueira, Rosilene F. Cardoso.....117

**PREVENÇÃO E CONTROLE DO TABAGISMO POR MEIO DO I CONCURSO DE DESENHO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS PAULO FREIRE E DONA ANGELINA LONARDON MENEGUETTI**, Jhony Rodrigo Viana Tavares, Miyoko Massago, Celso Ivam Conegero.....121

**Promoção de saúde bucal através da educação em higiene bucal**, Katia Miho Toiohara, Carina Gisele Costa Bispo.....125

**Mulheres com câncer: o cuidado paliativo por meio de um projeto de extensão universitária**, Catarina Aparecida Sales; Sonia Silva Marcon; Laura Razente Grespan; Gabriella Michel dos Santos Benedetti; Kelly Piolli.....128

**Equilíbrio entre medidas preventivas e curativas: inserção de ações em saúde bucal junto à Pastoral da Criança nos municípios de Mandaguari e Sarandi – PR**, Vanessa C. Veltrini, Flávia M. Martins, Camila F. Vasconcelos, Carla M. Ricken, Laura M. Molina, Maicom C. Júnior, Wesley S. Petyk, Bruna X. Bezerra, Diogo H. Nakaie, Isabela I. Kussaba, Isabela R. G. Silva, Kamilla E. Souza, Maysa Koster, Claudio F. S. Junior, Leonardo A. Delanora, Samuel de L. Kaik, Giovana R. Oliveira, Tatiani Just, Letícia C. Ceron.....132

**Utilização do ensino a distância como forma de proporcionar atualização e suporte aos profissionais que dão atendimento aos pacientes do SUS**, Sérgio Sábio, Loiana Luppi, Ana Cláudia Ramin Silva.....136

**Levantamento dos atendimentos realizados no projeto de extensão: LEBU - Diagnóstico, tratamento e epidemiologia das doenças da cavidade bucal de janeiro de 2017 junho de 2018**, Lorena J. A. Ortega, Eloise G. Berlin, Matheus C. Veronezzi, Iago Perini, Paula G. V. Chicora, Elen S. Tolentino, Mariliani C. Silva.....140

**MUDI – Horto de Plantas Medicinais: Interagindo com a comunidade**, Luana Rafaela Gonçalves Minella, Maria Auxiliadora Milaneze-Gutierre, Maria Aparecida Sert.....144

**CONHECIMENTO DOS MALEFÍCIOS OCASIONADOS PELO TABAGISMO POR MEIO DO NARGUILÉ ENTRE OS ACADÊMICOS DO PRIMEIRO ANO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UEM**, Luiz F. C. Marinho, Miyoko Massago, Idalina D. R. Carolino, Celso I. Conegero.....148

**Aplicabilidade de um instrumento de estratificação em saúde mental por um projeto de extensão**, Thais Ritter de Souza, Allana Roberta da Silva Pontes, Fernanda Pedersoli Lopes, Isabela Caroline Salazar, Thainara Misael de Santana, Marcelle Paiano.....152

<b>Avaliação do nível de conhecimento sobre o câncer de mama pelos acadêmicos do primeiro ano de cursos da área da saúde</b> , Alice Maria de Souza Kaneshima, Edilson Nobuyoshi Kaneshima, Tânia Cristina Alexandrino Becker, Priscilla de Laet Santana, Taiana Varela Ferreira, Ana Beatriz Camillo Santos, Maria Eduarda Gomes Dada.....	156
<b>Orientações de Enfermagem frente aos Mitos e Tabus sobre o Aleitamento Materno</b> , Julia Rosa Matias Ciccheto, Francieli Silva de Oliveira Trombelli, Larissa Silva Bergantini, Heloisa Gomes de Farias, Rafaela Carolina Nascimento Filus, Beatris Moraes Benfica, Sueli Mutsumi Tsukuda Ichisato.....	160
<b>Êxito no abandono do vício pelos pacientes atendidos em um centro de tratamentos aos tabagistas no norte do Paraná</b> , Miyoko Massago, Sumiko Massago, Idalina D. R. Carolino, Celso I Conegero.....	164
<b>CONSUMO DO TABACO POR MEIO DO NARGUILÉ ENTRE OS ACADÊMICOS DO PRIMEIRO ANO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UEM</b> , Miyoko Massago, Luiz F. C. Marinho, Celso I. Conegero, Idalina D. R. Carolino.....	168
<b>Perfil dos portadores de AIDS no Brasil no período de 2013-2017</b> , Nitza Ferreira Muniz, Verônica Francisqueti Marquete, Rosana Rosseto de Oliveira, Sonia Silva Marcon, Maria Antonia Ramos Costa.....	172
<b>O uso de colutórios na mucosite por quimioterapia antineoplásica</b> , Mariana Vieira H. Manfiolli, Mariliani C. da Silva, Elen S. Tolentino, Lilian Cristina V. Iwaki, Mailon C. Carneiro, Bruna Zinhani, Fernanda A. Costa, Erica A. Hoshino, Neli Perialisi.....	175
<b>OCORRÊNCIA DE ANEMIA EM IDOSOS NO ANO DE 2017</b> , Wellington Dias Lizeiro, Eliana L. Tomimatsu Shimauti, Eliana Valéria Patussi, Maria de Fátima A. Truiti, Estevam Araújo, Juliana Curi Martinichen Herrero.....	179
<b>BUSCA ATIVA DE CASOS DE TENTATIVA DE SUICÍDIO EM UM HOSPITAL ENSINO</b> , Paola Kallyanna Guarneri Carvalho de Lima, Jéssica Sanches da Silva, Jéssica Torquetti Heberle, Sarah Casali Cordeiro, Aline Santti Valentim, Adriana Giovanini Barbieri, Mariluci Camargo Labegalini, Hellen Carla Rickli, Magda Lúcia Félix de Oliveira.....	183
<b>HÁ CORRELAÇÃO ENTRE O GRAU DE DEPENDÊNCIA E USO DE FÁRMACOS ANTITABAGISMO?</b> Patricia Sayuri Nagamatsu, Miyoko Massago, Idalina D. R. Carolino, Celso I. Conegero.....	187
<b>Levantamento epidemiológico das biópsias realizadas entre Janeiro de 2017 a Junho de 2018 no projeto de extensão “Diagnóstico, tratamento e epidemiologia das doenças da cavidade bucal – LEBU”</b> , Matheus C. Veronezzi, Paula G.V. Chicora, Eloise G. Berlin, Iago D. da Silva, Lorena J. A. Ortega, Mariliani C. Silva, Elen S. Tolentino.....	191

<b>Perfil da Informação Passiva prestada pelo Serviço de Informação sobre Medicamentos do Hospital Universitário de Maringá (SIM-HUM), Pollyanna Rina Ferreira da Silva, Bruna Gabriele Dias Thomaz, Ágatha Fracasso Stefano, Gisleine Elisa Cavalcante da Silva, Gislaine Franco de Moura Costa, Simone Tomás Gonçalves, Estela Louro.....</b>	<b>195</b>
<b>Reabilitação oral de pacientes com edentulismo total e parcial, Sérgio Sábio, Eduardo Kurihara, Henrique Ferreira de Freitas Miranda, Ana Cláudia Ramin Silva, Loiana Luppi.....</b>	<b>199</b>
<b>Assistência domiciliar a paciente com neoplasia mamária: um relato de experiência, Rebeca Rosa de Souza, Josiane Cristina Santiago, Mayara Maria Johann Batista Fischer, Viviane Cazetta de Lima Vieira, Sonia Silva Marcon.....</b>	<b>203</b>
<b>Relato de experiência sobre a importância da humanização e olhar ampliado durante a visita domiciliar, Leandro Henrique da Silva, Jonas Henrique Dias Vasconcelos Lopes de Oliveira, Verônica Francisqueti Marquete, Sonia Silva Marcon.....</b>	<b>207</b>
<b>Gangrena de Fournier: relato de casos atendidos no ambulatório do Hospital Universitário de Maringá, Maria Emília Grassi Busto Miguel, Jorseli Angela Henrique Coimbra, Isabelle Cristine Figueiredo Matozo, Regina Lúcia Dalla Torre Silva.....</b>	<b>210</b>
<b>RISCO SOCIAL FAMILIAR DE EGRESSOS DE INTOXICAÇÃO ASSISTIDOS POR UM PROGRAMA DE VISITA DOMICILIAR, Martina Mesquita Tonon, Tuanny Kitagawa, Allana Roberto da Silva Pontes, Mirella Machado Ortiz, Desirée Marata Gesualdi, Magda Lúcia Félix de Oliveira.....</b>	<b>214</b>
<b>Análise descritiva de dados referentes à hipertensão arterial em servidores de uma universidade pública, Idalina Diair R. Carolino, Sabrina Roquette, Beatriz Medeiros Gurgel, Letícia de Oliveira Raposo, Guilherme Galerani Mossini, Beatriz Hiromi Ishikawa, Giovana Fidelis Conti, Juliana Crivoi Fiori, Iara de Matos Lessa.....</b>	<b>218</b>
<b>O Espaço Segundo Cérebro: determinação do perfil de visitantes no período de um ano, Guilherme de L. Simplício, Fabiana G. M. Lima, Sabrina S. Sestak, Ana Paula Silva, Vinícius S. Guizellini, Jacqueline N. Zanoni.....</b>	<b>221</b>
<b>Avaliação da Ingestão Proteica em Pacientes Litiásicos, Aline Savam, Franciele de A. Nascimento, Idalina Diair Regla Carolino, Márcia R. N. de Oliveira .....</b>	<b>224</b>
<b>ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS VÍTIMAS DE FERIMENTO POR ARMA DE FOGO ATENDIDAS PELO SAMU NORTE NOVO PARANÁ, Elizabeth A. da S. Valsecchi, Lashayane E. Dias.....</b>	<b>228</b>
<b>Visita Domiciliar ao Intoxicado em 2017: Dados da Equipe de Enfermagem, Paulo Vitor Vicente Rosado, Allana Roberta da Silva Pontes, Eloísa Leardini Pires, Martina Mesquita Tonon, Ohana Panatto Rosa5, Mirella Machado Ortiz, Tuanny Kitagawa, Camila Cristiane Formaggi Sales, Magda Lúcia Félix de Oliveira.....</b>	<b>232</b>



<b>Erro de medicação: relato de caso</b> , Maria Valéria de Oliveira Nascimento, Alan Fernando Nonato Silva, Tayná Tomitão Ito, Gisleine Elisa Cavalcante Silva, Zenilda Soares Beltrami, Paulo Roberto Donadio, Simone Tomás Gonçalves, Estela Louro...	236
<b>Projeto Pequenos Gestos, Grandes Sorrisos: Palestras Promovendo Saúde Bucal na Clínica Odontológica da UEM e Comunidade Externa</b> , Suelen R. B. de Oliveira, Carla M. Ricken, Mariliani C. da Silva, Elen de S. Tolentino, Suzana Goya.....	240
<b>Estabelecimento de estratégias de intervenção nutricional junto às famílias atendidas por uma Unidade Básica de Saúde de Maringá a partir do nível de percepção dos acadêmicos em relação à atuação dos fatores preventivos ou de risco no desenvolvimento ou não do câncer</b> , Taiana Varela Ferreira, Ana Beatriz Camillo Santos, Maria Eduarda Gomes Dada, Edilson Nobuyoshi Kaneshima, Tânia Alexandrino Becher, Alice Maria de Souza Kaneshima.....	244
<b>Projeto de extensão: “Atenção odontológica a pacientes quimioterápicos e radioterápicos de 2009 a maio de 2018”</b> . Tatiana E. Matsushita, Elen S. Tolentino, Lílian C. V. Iwaki, Mariliani C. Da Silva, Carla F. de Barro, Mailon C. Carneiro, Bruna Zinhani, Fernanda A. Costa, Rafael T. B. Rego, Neli Pieralisi.....	248
<b>TEMPO DE REAÇÃO MANUAL EM PRATICANTES DE TÊNIS DE MESA DA TERCEIRA IDADE</b> , Pedro Paulo Deprá, Gustavo Henrique de Oliveira, André Rafael Silva Brão, Fellipe Bandeira Lima.....	252
<b>Famílias de pacientes com câncer em cuidados paliativos acompanhadas por um projeto de extensão universitária</b> , Sonia Silva Marcon, Catarina Aparecida Sales, Laura Razente Grespan, Hellen Cristina Bernardes Martins, Tiago Anderson Machado Teixeira, Gabriella Michel dos Santos Benedetti, Kelly Piolli, Kaysa Andréia Genari Fagan.....	256
<b>Treinamento multimodal para pessoas da terceira idade</b> , Alexandre M. Silveira, Telma A. P. Martineli, Felipe O. Matos, Layssa G. Souza, Jovelina C. A. dos Santos .....	260
<b>A Puericultura no contexto extensionista e da promoção da saúde infantil</b> , Ieda Harumi Higarashi, Bianca Machado Cruz Shibukawa, Vitória Isabelle Silva Araújo..	264
<b>INCIDÊNCIA DO USO DO NARGUILÉ PELOS VISITANTES DA EXPOSIÇÃO DO PROJETO TABAGISMO DO MUSEU DINÂMICO INTERDISCIPLINAR DA UEM</b> . Giovanna Andretto, Miyoko Massago, Celso I. Conegero, Idalina D. R. Carolino.....	267
<b>Avaliação da Ingestão Proteica em Pacientes Litiásicos</b> . Aline Savam, Franciele de A. Nascimento, Idalina Diair Regla Carolino, Márcia R. N. de Oliveira.....	271

## ÁREA TÊMÁTICA: TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

<b>A contribuição do CerAUP/UEM e das Hortas Comunitárias na transformação de comunidades urbanas</b> , Ednaldo Michellon, Heloise Cornete Neves, João Pedro Mariano dos Santos, Vinicius Rampi dos Santos.....	1
<b>Eficácia Anti-Helmíntica De Formulações Comerciais, Pertencentes A Diferentes Grupos Químicos Contra Nematódeos Gastrintestinais De Ovinos</b> , Bruna A. Torres, Ana R. G. de Almeida; Antonio C. Martinez, Claudio A. M. Sakamoto .....	5
<b>Divulgação Científica a Partir de Sistema Eletrônico de Editoração</b> , Raíssa F. Juvêncio, Bruno G. S. R. da Silva, Olívia T. Oiko, Gilberto C. Antonelli.....	9
<b>Produção de Alimentos Seguros na Região Noroeste do Paraná</b> , Juliana Scanavacca, Juliana B. Ruiz, Lidaiane dos Santos Franciscato.....	13
<b>Questionário como avaliação de aprendizado de uma tarde de campo sobre ovinos</b> , Antonio Campanha Martinez, Stella Maris Teobaldo Tironi, Karen Tiemi Akashi, Luan Sitó da Silva, Gabriela de Almeida, Bruna Letícia Silva.....	17
<b>ORIENTAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DE RECEITAS UTILIZANDO ALIMENTOS FUNCIONAIS, PADRONIZAÇÃO DE RÓTULOS E EMBALAGENS EM EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS (EES) NO NORTE-NOROESTE DO PARANÁ</b> , Luciane Kawashima Hisano, Monica Regina da Silva Scapim, Mara Lucy Castilho, Thaís Taniguti Hinobu, Okelyton Ayres Pacheco, Vitoria Clemente R. de Moraes, Murilo Florentino Andriato, Terezinha Scarabel.....	21

## **ÁREA TÊMÁTICA: TRABALHO**

<b>USO DE DERIVADOS DE TABACO POR TRABALHADORAS DE ENFERMAGEM EM UNIDADE HOSPITALAR</b> , Magda Lúcia Félix de Oliveira, Beatriz Ferreira Martins, Bruna Diana Alves, Aroldo Gavioli, Sônia Regina Marangoni, Bruna Portes Maciel, Eduardo Mitsukaki Panice Kakuda, Aline Vieira Menezes.....	1
<b>REDE DE DINAMIZAÇÃO DAS FEIRAS DA AGRICULTURA FAMILIAR – REDIFEIRA: O CASO DA REUNIÃO DE DINAMIZAÇÃO DA FEIRA DO PRODUTOR DE MARIALVA-PR</b> , Ednaldo Michellon, Amanda F. Correia, Anne C. Bernardino, Tiago Ribeiro da Costa, Dayse Maria Bernardo Maricato.....	5
<b>Identidade Cultural e Regional refletida na Alimentação e no Artesanato: a Experiência da Feira de Economia Solidária</b> , Thaís Taniguti Hinobu, Mara Lucy Castilho.....	9

## **ÁREA TÊMÁTICA: COMUNICAÇÃO**

# ArqMUDI - Sistematização e divulgação de artigos em revista

## Área Temática: Comunicação

Isabela Caroline Horita<sup>1</sup>, <sup>2</sup>Ana P. Vidotti,<sup>3</sup>Carmem Patricia Barbosa <sup>4</sup>Larissa Renata de Oliveira Bianchi

<sup>1</sup>Aluna do Curso de Odontologia - UEM, bolsista da DEX/UEM, contato:bela\_horita@hotmail.com

<sup>2</sup>Profa. Departamento de Ciências Morfológicas – DCM/UEM; Museu Dinâmico Interdisciplinar – MUDI/UEMI, contato: apvidott@uem.br

<sup>3</sup>Profa. Departamento de Ciências Morfológicas – DCM/UEM, contato: carmemmec1@gmail.com

<sup>4</sup>Profa. Departamento de Ciências Morfológicas – DCM/UEM, contato: larissarenataoliveira@yahoo.com.br

**Resumo.** *A Revista Arquivos do Museu Dinâmico Interdisciplinar – ArqMUDI tem como meta facilitar o acesso de seus leitores ao conhecimento, à cultura e ao saber, levando-os a desejar compreender mais do universo em que coabitamos e disseminando os trabalhos realizados nas instituições de Ensino Superior para os diferentes níveis de Educação, aproximando-os. No ano de 2017 publicou-se os volumes 20(3) 2016, 21(1) 2017, 21(2) 2017e 21(3) 2017, totalizando 38 trabalhos. Para 2018 o volume 22 (1) com 5 trabalhos está no ar e os próximos estão em andamento, para manter a publicação periódica da revista bem como as adequações das demais exigências da ABEC para revistas eletrônicas estão sendo providenciadas.*

**Palavras chave:** divulgação científica, museus de ciências, publicação eletrônica

## 1. Introdução

Indiscutivelmente, a rede de internet tem sido uma enorme facilitadora de meio de comunicação no Brasil e no mundo. Dessa forma, entre as características de uma publicação periódica científica está a edição planejada, isto é, publicada em período de tempo previamente definido e continuidade por tempo indeterminado. Entre as vantagens de as publicações periódicas científicas estarem disponíveis online é a possibilidade de disponibilizar todas as edições ao leitor, o qual pode acessar e acompanhar as atualidades de sua revista. Cabe ao editor agregar ferramentas das redes sociais para dinamizar o acesso aos conteúdos publicados, desde informar os artigos recém-publicados, lançamentos das edições completas e até mesmo chamadas de textos para manter o fluxo da publicação. Certamente inúmeros desafios permeiam o cotidiano do editor. Seguir recomendações das áreas, padronização da revista, o recebimento dos originais, a escolha dos avaliadores, o apoio da equipe técnica e a busca permanente de originais inéditos são alguns deles. A utilização do meio eletrônico na comunicação entre pesquisadores, de acordo com Oliveira (2008), é considerada comum nos dias atuais, já que desde sua criação, a internet foi utilizada pelos mesmos para o intercâmbio de informações, uma vez que seu formato de rede permite o compartilhamento e a interatividade entre a comunidade científica. As revistas científicas de divulgação online oferecem uma vantagem sobre as mídias impressas, pois têm como características principais: o fácil acesso, busca simplificada, atualizações imediatas, integração de mídias diversas, facilidade de publicação, compartilhamento de

informações, entre outras. Um exemplo de periódico eletrônico é a revista Arquivos do Museu Dinâmico Interdisciplinar (ArqMUDI), que tem como objetivo encurtar o caminho entre a produção do conhecimento científico e a popularização do mesmo. O Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI), localizado no campus sede da Universidade Estadual de Maringá, atua como um centro de educação não formal trazendo a divulgação científica para a comunidade. Por meio de exposições e ambientes de variados temas como Física, Química, Botânica, Matemática, entre outros, o MUDI conta com mediadores que ajudam a divulgar o conhecimento científico, por meio de apresentações dinâmicas e desenvolvimento de experimentos.

## **2. Desenvolvimento**

As revistas científicas são os principais meios para pesquisa bibliográfica e a divulgação das pesquisas científicas (CAMPOS, 2003; ARENAS; GARCÍA; ESPASANDÍN, 2001; TAHAI; MEYER, 1999; VILHENA; CRESTANA, 2002), pois apresentam os principais resultados dos questionamentos e constituem insumos para novas investigações (ROMANCINI, 2004). Estas Revistas têm por finalidade alcançar um público alvo periodicamente através de publicações e ou matérias que sejam interessante para determinada faixa etária. Assim, a Revista ArquiMUDI, traz regularmente por meio do portal de periódicos da UEM - no endereço eletrônico [www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/arqmudi/index](http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/arqmudi/index), suas publicações a fim de servir de meio de interlocução entre as pesquisas realizadas nas instituições de ensino superior e o público em geral. O projeto contou neste período de apresentação do trabalho com a atuação efetiva de quatro docentes do Magistério Superior da UEM com carga horária semanal de quatro horas e meia e dois discentes bolsistas da UEM com carga horária semanal de dezesseis horas semanais. A área de abrangência da revista é de nível nacional e no ano de 2017 publicou-se o volume 20(3) 2016, com seis artigos; o volume 21(1) 2017 com três artigos completos, dois artigos contendo jogos ou práticas de laboratório; o volume 21(2) 2017 com três artigos completos, um artigo contendo jogos ou práticas de laboratório e um suplemento com resumos da III Jornada de Iniciação Científica do CRG/UEM e o volume 21(3) 2017 dedicado aos 22 resumos expandidos aprovados para participação do Simpósio promovido pelo Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência e Matemática da Universidade Estadual de Maringá - PCM/UEM. Para o ano de 2018 o volume 22(1) está no ar com dois artigos científicos, dois artigos de revisão e um artigo contendo jogos ou práticas de laboratório. Os demais volumes estão em preparação para manter a publicação periódica da revista bem como adequação das demais exigências da ABEC para revistas eletrônicas. Os resultados são positivos, visto que acabou-se com o atraso dos volumes de publicação da Revista. Trabalho gratificante colocando a comunidade em contato com as atividades desenvolvidas no âmbito acadêmico, principalmente as de cunho científico e de prática para o dia a dia de cada uma delas. Além disso, foi possível aprimorar conhecimento na área de editoração.

## **3. Considerações Finais**

As revistas científicas são os principais meios para pesquisa bibliográfica e a divulgação das pesquisas científicas (CAMPOS, 2003; ARENAS; GARCÍA; ESPASANDÍN, 2001; TAHAI; MEYER, 1999; VILHENA; CRESTANA, 2002), pois apresentam os principais resultados dos questionamentos e constituem insumos para novas investigações (ROMANCINI, 2004). Estas Revistas têm por finalidade alcançar um público alvo periodicamente através de publicações e ou matérias que sejam

interessante para determinada faixa etária. Assim, a Revista ArquiMUDI, traz regularmente por meio do portal de periódicos da UEM - no endereço eletrônico [www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/arqmudi/index](http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/arqmudi/index), suas publicações a fim de servir de meio de interlocução entre as pesquisas realizadas nas instituições de ensino superior e o público em geral. O projeto contou neste período de apresentação do trabalho com a atuação efetiva de quatro docentes do Magistério Superior da UEM com carga horária semanal de quatro horas e meia e dois discentes bolsistas da UEM com carga horária semanal de dezesseis horas semanais. A área de abrangência da revista é de nível nacional e no ano de 2017 publicou-se o volume 20(3) 2016, com seis artigos; o volume 21(1) 2017 com três artigos completos, dois artigos contendo jogos ou práticas de laboratório; o volume 21(2) 2017 com três artigos completos, um artigo contendo jogos ou práticas de laboratório e um suplemento com resumos da III Jornada de Iniciação Científica do CRG/UEM e o volume 21(3) 2017 dedicado aos 22 resumos expandidos aprovados para participação do Simpósio promovido pelo Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência e Matemática da Universidade Estadual de Maringá - PCM/UEM. Para o ano de 2018 o volume 22(1) está no ar com dois artigos científicos, dois artigos de revisão e um artigo contendo jogos ou práticas de laboratório. Os demais volumes estão em preparação para manter a publicação periódica da revista bem como adequação das demais exigências da ABEC para revistas eletrônicas. Os resultados são positivos, visto que acabou-se com o atraso dos volumes de publicação da Revista. Trabalho gratificante colocando a comunidade em contato com as atividades desenvolvidas no âmbito acadêmico, principalmente as de cunho científico e de prática para o dia a dia de cada uma delas. Além disso, foi possível aprimorar conhecimento na área de editoração.

#### 4. Referências

IMPORTÂNCIA DA HIERARQUIZAÇÃO DAS REVISTAS CIENTÍFICAS: RESULTADOS DE UMA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA NO BRASIL E PROPOSTA DE UM MÉTODO DE PESQUISA BIBLIOGRÁFICA. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-adid-0069.pdf>. Acesso em 22 de julho de 2018, as 17:15;

(ARENAS et al., 2001; BADEN-FULLER; RAVAZZOLO; SCHWEIZER, 2000; GEARY; MARRIOTT; ROWLINSON, 2004; HOLSAPPLE; JOHNSON; MANAKYAN; TANNER, 1994; MYLONOPOULOS; THEOHARAKIS, 2001; PEFFERS; YA, 2003; PODSAKOFF et al., 2005; RAINER JR.; MILLER, 2005; TAHAI; MEYER, 1999). (VALIELA; MARTINETTO, 2005), (MAGAREY, 2001; PODSAKOFF; MACKENZIE; BACHRACH; PODSAKOFF, 2005; TAHAI; MEYER, 1999) (CAMPOS, 2003; ARENAS; GARCÍA; ESPASANDÍN, 2001; TAHAI; MEYER, 1999; VILHENA; CRESTANA, 2002), (ROMANCINI, 2004).

A publicação científica. Disponível em: <https://publicient.hypotheses.org/tag/revistas-cientificas-brasileiras>. Acesso em: 22 de julho de 2018

Revistas científicas eletrônicas: discussão em sete momentos. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652011000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652011000100009) <https://www.periodicosdeminas.ufmg.br/o-que-sao-revistas-cientificas-predatorias/> <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/40762>. Acesso em 22 de julho de 2018

# A importância da participação dos alunos de graduação nos projetos de extensão.

Área Temática: Comunicação

Leonardo M. Guzzoni<sup>1</sup>, Polyanna A. Costa<sup>2</sup>, Fabio L. Grassi<sup>3</sup>, Vagner B. Martins<sup>4</sup>,  
Dioclecio M. Camelo<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Aluno do curso de Design UEM, contato: leonardo\_guzzoni@hotmail.com

<sup>2</sup>Aluna do curso de Design UEM, bolsa extensão, contato: polyastrath@gmail.com

<sup>3</sup>Prof. Depto de Design e Moda – DDM/UEM, contato: flgrassi@uem.br

<sup>4</sup>Prof. Depto de Design e Moda – DDM/UEM,

contato:basqueroto.martins@gmail.com <sup>5</sup>Prof. Depto de Design e Moda – DDM/UEM,  
contato: dioclecio@hotmail.com

***Resumo.** Este artigo descreve a importância da participação de alunos de graduação em projetos de extensão, sendo esta fundamental para o desenvolvimento dos acadêmicos e da Universidade, na geração de conteúdos e habilidades que estão diretamente ligados ao curso, ao mercado de trabalho e a comunidade externa. O projeto em questão criou, desenvolve e mantém o site do Curso de Design da UEM - Campus Regional de Cianorte, que, além de constantemente, trazer informações e acontecimentos do curso, ainda consegue divulgar outros projetos do campus e fazer correlações com a comunidade externa sobre os benefícios do curso ofertado na cidade e sua contribuição para o desenvolvimento local e regional.*

**Palavras-chave:** Site – Design UEM – Projeto de extensão

## 1. Projeto

Projeto é uma palavra que, segundo o Dicionário Aurélio Online de Português (2018), originada do termo em latim *projectum*, que significa “algo lançado à frente”. Assim, projeto é um documento elaborado, no qual são apresentadas as ideias centrais de pesquisa. No projeto de pesquisa, áreas como o tema, formulação do problema, objetivos, metodologia adotada na pesquisa, são abordadas no sentido de organizar e direcionar estudos e grupos. Neste contexto, podem ser citados também outros dois alicerces da universidade: o ensino e os projetos de extensão, de modo a compor o tripé interdepende que faz avançar e traz benefícios para a comunidade interna e a sociedade.

## 2. Projeto de Extensão

Um projeto de extensão, em sua essência, é a prática do conhecimento adquirido com o ensino e a pesquisa, na aplicação dos mesmos para que docentes e discentes possam trocar experiências e juntos construir resultados que possam contribuir com a melhoria de vida das pessoas na sociedade e no contexto ao qual a universidade faz parte. A extensão universitária, talvez uma das estruturas menos abordadas e conhecidas tem, também, como objetivo incluir e acolher a comunidade dentro da universidade (CHEDID, 2018).

A participação da comunidade e dos alunos é essencial para o funcionamento dos projetos de extensão, uma vez que fazem parte do público-alvo ao qual os projetos são destinados. Deste modo, os projetos de extensão atingem os interessados que estejam dentro do perfil esperado ou de alguém que possa vir a ter interesse pelo curso ou



eventos organizados pelo mesmo, tornando a participação em projetos fundamental para que a relação comunidade-universidade se fortaleça (CHEDID, 2018).

### **3. O Projeto do Site do Curso de Design da UEM**

Criado inicialmente para informar e divulgar à comunidade interna sobre as atividades da graduação, o site do Curso de Design da UEM (Figura 01) conseguiu conquistar um público cativo, que busca saber o que está acontecendo no curso. Desta forma, tornou-se uma conexão do curso com os alunos e vice-versa, sendo uma fonte de compartilhamento que tem, além do que já foi citado, um outro diferencial: a vinculação com os demais projetos do Campus de Cianorte. Pois, a partir de postagens do site e da rede social do curso, consegue-se atingir um público maior, desde alunos recém formados do Design e de outros cursos, a empresas interessadas em parcerias com o curso ou na contratação de alunos, como estagiários ou funcionários.



**Figura 01 - Site DDM - UEM Design Atual**

**Fonte: o autor (2018)**

Em sua fase inicial, quando se estava criando o site, poucos alunos se interessaram em colaborar com a criação de conteúdo. Entretanto, atualmente, a busca aumentou, sendo que no ano de 2018 houveram oito interessados para a vaga de discente, número superior aos demais anos, onde, em média, havia três candidatas. Com o aumento no interesse pelo projeto, o retorno dos alunos que buscam por informações sobre o curso também aumentou. Aqueles que já apresentavam um conhecimento prévio do conteúdo do site, que é uma fonte de suma importância para os vestibulandos, além de buscar informações no site, encontram a página do curso no Facebook (Figura 02), o que possibilita uma troca direta de informações com docentes e discentes. Diante desta crescente procura pelas mídias digitais sobre o curso, o layout está em processo de alteração, visando facilitar a interface e efetivar uma identidade visual para o curso.



**Figura 02 - Página Design UEM no Facebook**

**Fonte: o autor (2018)**

### **4. A importância dos projetos para os alunos**

Os projetos de extensão universitária são oportunidades que possibilitam aos discentes e docentes maior contato e vivência prática de elementos do mercado de trabalho (Figura 03), sendo um dos caminhos para desenvolver uma formação acadêmica completa, que integra a teoria e a prática em uma comunicação com a sociedade, possibilitando uma troca de saberes mútua. São essas ações que conduzem a socialização e a construção de novos conhecimentos (MANCHUR, 2013).



**Figura 03 - Troca de conhecimento entre docente e discente.**

**Fonte: o autor (2018)**

A extensão universitária possibilita ao acadêmico a experiência do contato entre o aprendizado na universidade e a aplicabilidade de sua profissão na sociedade, além da troca de vivências com professores que conhecem a prática e a teoria com embasamento. Neste contexto o projeto de extensão promove a inserção do acadêmico no seu ambiente de trabalho, conduz para a sua futura carreira e enriquece seu intelecto, sendo de extrema importância para a formação ( MANCHUR, 2013).

Segundo Paulo Freire (1987, p. 39): “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, por isso é importante para os acadêmicos a participação nos projetos.

## **5. Considerações finais**

De acordo com as informações apresentadas, nota-se a importância para a comunidade e o quanto enriquecedora é para os acadêmicos em formação a participação em projetos de extensão. O projeto em questão, oferece um amplo e diversificado conteúdo, que abrange a comunidade e os acadêmicos, sendo desenvolvido de maneira prática, em parceria entre os discentes e os docentes, em uma experiência única de troca de conhecimentos, mostrando que o diferencial deste projeto é a vinculação com os demais, seja na comunicação que atinge acadêmicos do campus de Cianorte e região, informando sobre acontecimentos, projetos ou pelo aglomerado de informações para vestibulandos e demais interessados no curso de Design UEM.

## **6. Referências**

CHEDID, Samira. *Extensão universitária: um projeto que se aproxima da comunidade?* Politize. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/SqDjbV>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

Dicionário Aurélio Online de Português. *Significado de projeto*. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/agLGnt>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

SIGNIFICADO de Projeto. *Significados*. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/MTBxsm>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 17ª ed.

MANCHUR, Josiane. *A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas*. revistas2.uepg.br. Guarapuava-PR. 8 p. Disponível em: <<https://goo.gl/z7AejW>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

MENEGON, Rodrigo Rodrigues. *A importância dos projetos de extensão no processo de formação inicial de professores de Educação Física*. marilia.unesp.br. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/ABimdS>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

Universidade São Judas Tadeu. *Extensão universitária: o que é e como funciona*. 2016.

Disponível em: <<https://goo.gl/W6cwwP>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

# Podcast da Física-CRG-Fase Um: Utilização das novas Tecnologias de para Popularização da Astronomia e Divulgação Científica do Campus

Área Temática: Comunicação

Carlos Eduardo dos Santos Gonçalves<sup>1</sup>, Jadir Carpiné Junior<sup>2</sup>, André da Paixão Gomes<sup>3</sup>, Gabriel da Cruz Dias<sup>3</sup>, Viviane de Oliveira Soares<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Engenharia Têxtil, UEM/CRG, contato: gonalvescarlos14@hotmail.com

<sup>2</sup> Aluno do Curso de Engenharia de Produção, UEM/CRG, contato: juniorcarpine@gmail.com

<sup>3</sup> Professor colaborador do Departamento de Ciências, DCI/UEM-CRG, contato: andre.dpgomes@gmail.com, gcdias2@uem.br

<sup>4</sup> Professora (Coordenadora), DCI, UEM-CRG, contato: soares.v.o@gmail.com

**Resumo.** *A inserção de novas tecnologias é algo corriqueiro em nosso cotidiano e nas salas de aulas, por meio dos alunos, não é diferente, a explosão de informações possíveis hoje se dá numa velocidade muito superior do que já se imaginou. Neste trabalho apresentamos a fase um de uma destas alternativas para divulgação científica e integração da comunidade acadêmica do campus regional da Goioerê-PR.*

**Palavras-chave:** Astronomia – Podcast – Multimídia – Divulgação Científica

## 1. Introdução

De certa forma a observação de fenômenos e sua reprodução em forma de experimentos tem sido determinante ao longo da história para o desenvolvimento do conhecimento científico, juntamente com a busca e o entendimento de novas tecnologias é uma delas.

Toda via os últimos anos tem se tornado um desafio despertar o interesse de nossos jovens pelo conteúdo científico que irão fundamentar uma possível base do conhecimento em ciências como um todo para qualquer das ciências

Por mais que o número de trabalhos associados à essa temática tenha crescido exponencialmente, esta é uma realidade da maioria das escolas, todavia um olhar detalhado para dificuldades do ensino de física, fogem do propósito deste trabalho, e entende-se que elas ocorram continuamente. Já sabemos que ensinar física, por exemplo, não é uma tarefa fácil, aprender menos ainda. (GLEISER, 2000)

A atual realidade de ensino mostra poucas oportunidades para que os alunos interajam com experimentações, ou qualquer espaço de natureza não formal. Mas independente da metodologia, o professor precisa de ferramentas que o auxiliem no seu trabalho e ao mesmo tempo facilitem a aprendizagem dos alunos e inseri-las no cotidiano do aluno.

Nesse contexto alguns autores apontam que um destes caminho, é o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) como ferramenta para auxiliar o professor em sua prática pedagógica, visto que, uma vez implantadas na sociedade, devem fazer parte do dia a dia do aluno no ensino escolar (ARTUSO, 2006; BARROQUEIRO et al 2011; SERRANO et al, 2012; CLEMES et al, 2012; COELHO, 2002).

Desta entendemos que plataformas multimídias utilizadas como recurso didático, juntamente com o fácil acesso e popularização da internet bem como as redes sociais mostram-se muito mais atrativa para nossos alunos, pelo menos é o que esperamos. Uma destas plataformas é o *podcast* é uma forma de transmissão de arquivos na forma de áudio na internet, onde nestes arquivos quem os cria disponibiliza seu conteúdo dos mais diversos, via aplicativos, podendo ser acessados a qualquer momento. (LOPES, L. 2015)

Este trabalho está vinculado aos projetos de extensão universitária recorrentes do Campus Regional de Goioerê <sup>1</sup>, alunos graduandos do campus produzem, áudio, comentam e opinam notícias de carácter científico, como a descoberta de novos planetas, a detecção das ondas gravitacionais e entre outros.

## **2. Cotidiano do projeto**

Caracterizado como um arquivo de áudio, o *podcast* é divulgado com certa periodicidade e com conteúdo semelhante a um programa de rádio, que pode ser reproduzido em computadores, através do acesso aos sites, ou via downloads smartphones (LOPES, L. 2015).

Neste, o objetivo é abordar, através de encontros mensais, um podcast para a divulgação científica dentro de nossa universidade, usando o como meio de promoções de eventos dentro do campus e região. Em maioria os áudios após os processos de edição e renderização para publicação tem duração entre 15-20 minutos, diversos temas relacionados a física e a ciência como um todo, como por exemplo, teorias, novas descobertas, notícias e fatos históricos são abordados.

E ainda nesta perspectiva utiliza-se uma linguagem menos coloquial, mais social e nem um pouco formal, para aquela que julgamos é mais utilizada pelos jovens de hoje em dia e conseqüentemente podemos conseguir um maior alcance.

Entre os diversos assuntos científicos procura-se apresentar uma forma descontraída de se falar de ciência sem perder o foco, e é claro que neste áudio quando algum conceito físico é explorado ele é introduzido inicialmente com certo rigor para não existir descaracterização ou algum equívoco quanto sua interpretação.

## **3. Resultados Parciais**

Além de fazer diversas referências científicas para o cotidianos e temas relacionados com a componente curricular trabalhada em sala de aula, os áudios têm como objetivo ser mais uma ferramenta de divulgação dos projetos que recorrentes do campus.

Até a presente data de submissão deste trabalho, cerca de 12 áudios foram gravados e se encontram em fase de edição e divulgação para enfim liberação ao público. E nesta já existe pesquisas em cursos para investigação e avaliação trabalho, bem como ele vem sendo aceito por nossa comunidade acadêmica e até a proposta de inseri-lo como recurso didático, que caracteriza a segunda fase do trabalho.

Desde os primórdios o homem sentiu a necessidade de se comunicar à distância, para isso foi desenvolvendo vários métodos para fazer essa comunicação. (LEMOS, 2003). A explosão *hi-tech* e a *cibercultura*, surge da fusão entre as telecomunicações com a informática. Com o avanço tecnológico, rapidez e a disseminação das informações, é

---

<sup>1</sup> “Projeto de Extensão Astronomia” na Uem e “Escolas na UEM” vinculado à Universidade Estadual de Maringá (UEM), Campus Regional de Goioerê/PR. Uma cidade situada no noroeste do estado, aproximadamente à 174 km do campus sede em Maringá e 532 km da capital Curitiba.

evidente que a sociedade iria se modificar em diversos aspectos, e com a aprendizagem não foi diferente. Existe então a necessidade de efetuar a aprendizagem em qualquer natureza e desta forma nosso trabalho se faz presente. Fica claro que com esse avanço as relações com ensino também foram alteradas. (MARCELO, 2001; HARGREAVES, 2004).

#### **4. Conclusões**

Essas é mais uma proposta que visa aproximar o campus dos próprios discentes e sua comunidade escolar, além da criação de um ambiente virtual onde fenômenos tanto que distantes de nossa concepção trabalhado apenas em sala de aula, ou nem isso serão apresentadas de forma diferente.

O ambiente virtual para exploração aproxima o conhecimento científico da sociedade em geral, e contribui para aumentar os debates sobre ciência e entendemos que elas são importantes para a evolução do saber científico. As reflexões sobre essas perguntas têm sido incentivadas dentro em nossos projetos de extensão. E ainda mais semelhante, porém mais eficiente como rádio, agora com o recurso na “palma das mãos”

Projetos destas características, utilizam destas experiências como aditivo para o processo de ensino aprendizagem e de certa forma vem possibilitando uma melhor integração entre o que é trabalhado nas instituições de ensino superior e o que é trabalhado nas instituições de educação básica.

#### **5. Referências**

ARTUSO, A. R. O uso da hipermídia no ensino de física: possibilidades de uma aprendizagem significativa. 2006. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) –Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

BARROQUEIRO, C. H.; AMARAL, L. H. O uso das tecnologias da informação e da comunicação no processo de ensino-aprendizagem dos alunos nativos digitais nas aulas de Física e Matemática. Revista de Ensino de Ciências e Matemática, Cruzeiro do Sul, v. 2, n. 123, p. 123-143, jul/dez. 2011.

CLEMES, G.; FILHO, H. J. G.; COSTA, S. Vídeo-aula como estratégia de ensino em Física. Revista Técnico Científica, v. 3, n. 1, p. 422-431, 2012.

COELHO, R. O. O uso da informática no ensino de física de nível médio. 2002. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas

GLEISER, M. Por que Ensinar Física. Física na Escola, v. 1, n. 1, 2000.

HARGREAVES, A. Para além da padronização: comunidades de aprendizagem profissional ou seitas de treinamento para o desempenho? In: \_\_\_\_\_. O ensino na sociedade do conhecimento: educação na era da insegurança. Trad. COSTA, R. C. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 171-200.

LEMO, André; CUNHA, Paulo (Org.). Olhares sobre a Cibercultura. Sulina, Porto Alegre, 2003. p. 11-23. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

LOPES, L. Podcast: Guia básico Editora Marsupial. p.142. 2015

MARCELO, C. Aprender a enseñar para la Sociedad del Conocimiento. Revista Complutense de Educación, V. 12, N. 2, 2001, P. 531-593.

SERRANO, A.; ENGEL, V. Uso de simuladores no ensino de física: um estudo da produção gestual de estudantes universitários. Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, v. 10, n. 1, p. 1-10, jul. 2012.

# Comunicação, Agricultura e Crescimento

## Área Temática: Comunicação

**Ednaldo Michellon<sup>1</sup>, Leticia Maria Dezan Giandon<sup>2</sup>, Leonardo Montangini Sanches<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Prof.º Depto de Agronomia – DAG/UEM, contato: emichellon@uem.br

<sup>2</sup>Aluna do curso de Comunicação e Multimeios, bolsista PIBEX/FA–UEM, contato: ra102961@uem.br

<sup>3</sup>Aluno do curso de Agronomia, bolsista PIBIS/FA–UEM, contato: ra103978@uem.br

***Resumo.** Este artigo é um relato de caso de uma estudante de Comunicação e Multimeios dentro da Universidade Estadual de Maringá e do Centro de Referência em Agricultura Urbana e Periurbana (CerAUP-UEM), como bolsista do projeto REDIfeira – Rede de dinamização das Feiras da Agricultura Familiar. Para escrevê-lo, vali-me de um movimento de transgressão, ao avaliar os ônus e os bônus de cada passo dado dentro da universidade e do projeto e tendo como referencial teórico autores da Comunicação e cartilhas e sites sobre Agricultura.*

**Palavras-chave:** Relato de caso – Comunicação – Agricultura

### **1. Como cheguei à Universidade Estadual de Maringá?**

Em abril do ano de 2017 entrei para a faculdade dos meus sonhos, mesmo sabendo que não seria uma tarefa fácil, me tornei caloura do curso de Comunicação e Multimeios da Universidade Estadual de Maringá. Eu já imaginava que não seria algo simples, mas o primeiro semestre vivido dentro desta universidade foi para testar se aguentaria mais, no mínimo, quatro anos dentro dela.

Sempre fui aluna de notas boas no colégio e, como estudei a vida inteira na mesma escola, mandava e desmandava lá dentro. Passei no vestibular em 24 de agosto de 2016 e minha maior preocupação era em ser o primeiro lugar, mal sabia eu que essa colocação não faria diferença alguma a partir do momento que enviasse meus documentos e confirmasse minha matrícula. Minha primeira nota no curso foi 40, a segunda 55 e a terceira 45, quando já estava começando a me perguntar o que estava fazendo aqui dentro, consegui um 80 e, por muito esforço, um 91. Fiquei tão feliz com essa nota que não contive a emoção e comecei a chorar, tive um pontinho de esperança que aquela menina do ensino médio ainda estava viva dentro de mim, mas a professora me chamou e logo quebrou meu encanto quando me perguntou “você colou, não é?”. A partir de então, percebi que crescer iria doer e que eu teria fazer valer cada aprendizado aqui dentro para me tornar uma grande profissional lá fora, pois as minhas notas muitas vezes não refletiriam isso.

### **2. Como cheguei ao DAG (Departamento de Agronomia)?**

Em maio de 2017, o Centro Acadêmico de Comunicação divulgou uma vaga, a pedidos do Departamento de Agronomia, para um projeto com duração de um ano e bolsa de aproximadamente R\$300,00 (trezentos reais), como sempre almejei uma independência financeira dos meus pais, pensei que seria um bom começo e fui atrás de maiores informações. Em um sábado à tarde desse mesmo mês, lá estava eu andando pela universidade em busca do bloco J 45 para uma conversa sobre o projeto. Muito embora não tenha sido intitulada dessa forma, eu sabia que estava indo para a minha primeira

entrevista de emprego. Estava com a roupa mais bonita do meu armário e morrendo de medo de não ser o suficiente ou de ser taxada como algo supérfluo, até porque, não se precisa ser acadêmico de Comunicação para montar um site ou fazer *posts*, é claro que uma fundamentação teórica auxilia, mas não é imprescindível. Eu só conseguia pensar que talvez outro estudante mais ligado a área mereceria mais esta vaga do eu, porém peguei toda minha insegurança, subi as escadas do bloco e esperei a minha vez de ser chamada.

Lembro-me do professor perguntando o que eu estava fazendo ali e se eu gostava de trabalhar nessa área, com toda a sinceridade do mundo respondi que não sabia muito, mas estava disposta a aprender e disse que eu sabia que não iria trabalhar fazendo campanhas apenas de marcas de chocolate ou coisas que gosto, então teria que aprender a gostar de agricultura urbana e me aprofundar mais nesse meio. Em meados de junho encontrei o professor na cantina central, ele me disse que eu havia sido aprovada e que só estava esperando sair o edital. Assim, em Agosto de 2017 ingressei como bolsista pela Fundação Araucária no projeto REDifeira. A primeira e principal dificuldade que tive foi compreender o que era este projeto o qual estava entrando. O REDifeira está interno a um projeto maior, o CerAUP – Centro de Referência em Agricultura Urbana e Periurbana – e alocado junto ao Programa Paraná Mais Orgânico e ao Projeto de Extensão Rural. E, assim que tive parte das minhas dúvidas sanadas, comecei os meus trabalhos com um site que era o principal pedido tanto do professor, quanto dos bolsistas mais experientes.



Figuras 1 e 2. Prints da tela do site do projeto.

### 3. Como o projeto mudou rumos da minha vida acadêmica e pessoal?

Após finalizar o site e já estar mais integrada à equipe com a qual trabalharia durante pelo menos um ano, comecei a me aprofundar em conteúdos ligados à agricultura urbana, alimentos orgânicos e homeopatia, a fim de realizar *posts* na rede social do projeto. A cada e-mail que um dos membros mandava, alguma informação sobre o assunto era a mim acrescentada e isso me fez repensar algumas ações.

#### 3.1. Mudanças na minha vida pessoal

Sempre dei muito trabalho para me alimentar, alimentos sem nenhum valor nutricional eram a base da minha dieta. Dificilmente comia frutas, verduras e legumes com um sorriso no rosto, comia quando obrigada, como forma de “remédio”. Bastaram alguns meses como bolsista e umas 5 cartilhas recebidas por e-mail para que eu tomasse a decisão de melhorar minha alimentação. A frase “você é o que você come” virou um mantra na minha vida e os resultados dos meus exames de sangue são prova do quanto essa decisão melhorou minha qualidade vital.



Além da péssima alimentação, era viciada em remédios, bastava uma dor de cabeça mínima para eu ir correndo atrás de alguém que tivesse um Dorflex ou Paracetamol. Todas as noites antes de dormir, passava uma camada grossa de Hirudoid para evitar espinhas e se uma pontinha de cólica começasse a aparecer já tomava logo um Toragesic para não correr risco de sentir dor. E mais, devido a um problema de saúde preciso tomar Dostinex quinzenalmente. Meu corpo já não aguentava mais tantas drogas e eu sentia o efeito dos medicamentos cada vez menores. Em algum dos e-mails recebidos, havia uma reportagem sobre o alto poder de recuperação do nosso em corpo se atrelado a uma alimentação saudável e, assim, decidi deixar os medicamentos apenas para último caso, tomando somente o remédio necessário para o meu tratamento e suplementos vitamínicos com a finalidade de ter mais energia para aproveitar o dia.

### 3.2. Mudanças na minha vida acadêmica

A maior qualidade do curso de Comunicação e Multimeios é também seu maior defeito, ser abrangente. Antes de entrar para a faculdade pensava em ser professora, embora este desejo permaneça bem vivo dentro de mim, sei que preciso trabalhar em alguma área da Comunicação para obter meu diploma. Como parte integrante da Geração Y, trabalhar com as redes sociais me dá muito prazer e por essa razão optei tentar ingressar ao REDifeira. Mas fui surpreendida positivamente por ir crescendo academicamente junto ao projeto. À medida que fui descobrindo mais do meu curso, fui me identificando com a área de design, tanto envolvendo plataformas digitais, quanto identidades visuais. Assim, meu último trabalho foi o desenvolvimento de peças gráficas para o XII Curso Internacional de Desenvolvimento e Cooperativismo Rural.

Ao pensar no conceito dessas peças, trouxe o símbolo máximo de transformação na natureza, a borboleta, interna a uma mandala geométrica, a qual remete a todo esforço físico e intelectual necessários para se realizar alguma mudança. Atualmente, me sinto muito mais realizada ao pensar e criar conceitos a cuidar de mídias sociais e sei que este crescimento só foi possível devido à confiança depositada pela equipe em meus trabalhos. Hoje, me despeço do projeto já com contrato junto a uma agência de design e reconheço que só fui notada por ter sido incentivada a crescer dentro do CerAUP ao poder usar minhas horas para fazer cursos online e, dessa forma, agregar mais conhecimento para mim e para o projeto.



Figuras 3 e 4. Cartaz em A3 para a divulgação do evento e Post para mídias sociais.

#### **4. Como avalio meu crescimento?**

MacLuhan, um teórico da Comunicação nos afirma que “o meio é a mensagem” e eu julgo meu crescimento junto ao projeto embasada nesta frase. Em conclusão, ao chegar na minha entrevista de emprego, em maio de 2017, o meu corpo, como meio de comunicação, transmitia uma imagem insegura, cheia de dúvidas sobre como sobreviver à universidade e como me mostrar dentro de um emprego. Hoje, ainda avaliando meu corpo, vejo o quanto os calos do trabalho em casa, da responsabilidade, da necessidade de demonstrar serviço, das alterações em cada arte e de sentir-se deslocada no meu círculo de convivência do projeto me fazem transmitir uma imagem bem mais profissional, uma mensagem de crescimento, que embora árduo, foi e é muito gratificante.

#### **5. Referências**

PEREIRA, Wellington. A nova escrita jornalística como leitura do cotidiano. In: Cultura midiática. Revista do programa de Pós-graduação em comunicação da Universidade Federal da Paraíba. Ano I, n.01 Jul/Dez – 2008.

DONDIS, A Donis. Técnicas Visuais: Estratégias de Comunicação. In: Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo, 2003.

MCLUHAN, Marshall, O meio é a Mensagem. In: Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem, São Paulo: Cultrix, 1969 – pp. 21-37.

# Centro de Pesquisa e Documentação Arquiteto José Augusto Bellucci: circulação da informação.

## Área Temática: Comunicação

Aníbal Verri Junior<sup>1</sup>, David Renan de Oliveira Lima<sup>2</sup>, Eduardo Verri Lopes<sup>3</sup>, Fábio Sukág Santiago<sup>4</sup>, Jaqueline Apolônio Ribeiro<sup>5</sup>, Tânia Nunes Galvão Verri<sup>6</sup>, Vinícius Alves de Araújo<sup>7</sup>.

<sup>1</sup>Prof. Depto de Arq e Urb - DAU/UEM, contato: anibal@verrigalvao.arq.br

<sup>2</sup>Aluno de Arq e Urb, bolsista PIBIS/UEM, contato: arq.davidrenan@gmail.com

<sup>3</sup>Prof. Depto de Arquitetura e Urbanismo – DAU/UEM, contato: [e.verri@gmail.com](mailto:e.verri@gmail.com)

<sup>4</sup>Aluno de Arq e Urb, bolsista PIBIS/FA-UEM, contato: fabiosukagsantigo@gmail.com

<sup>5</sup>Aluna de Arq e Urb, bolsista PIBIS/UEM, contato: jaaqueline.ribeiro@gmail.com

<sup>6</sup>Prof. Depto de Arquitetura e Urbanismo – DAU/UEM, contato: tngverri@uem.br

<sup>7</sup>Arquiteto e Urbanista – Egresso da UEM, contato: [vinicius@verrigalvao.arq.br](mailto:vinicius@verrigalvao.arq.br)

**Resumo.** *O projeto de extensão “Comunidade em Revista – Biblioteca de Periódicos do Departamento de Arquitetura e Urbanismo” desde 2006 cataloga, higieniza, edita e disponibiliza para consulta, todo o acervo do Centro de Pesquisa e Documentação Arquiteto José Augusto Bellucci - CEPEDOC - DAU/UEM. O projeto proporciona a divulgação do acervo para acadêmicos, professores, pesquisadores pertinentes às comunidades interna e externa, interessados nos assuntos referentes à arquitetura e urbanismo. Dessa forma, o projeto de extensão faz circular para além dos limites do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, ao qual está vinculado, a produção científica, acadêmica e profissional relacionada à arquitetura e ao urbanismo contemporâneos. A disseminação se dá, principalmente, através do site e de eventos que o CEPEDOC propõe, alimenta e coordena.*

**Palavras-chave:** Arquitetura e urbanismo – Trabalhos de Conclusão de Curso – Circulação da informação arquitetônica

## 1. Introdução

O projeto de extensão “Comunidade em revista – Biblioteca de Periódicos do Departamento de Arquitetura e Urbanismo” teve sua origem em 2006 e está vinculado ao Centro de Pesquisa e Documentação José Augusto Bellucci – CEPEDOC Bellucci –, com foco em divulgar e disseminar informações acerca da arquitetura e do urbanismo. Atua na organização, higienização e divulgação dos materiais recebidos através de doações, juntamente de toda a produção de monografias do curso de graduação em arquitetura e urbanismo da UEM desde sua primeira turma de formandos em 2004, além de se comprometer na organização, promoção e coordenação de eventos extensionistas que divulgam o ofício profissional, produções acadêmicas e científicas, abrangendo as comunidades interna e externa à UEM. Dessa forma, realiza periodicamente, palestras, minicursos, debates, discussões com acadêmicos e com arquitetos de ofício, os profissionais que atuam em empresas de projeto arquitetônico, para suscitar o debate, atualizar a comunidade sobre a prática da arquitetura.

## 2. Acervo e divulgação

A partir da recepção dos novos materiais que chegam frequentemente ao laboratório, os mesmos são submetidos à triagem de acordo com as categorias estabelecidas e

sistematizados, após, são publicados na mídia social *Facebook*, em página específica do projeto, e, através desse canal, é feito o convite à toda comunidade para conhecer, manipular e consultar o acervo nas instalações físicas do laboratório, ou mesmo através da página. Posteriormente o conteúdo é publicado no sítio do projeto com todas as suas informações básicas, juntamente com algumas imagens e disponível para *download*. A classificação desse material é dividida em TCC's, cadernos de resumo, resumos de pesquisas, anais de eventos, coleções e revistas. Quando se trata especificamente dos Trabalhos de Conclusão de Curso, o projeto disponibiliza a versão digital, tanto dos conteúdos textuais das monografias, quanto das pranchas de desenhos, contendo os registros gráficos bidimensionais e tridimensionais, para que o alcance na disseminação da informação seja potencializado e possa atingir o público virtualmente, vinculados ou não à universidade.



**Figura 1. Páginas do Face book e do site do projeto CEPEDOC.**

O acervo físico do CEPEDOC, localizado no DAU/UEM, é composto por uma vasta coleção de anais, artigos técnicos, revistas nacionais como *Acrópole*, *AU – Arquitetura e Urbanismo*, *CJ Arquitetura e projeto*, e títulos internacionais como *L'Architecture d'aujourd'hui*, *Arts & Architecture*, *Domus*, *Casabella*, *Architecture Review*, com coleções muito significativas aos pesquisadores da área. O laboratório é também responsável por abrigar a história do curso de graduação, registrada através de seus TCC's produzidos desde a primeira turma, em 2004, além de reunir uma notória coleção de revistas especializadas, com títulos históricos datados dos anos de 1940, sobre a arquitetura moderna brasileira. Desde o nascimento do projeto de extensão, toda a divulgação do acervo é realizada através de um sítio eletrônico, onde estão disponíveis os títulos, revistas e TCC's, resumos do material e imagens relevantes. Durante este período da divulgação do projeto, a página na rede social *Facebook* se mostrou como uma excelente ferramenta de comunicação com a comunidade externa. Para torná-la um ambiente mais interativo, houve uma mudança na identidade visual do laboratório, com uma nova logomarca para o CEPEDOC, e a mudança no *layout* do espaço físico, concedendo legibilidade e maior conforto aos usuários.



Figura 2: Nova logo do CEPEDOC, de autoria de Vinícius Alves de Araújo.

### 3. Resultados alcançados

No biênio 2016/2017 todo o conteúdo do site <<http://www.old.dau.uem.br/cepedoc>> exigiu ser migrado para um novo endereço <<http://www.dau.uem.br/institucional/laboratorios/cepedoc-arquiteto-jose-algusto-bellucci>>, devido a problemas técnicos com o antigo site do DAU/UEM. O novo site entrou no ar em agosto de 2017, e, somados com os dados do antigo endereço, contabilizamos mais de 200.000 acessos, sendo a maioria deles referentes as páginas de TCC. Além de ser um grande meio de divulgação do acervo do laboratório e de eventos de extensão realizados em parceria com o departamento, o site também auxilia no entendimento do funcionamento do laboratório como um todo, ajudando a entender quais são os itens mais procurados e onde o projeto poderá ser melhor divulgado. De acordo com as estatísticas, nota-se que a maior procura é pelos Trabalhos de Conclusão de Curso. Baseados nessa premissa, desde ano passado o projeto implementou a possibilidade de *download* das monografias e pranchas dos projetos de TCC's para a toda a comunidade interessada, aumentando o alcance do material acervado.



Figura 3: Eventos coordenados e organizados pelo projeto.

### 4. Considerações Finais

O projeto buscou nestes 12 anos de existência, desde sua origem, manter suas diretrizes primordiais, atendendo as comunidades interna e externa, incrementando o seu acervo e disseminando o conhecimento da prática de arquitetura à sociedade. Desenvolve nesse momento, reuniões com os acadêmicos envolvidos, detalhando e amadurecendo uma nova ação, buscando a disseminação da prática da arquitetura e urbanismo para a

sociedade, iniciando sua aproximação através dos jovens das escolas públicas de ensino fundamental II, explicitando os conceitos, atuações, rotinas e as práticas da arquitetura e do urbanismo aos cidadãos, pretendendo reverberar à sociedade, o papel do arquiteto e do urbanista.

## **5. Agradecimentos**

Gostaríamos de agradecer a Fundação Araucária e a PEC DEX UEM pelo apoio ao projeto.

## **6. Referências**

NBR 10520. Informação e Documentação – Citações em Documentos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

NBR 6034. Informação e documentação – Índice – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

VERRI JÚNIOR, Aníbal. O arquiteto Bellucci e alguns marcos arquitetônicos na história de Maringá. In: IZMRECSANYI, Maria Irene, ZANI, Antônio Carlos (Orgs.). *Arquitetura e Cidade no Norte do Paraná*. São Paulo: FUPAM, 2003, v. 1, p. 41-50.

VERRI JUNIOR, A.; LOPES, E. V.; JUNQUEIRA, G. P.; PRADO, J. G.; TROLI, P. P.; VERRI, T. N. G.; SIMÕES, T. F.; ARAUJO, V. A. CEPEDOC-Bellucci: universidade e sociedade. In: 1º Fórum de Integração de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEM. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR. Anais... Maringá, 2016.

VERRI, Tânia Nunes Galvão; SILVA, R. D.; SANTOS, João Antônio Teixeira dos; CONTARDI, Adriano Braz. Construção e disseminação do acervo de TFG produzidos no curso de arquitetura e urbanismo da UEM. In: 9o. Fórum de Extensão da UEM, 2011, Maringá. Anais do 9o. Fórum de Extensão, 2011.

VERRI, T.N.G.; SILVA, R. D.; CHORNOBAI, S.; TOMIM, M.; MIOTTO, Karoline. Acervo Técnico e de Periódicos - Bellucci. In: 9o. Fórum de Extensão da UEM, 2011, Maringá. Anais do 9o. Fórum de Extensão, 2011.

VERRI, T.N.G.; SILVA, R. D.; CHORNOBAI, S.; BENEDETT, J.K.; ALBUQUERQUE, A. "Comunidade em Revista" - Biblioteca de Periódicos do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UEM. In: 5º Congresso Nacional de Extensão Universitária/ 14º Encontro de Atividades Científicas Unopar. Londrina-PR. Anais do 5º Congresso Nacional de Extensão Universitária, 2011.

## **ÁREA TÉMATICA: CULTURA**

# Análise de saídas clownescas a favor do bem-estar social

## Área Temática: Cultura

João Alfredo Martins Marchi<sup>1</sup>, Renata Carolina Pereira<sup>2</sup>, Giovani E. dos Santos<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Prof. Me. De Artes Cênicas do Departamento de Música  
DMU/UEM, contato: joaomarchi23@hotmail.com

<sup>2</sup>Prof. Me. De Artes Cênicas do Departamento de Música  
DMU/UEM, contato: re.c.p@hotmail.com

<sup>3</sup>Aluno do curso de Artes Cênicas, DMU, contato: [giovani77713@gmail.com](mailto:giovani77713@gmail.com)

**Resumo.** Este artigo tem como objetivo descrever a um relato de experiência acerca da figura do clown como meio que interliga o público ao bem-estar que o riso causa, tomando como base a prática da “saída clownesca” e relatando experiências pessoais vividas durante o tempo de pesquisa no projeto de extensão. Como referencial teórico utilizamos Jacques Lecoq (1997), Vladimir Propp (1992). Os resultados apontam que a influência da presença do palhaço pode provocar o descarrego de endorfinas proporcionando um bem-estar do indivíduo.

**Palavras-chave:** clown – bem-estar – riso

## 1. Introdução

Existem diversas linhas e olhares de pesquisa sobre palhaço. O *clown* é uma dessas que usa do nariz vermelho considerado a menor máscara do mundo, para agir com seus significados (LECOQ, 1997). As máscaras teatrais, dentre as quais encontramos a neutra, a larvária, a da Commedia dell'Arte e a do palhaço, têm muitos tamanhos, formatos e finalidades. No referido palhaço, o nariz vermelho tem como propósito mostrar e expor o usuário, diferentemente das outras máscaras que tem a função de esconder (LECOQ, 1997). O *clown* utiliza o fator da máscara para desvendar o ridículo de cada indivíduo e dessa forma exteriorizar para o público, com isso revelando as características comportamentais desse indivíduo causando o riso (LECOQ, 1997).

Tomando a ideia de *clown*, um conceito pertinente diz respeito a ideia de sombra. A sombra, nessa perspectiva, busca trazer a concepção de experiências vividas, a qual se intensifica desde a infância até o momento atual vivido pelos sujeitos (ASSIS, 2010). Cada sujeito dispõe de sua sombra que reside na parte mais obscura da psique do indivíduo e é nesse espaço que também reside os desejos reprimidos e as percepções malquistas, bem como as habilidades e as qualidades (ASSIS, 2010). É nesse campo que o *clown* de cada pessoa habita, no espaço sombrio, e é interessante pensar sobre isso, já que vemos o palhaço como um ser cômico, engraçado e jocoso e nunca pensamos no processo do encontro com o palhaço.

Dentre as metodologias existentes, partimos do método de Colavitto (2015) que propõe um processo de iniciação (processo que surge o *clown*), afim de permitir diferentes descobertas de características risíveis e de influências dos *clowns* que, nesse método, faz emergir duas principais figuras, a do Augusto e do Branco (COLAVITTO, 2015).

Após o exposto, reiteramos que a proposta aqui não é aprofundar estes conceitos, todavia, podemos dizer que o *clown* Branco tem como concepção, para Bolognesi (2003, p.72), “a boa educação, refletida na fineza dos gestos e a elegância nos trajés e nos movimentos”. Por outro lado, o *clown* Augusto tende a ter gestos mais explosivos e



muito maiores, refletindo num comportamento mais abilolado. Esta regra não é fixa, pois cada *clown* tem suas individualidades, mas a hierarquia que se cria ao ter dois palhaços juntos é certo e incontestável.

Há várias maneiras de desenvolver e praticar o *clown*, dentre elas têm as “saídas clownescas”, onde diversos palhaços se envolvem socialmente com pessoas nas ruas, praças, hospitais e locais públicos numa tentativa de aproximar o social, o tangível com a arte e o risível.

Partindo para uma experiência pessoal, em uma dessas saídas, foi possível analisar que a prática da palhaçaria tem influências sobre os invólucros do ser humano. Tive a chance de conhecer um espaço fragilizado, um hospital com crianças portadores de câncer e tive a sorte de ver que a figura do palhaço transpassou um sentimento de alegria e esperança para as crianças daquele espaço, pois, elas riam demasiadamente e abraçavam os palhaços, com isso é criada uma relação que vai além de laços, uma relação saudável que liga todos os pontos, o riso, a alegria, o bem-estar, as crianças e os palhaços. Logo, o sentimento de felicidade e de liberdade que se criou ao redor dos palhaços foi certo no momento que as pessoas foram incluídas no campo em volta dos palhaços, dessa forma, as crianças e até os profissionais do local foram conduzidos a um bem-estar social e pessoal.

E é interessante apontar que o riso causado nas crianças e nos profissionais do hospital “está ligado aos caminhos humanos para explicar o mundo. Nesse sentido, o riso tem poder de reflexão tal como um espelho em que nos reconhecemos, nos vemos e apreendemos a realidade” (Verena Alberti, 1999). Tal percepção dialoga com o que Renata Campos (2011) analisa em seu artigo, ao revisitar a obra de Henry Bergson:

Ele concluiu que há três principais direções nas quais nossa imaginação é orientada a produzir efeitos cômicos: 1) tudo que foge as convenções sociais podem causar riso, por exemplo, não rimos de pessoas que usam roupas da moda, mas rimos daquelas que estão fora da moda; 2) ao contrário do corpo, a alma é perfeitamente flexível e está sempre em atividade. Há o efeito cômico quando a atenção é desviada da mente para o físico; 3) o riso ocorre cada vez que o indivíduo tem a impressão de que alguém pode ser comparável a um objeto engraçado. (CAMPOS, Renata. 2011, p.177)

Com as conjunturas relacionadas a “saída clownesca”, tive também a oportunidade de conhecer um outro espaço para além do hospital de câncer, um lar de idosos. Pelo fato da maioria dos idosos serem debilitados percebemos que foi difícil a interação com eles. Tal fato nos leva a ver que nem todos os lugares em que houve a intervenção lúdica do palhaço existiu de fato uma melhoria no fator psicológico ou corporal, e acho inteligível usar desse contraponto para debater princípios como o medo.

A figura do clown por si já traz um estranhamento para as pessoas, por ser um corpo expansivo, colorido, diferente, e quando mostra sua verdadeira personalidade é o momento do alívio, porque as pessoas se identificam com as características, seja a preguiça, o nojo, a empolgação, a tristeza ou a raiva. Esse identificar retoma o que já foi dito anteriormente sobre o riso, o engraçado são as procedências humanas, porque causam a identificação (BERGSON, 2007). Nesse sentido, uma outra analogia possível pode ser visata quando vemos, por exemplo, um vídeo de um cachorro tentando falar alguma língua, pode ser que achemos engraçado e o motivo disso é a identificação de

um ser “não humano” com a ação humana. Vladímir Propp (1992) discute um pouco sobre:

Tchernichévski explica isso com o fato de que os animais podem ser parecidos com os homens. "Nós rimos dos animais", diz ele, "porque eles nos lembram os homens e seus movimentos". Isso, sem dúvida, é verdade. O mais ridículo de todos os animais é o macaco: ele, mais do que todos, lembra o homem (PROPP, 1992, p.38).

Levando em consideração a parte científica da biologia, o ser humano é capaz de se favorecer com os benefícios do humor ou do bem-estar, aparte disso Wagner de Lara Machado (2012) descreve sobre a relação do bem-estar e a satisfação do prazer em seu artigo “Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais correlatos”:

Aristóteles em sua doutrina ética propõe que o bem-viver resulta da eudaimonia, isto é, provém da ação em direção ao desenvolvimento dos potenciais únicos de cada pessoa. Consequentemente, a eudaimonia está relacionada às experiências de desenvolvimento pessoal, autorrealização e sentido de vida. Formulações sobre a essência do bem-estar em termos de experiências de prazer, contentamento, satisfação e felicidade (isto é, bem-estar social) se assemelham à concepção hedônica (por exemplo: Aristipo de Cirene) do bem-viver, em que este provém da satisfação dos desejos, da busca pelo prazer e da evitação da dor. (MACHADO, 2012, p. 588-589)

Ronald Berk (2001, p.323-339), comediante e autor, escreve que “o riso estimula a produção de endorfinas que diminui ou previne a dor, diminui pressão sanguínea, diminui doenças cardíacas, diminui hormônios do estresse e consequentemente, o estresse”. Com isso, a probabilidade de melhora e do poder de cura no indivíduo cresce. Acredito mais na posição científica do que numa crença milagrosa, mas também vejo que por meio do palhaço há quebras no paradigma miraculoso e no paradigma rigoroso da ciência, pois no meio dos dois está a arte, que vem como um fragmentador de ideias com o objetivo de relacionar o abstrato com o concreto.

## **2. Materiais e Métodos**

A presente pesquisa utilizou fontes teóricas especializadas e um estudo científico a partir de experiências vivenciadas e observadas no projeto de extensão “Grupo de pesquisa e experimentação cotidiana utilizando como paradigma a figura do clown” – GEC, desenvolvido na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e atualmente ministrado pelos professores João Marchi e Renata Pereira. A pesquisa tem caráter qualitativo e foi realizada a fim de expor algumas vivências, analisando como a presença do palhaço, por meio das saídas clownescas, num espaço público pode influenciar o bem-estar social de um indivíduo.

## **3. Discussão de Resultados**

Baseado na análise da experiência relatada, percebemos que o contato do palhaço com pessoas pode ser uma ferramenta potente ao bem-estar, pois toda vez que alguém ri de algo que o palhaço faz, a energia do *clown* cresce e o prazer de participar do palhaço e do público aumentam paralelamente. Quando há “saídas clownescas”, é possível ver de primeira instância um receio em participar do público, mas a partir do momento em que

há a quebra do “ser estranho”, tudo se torna mais fácil e o jogo com o público pode ser tornar mais imediato, que, para Jacques Lecoq (1997)

Diferentemente de outros personagens do teatro, o clown tem um contato direto e imediato com o público, só pode viver com e sob o olhar dos outros. Não se representa um clown diante de um público, joga-se com ele. Um clown que entra em cena entra em contato com todas as pessoas que constituem o público, e seu jogo é influenciado pelas reações desse público. O exercício é importante para o ator em formação, que sente aí um a relação muito forte e viva com o público. Se o clown não ligasse para as reações do público, ele mergulharia no seu “fiasco” e terminaria em caso clínico. Um dia pedi a Raymond Devos que viesse dar uma aula de clown. Ele improvisou de modo magistral, a partir de um pé de cadeira sobre seu pé. A mínima reação, um gesto, um riso, uma palavra, vinda do público era para ele a ocasião de um início de jogo. Lembrança impressionante de um grande clown! (LECOQ, 1997, p.217).

No referido a experiência, foi perceptível esse contato imediato, enquanto estava no hospital, ouvir o riso das crianças foi muito gratificante, e foi mais satisfatório quando entendi que foi por meio do jogo dos *clowns* é que surge essa relação lúdica e risível. As cores, os figurinos, os comportamentos, são outras características, não abordadas nesse artigo, mas que também podem tornar-se motivos de riso a quem assiste. E é curioso que todos os atributos dos palhaços são peculiaridades humanas que foram expandidas e exageradas e por isso acabam transformando-se em cômico e jocoso. Espacialmente e ludicamente falando, o palhaço pode transfigurar a realidade e tornar os seus arredores mais coloridos e divertidos.

#### 4. Conclusões

O bem-estar que pode ser adquirido logo após o contato com o *clown* e com o riso, que este proporciona, pode ser uma forma de ajudar pessoas com seus problemas, como estresse, tristeza, descrença, entre outras. E para isso, o *clown* busca através do seu jeito único, alguns pomposos, extravagantes e esnobes, outros bobos, ingênuos e simples, alcançar a diversão e o prazer do seu público. Usando o método de “saídas”, os palhaços podem atingir uma diversidade maior de pessoas, descobrindo e pesquisando suas características a favor da satisfação do público. Por fim, a influência do palhaço para o bem-estar de todos em sua volta pode ser um instrumento potente ao bem-estar, visto que o riso provocado por ele, pode ser uma forma de romper com alguns problemas individuais.

#### 5. Referências

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: JORGE ZAHAR, 1999.

ASSIS, Pablo. **Nossa Amiga, a Sombra**. Disponível em: <http://pablo.deassis.net.br/2010/06/nossa-amiga-a-sombra/> Acesso: Jul 2018.

BERGSON, Henri. **O riso, ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BERK, Ronald. **The active ingredients in humor: Psychophysiological benefits and risks for older adults**. Ed Gerontol 27, 2001, p.323-339.

BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

CAPELA, Renata Campos. **Riso e bom humor que promovem a saúde.** Revista Simbio-Logias, v.4, n.6, Dez/ 2011.

COLAVITTO, Marcelo Adriano. **O clown e a criança: poéticas de resistência.** 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Profª Drª Verônica Regina Müller. Maringá, 2015.

LECOQ, Jacques. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral.** São Paulo: Editora Senac, 2010. Disponível em: <  
<https://laracoutouv20171.files.wordpress.com/2017/02/lecoq-jacques-o-corpo-poc3a9tico-uma-pedagogia-da-criac3a7c3a3o-teatral.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

MACHADO, W.; BANDEIRA, D. **Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais correlatos.** Estudos de Psicologia, Campinas, p.587-595, 2012.

PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso.** São Paulo: Editora Ática S.A., 1992.

# **CORO ESCOLA: a educação vocal para o canto como princípio básico para a construção da sonoridade coral.**

**Área Temática: Cultura**

**Marion Cleiton de Almeida<sup>1</sup>, Andréia Anhezini da Silva<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>aluno do Curso de Música – Bolsista Extensão -UEM  
e-mail:marion.mxt@hotmail.com

<sup>2</sup>Professora do Depto de Música – DMU/UEM  
e-mail: aanhezini85@gmail.com

***Resumo.** Este artigo tem como objetivo descrever sucintamente a prática de educação vocal presente no trabalho de canto coral realizado no Coro Escola da Universidade Estadual de Maringá (UEM) durante os anos de 2017 e 2018, o qual é base para o aprimoramento da voz cantada dos participantes do coro como também dos acadêmicos do Curso de Música da UEM que estagiam no coro para aprendizado das diversas habilidades relacionadas à regência coral.*

***Palavras-chave:** canto coral – aprimoramento vocal – sonoridade coral*

## **1. Introdução**

Quando projetamos nossa voz, seja para a fala ou para o canto estão envolvidas várias partes do nosso corpo em interação complexa, e dentre as partes constituintes encontram-se as estruturas do aparelho fonador, o qual, numa visão geral, podemos descrever como composto por uma fonte geradora de pressão aérea (tórax, pulmões e musculatura abdominal), uma região de modificação de energia (laringe e suas estruturas de cartilagem e musculares internas), uma região de modulação sonora (trato vocal: boca, faringe, cavidades nasais e paranasais).

É consenso em toda a fisiologia vocal que a produção sonora é um fenômeno de altíssima complexidade. Costa e Silva (1998) esclarecem que a geração da onda sonora implica a existência de uma fonte de energia e de um ou mais meios pelos quais ela é transmitida.

Todavia para que a emissão vocal da voz cantada tenha uma boa qualidade sonora, deve-se fazer uso de alguns fundamentos que auxiliam no encontro de uma forma adequada e benéfica para o canto. De acordo com Miller (1996, p. 58) a sonoridade coral só pode ser construída quando os cantores do grupo aprendem a usar sua voz de forma adequada.

Acreditamos que esta tarefa de proporcionar oportunidade de aprimoramento vocal está na responsabilidade do regente, cuidando para que a vocalidade se dê de forma eficiente e saudável, influenciando a sonoridade do conjunto que poderá ser da mais alta condição possível. O regente é, em geral, o primeiro e único professor de canto dos cantores de seu grupo. Por isso é preciso assumir a responsabilidade de instruí-los nesse âmbito.

O Coro-Escola da UEM penetra dentro deste âmbito com o foco na educação vocal para a voz cantada como princípio para a construção da sonoridade coral. Levando em conta que a grande maioria dos participantes do Coro que ingressa no grupo a cada começo de semestre, tem pouquíssima ou nenhuma oportunidade de cantar em outros coros, ou não

tiveram chance de aprimoramento vocal em qualquer outra situação, mostrou-se de fundamental importância que o Coro abra esse espaço de aprendizado e aprimoramento vocal.

## **2. .Coro Escola da UEM**

O Coro-Escola é uma das ações corais presente no projeto de extensão Corais do Departamento de Música. É um coro misto que reúne vozes masculinas e femininas divididas em quatro naipes de vozes: baixos e tenores para as vozes masculinas e, contraltos e sopranos para as vozes femininas. Os participantes tem idade acima de dezoito anos sem restrições para a máxima. O Coro-Escola abrange em média cerca de 50 coristas por ano e vem desenvolvendo suas atividades ininterruptamente desde 2004. A grande maioria dos participantes são leigos em música. Nesse Coro, os coristas aprendem e aprimoram a técnica vocal, conhecem repertório de diferentes estilos possibilitando contato com diversos idiomas através das músicas de várias nacionalidades. O grupo tem realizado apresentações dentro da UEM, bem como em Festivais e Encontros Corais na cidade de Maringá e região. A direção musical, coordenação geral e orientação em regência é da Prof<sup>a</sup> Me. Andréia Anhezini da Silva. O Coro-Escola é constituído pela comunidade externa juntamente com alunos da graduação de música da UEM como também por alunos da graduação da UEM das mais diversas áreas. Os alunos do curso de música em especial os alunos de Regência têm a oportunidade de auxiliar no processo vocal educativo a qual todas as semanas são analisadas e discutidas as formas e os processos da educação vocal da voz cantada sob a orientação da professora orientadora.

## **3. Ensaio Musicais**

Os ensaios do Coro-Escola são realizados todas as terças-feiras das 18:30hrs às 21 horas no Bloco-08 da UEM, na sala 08, onde existe um amplo espaço-tempo para a execução de exercícios vocais e estudo de repertório musical. O ensaio é dividido em duas partes, na qual a primeira abrange exclusivamente atividades relacionadas à educação da voz cantada com duração de 30 a 40 minutos. O restante do ensaio utilizamos para ensaios do repertório musical com os naipes de vozes em separado e após, com o grupo todo. Para o início do ensaio a equipe de estagiários em regência do Coro-Escola faz o uso de diversos métodos para a educação vocal. Métodos de Helena Wöhl Coelho (1994) e Nelson Mathias (1986), como também de Svärdström (2004). Além disso são criadas variações dos exercícios propostos pelo referencial teórico. É utilizado o método proposto por Wis (2003) onde é empregado as metáforas físicas, que é o uso da linguagem metafórica juntamente com a expressão corporal.

## **4. Atividades e práticas pedagógico-musicais para a educação vocal e treinamento do repertório coral**

### **4.1. Eutonia: busca do tônus harmonioso**

Gerda Alexander (1991) esclarece que Eutonia é o estado de tonicidade muscular em que a tensão é elástica e agradável, estando em adaptação constante ao estado ou à atividade do momento.

Algumas vivências com o corpo em movimento (alongamentos e solturas) aliados à imagens e voz foram realizadas no início dos ensaios com a finalidade dos participantes restabelecerem um estado eutonico nos seus corpos, tomarem consciência de seu esquema corporal, resgatarem auto-controle sobre os seus movimentos e a independência muscular desejada, restabelecendo conexão com o seu próprio corpo, já

que, os ensaios são realizados no período noturno, momento em que, provavelmente, a grande maioria dos participantes vem de um ou dois turnos de trabalho, com cansaços e tensões agregadas.

#### **4.2. Voz cantada**

Foram realizadas atividades de voz e movimento corporal propícias para o treinamento vocal com o objetivo de estabelecer uma vivência, a mais adequada possível, para que os coristas pudessem ganhar um “cantar” fluido, eficaz e confortável.

Praticamos exercícios de vocalização, dicção e memorização aliadas à consciência corporal. Para Svädström (2004) o ser humano somente consegue o canto pleno e saudável quando seu organismo está livre, não aprisionado. Em consonância com a visão dessa autora, os exercícios de voz estiveram sempre associados ao movimento do corpo, objetivando a soltura e descontração, para que o som pudesse acontecer dentro de um ambiente corporal mais “espaçoso”.

Acrescentamos aos vocalizes batidas de pé, palmas e outros movimentos corporais, assim como vários tipos de “metáfora gestual”. Segundo Wis (2003), estas metáforas físicas podem gerar uma melhor compreensão seja de uma frase musical, exercício ou mesmo um ideia abstrata da música, auxiliando e facilitando a emissão sonora.

O trabalho com cânones e movimento, ao final do trabalho de voz possibilitou um ganho forte na audição harmônica do conjunto, desinibição, confiança no grupo e na consciência do “estar” em coletividade e em unidade.

### **5. Resultados e considerações Finais**

A equipe de estagiários e professora orientadora do Coro-Escola tem tido êxito em seus exercícios de educação vocal como princípio para a construção da sonoridade coral. A dedicação e empenho de cada integrante tem sido fundamental para essa construção.

O Coro-Escola respondeu bem aos exercícios propostos e teve melhora sonora percebida a cada ensaio. O uso das metáforas físicas foi de muita ajuda, por exemplo quando os exercícios exigiam uma dificuldade na extensão vocal eram utilizados as seguintes frases; “imagine que o seu som está saindo por de trás do seu olho ou que “um fio de cabelo esta levantando e sua voz está saindo através dele”. Além destas frases, o gesto do braço em movimento ascendente auxiliou o coral a superar desafios da tessitura vocal como se fosse uma brincadeira. Foi possível concluir que as metáforas físicas de Wis (2003) contribuíram a vencer inúmeros desafios.

Os exercícios de alongamento e soltura levaram o grupo a um estado tônico geral mais harmonioso e descontraído, restabelecendo uma respiração mais fluida, preparando, dessa forma, a prática vocal propriamente dita e a execução do repertório musical a cada ensaio.

É possível dizer que as vivências vocais e corporais também geraram maior confiança coletiva ao mesmo tempo em que auxiliaram na melhora da percepção auditiva e da afinação individual e em conjunto.

Tivemos sucesso na montagem e execução do repertório musical, com grau significativo de qualidade vocal e interpretativo musical. O grupo conseguiu cantar repertório de diversos estilos musicais e participou apresentando-se musicalmente na montagem da Ópera *Così Fan Tutte* de W.A. Mozart sob a regência do maestro Alessandro Sangiorgi em Maringá, Mandaguçu e Londrina. Apresentou-se ainda no *XXI Festival Internacional de Corais* de Maringá realizado no teatro Calil Haddad, no *XII Festival*

*Nacional de Corais* de Colorado-PR, na abertura do evento *Formatura EJA* promovido pela SEDUC no teatro Calil Haddad e no *Concerto de Música Coral Sacra* na paróquia Santo Antônio de Pádua em Maringá, promovido pelo Departamento de Música da UEM, e também, na *Mostra de Corais* e *Sarau Coral* da UEM.

Durante os ensaios e apresentações públicas do Coro Escola pudemos perceber um som coral limpo, saudável, apresentando flexibilidade ao mesmo tempo intensidade e homogeneidade sonora.

## **6. Referências**

ALEXANDER, Gerda. Eutonia: um caminho para a percepção corporal. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

COELHO, Helena. Técnica Vocal para Coros. 4. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1999.

MATHIAS, Nelson. Coral um canto apaixonante. Brasília: Musimed, 1986.

MILLER, Richard. On the art of singing. Oxford: Oxford University Press, 1996.

SVÄRDSTRÖM, Valborg Werbeck – A Escola do Desvendar do Voz. São Paulo: Antroposófica, 2004.

WIS, Ramona M. Metáforas Físicas no Ensaio Coral: uma abordagem baseada em gestos para o desenvolvimento de habilidades vocais e da compreensão musical. Revista Canto Coral, Brasília, ano II, nº2, 2003, p. 6-10.

COSTA, Henrique O. & SILVA, Marta Assumpção de Andrada e. Voz Cantada: evolução, Avaliação e Terapia Fonoaudiológica. São Paulo: Editora Lovise, 1998.



# Corpos em Instantes de Movimentos: um estudo da Expressão Corporal a partir da Fotografia

Área Temática: Cultura

Wagner Rosa <sup>1</sup>, Paulo Gustavo Simão Lopes <sup>2</sup>, Flávio César Magalhães Lopes Rodrigues <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Prof. Depto de Música, DMU/UEM

<sup>2</sup> Discente do curso de Licenciatura em Artes Cênicas, contato: [paulogustavo.lobes@gmail.com](mailto:paulogustavo.lobes@gmail.com)

<sup>3</sup> Discente do curso de Licenciatura em Artes Cênicas, contato: [flavio@magalhaesart.com](mailto:flavio@magalhaesart.com)

***Resumo.** A Fotografia e os elementos visuais que a constituem permitem reter a ação do tempo sobre as ações humanas, eternizando momentos através da imagem que, desde a pré-história, tem importância essencial para o ser humano como elemento de registro de si próprio ou de suas ações. O presente texto parte da reflexão acerca das atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão “Corpo em Movimento: Dança Teatro<sup>2</sup>”, em seu desdobramento denominado “Corpos em Instantes de Movimentos”, que tem como objetivo focar o corpo em movimento na dança-teatro com a intervenção da fotografia em seu processo como dispositivo de criação e de registro.*

***Palavras-chave:** dança-teatro, expressão corporal, fotografia.*

## 1. Contexto

A fotografia, elemento visual surgido na década de 1830, é muito presente nos dias atuais, abrangendo várias áreas da vida e do cotidiano humano. Tornou-se, inclusive, um dos mecanismos mais comuns de registro de imagens, capaz de mostrar relações, localizações, pessoas, objetos, lugares e arquivamento de momentos, diga-se, instantes!

Se, por um lado, os elementos fundamentais da fotografia vêm se estabelecendo ao longo das últimas décadas e, desde o surgimento do filme fotográfico colorido, quase não sofreram alterações, por outro lado os avanços tecnológicos vêm, sistematicamente, possibilitando melhorias na qualidade das imagens produzidas, agilização das etapas do processo de produção e a redução de custos, contribuindo enormemente para a popularização da fotografia.

Nos tempos atuais, a criação e popularização de novas tecnologias, em especial a tecnologia digital, têm alterado significativamente os paradigmas que norteiam o uso da fotografia. Os equipamentos, ao mesmo tempo em que se tornam mais acessíveis, em virtude de preços relativamente menores, oferecem aos usuários não profissionais recursos cada vez mais sofisticados, proporcionando uma maior qualidade de imagem e mais facilidade de uso. A simplificação dos processos de captação, armazenagem e reprodução das imagens (proporcionados pelo desenvolvimento das tecnologias digitais), somadas às facilidades dos recursos da informática, vêm ampliando e democratizando o uso da imagem fotográfica nas mais diversas aplicações. O surgimento dos *smartphones* (e a evidente incorporação da câmera fotográfica a estes aparelhos,

---

<sup>2</sup> Projeto de Extensão “Corpo em Movimento: Dança/Teatro”, desenvolvido por DMU/APC, na Universidade Estadual de Maringá – UEM, sob a coordenação/orientação do prof. Dr. Wagner Rosa

cada vez mais sofisticados) vem, decisivamente, transformando a fotografia em elemento de uso cotidiano do indivíduo. Nesta medida em que se torna uma experiência cada vez mais facilitada, a fotografia deverá ampliar o campo de significados da experiência de momentos por meio do registro fotográfico, ou seja, de instantes de movimento.

Para Bastos (2014) a fotografia está constantemente atrelada à noção de “documento”, servindo para testemunhar uma realidade e, num momento posterior, facilitar as recordações sobre essa mesma realidade. Ao longo do tempo esta função se transformou com o acelerado avanço das tecnologias, e a máquina fotográfica tornou-se um instrumento de informação e documentação visual.

Segundo Ribeiro, “para constituir a concepção de imagem no retrato, a fotografia desde o seu advento, estreitou relações com a teatralidade, ao realizar um acordo tácito entre o fotógrafo e o retratado, na construção das poses e expressões” (RIBEIRO, 2016, p.697). A fotografia, tal como a propomos aqui, dialoga com o universo da linguagem artística da dança. Segundo Rosa, as características mais elementares da dança são, também, os seus fatores de complexidade, o que contribui para que ela se constitua enquanto linguagem, signatária de conteúdos e elementos próprios, tais como o movimento corporal (e o não movimento): o corpo (o corpo em sua unicidade – sistêmico, orgânico) em suas relações com o tempo e o espaço, e as ações daí ocorridas em dinâmicas e ritmos; o corpo que dança expressa a extensão dos seus movimentos como presença física e o movimento (que se apresenta das mais variadas formas, e de acordo com os textos e contextos nos quais estiver contido) (ROSA, 2017, p. 13).

Neste contexto, atrelado ao universo da dança, o ato de fotografar não pode ser descrito como um mero apertar de um botão, como um “click”. Há, necessariamente, a presença da sensibilidade, domínio de técnicas e um do olhar atento que registra um momento único, singular. Nestes “instantes”, o fotógrafo recria aquele mundo externo através da realidade estética em diálogo com a realidade dos indivíduos com quem compartilha aqueles instantes.

## **2. Imagens em movimento, Instantes de movimento**

As metodologias que compõem os exercícios corporais dos encontros são baseadas no trabalho de dança-teatro de Pinna Bausch (FERNANDES, 2007; SILVEIRA e NOGUEIRA, 1997) e nos temas de movimento de Rudolf Laban (1978; 1990) e seu processo não verbal de domínio do movimento. Os exercícios têm por finalidade a busca de motivações interiores do movimento e o funcionamento exterior do corpo. São elencados, também, elementos presentes na fotografia, tais como luz e sombra, perspectiva, ponto de fuga e angulações como dispositivos de criação. As atividades de movimentações corporais são propostas aos participantes (atores/dançarinos) paralelamente à estímulos sonoros e músicas de diferentes estilos. Os respectivos exercícios propõem um ambiente que possibilite criações fluentes e explorações do corpo em movimento, principal objeto de estudo diante das câmeras fotográficas.

As atividades aqui relatadas foram desenvolvidas no primeiro semestre de 2018, às segundas e quartas-feiras, no período matutino, como um desdobramento do Projeto de Extensão “Corpo em Movimento: Dança/Teatro”. Pelo interesse demonstrado por parte dos envolvidos as atividades e o trabalho processual serão continuadas e ampliadas, permitindo, inclusive, a integração de novos participantes, tanto da comunidade acadêmica quanto da comunidade externa (artistas, profissionais fotógrafos e demais interessados).

Ao realizar o trabalho de laboratório com oficinas de dança-teatro e o diálogo proposto com a linguagem fotográfica, foi possível depreender que, mesmo de forma ainda insipiente, o projeto permitiu com que os envolvidos obtivessem foco e reflexão corporal, melhoras no desempenho corporal, respeito e escuta do próprio corpo, compartilhamentos de experiências e vivências corporais obtidas como repertório ao longo da vida; e que, durante a realização de cada encontro, foi possível considerar que a atividade artística que culmina do encontro de um trabalhado atrelado à arte cuja essência é o movimento e do seu contraponto, que é o registro de um instantâneo como fim, a possibilidade de ressignificar as imagens, potencializá-las pelo seu “congelamento” de um ato efêmero que, na contrapartida com a efemeridade dos corpos que dialogam com o espaço e o tempo, tem o potencial de eternizar o gesto, de capturar a essência e o potencial comunicativo daquilo que, de outra forma, estariam sujeitos ao autoconsumo.

Para Dubois (1994), a relação da foto com seus referentes passou por três posições diferentes, cada qual relacionada com diferentes momentos históricos. A fotografia é vista em primeiro momento como um espelho do real; no segundo momento a fotografia será entendida como transformação do real; e por fim, mais atualmente, a fotografia é vista como traço do real, uma referência. Portanto, Indiscutivelmente, não há presente nesse processo, a intenção de valorar uma linguagem em detrimento da outra, mas de evidenciar o surgimento de uma terceira possibilidade, decorrente do estudo entre corpo em movimento coexistente com os instantes comunicativos e expressivos imortalizados pelo fazer fotográfico.

### **3. A guisa de uma conclusão**

Consideramos a relevância deste projeto no âmbito universitário, como espaço de pesquisa e potencialmente, ultrapassando as barreiras técnicas e financeiras que dificultam o acesso ao conhecimento sistematizado. Desta forma, viabilizando também possibilidades de criação e estudo de diferentes elementos cênicos. Para além disso, as extensões integram a classe artística à Universidade, assim como possibilita um espaço para o exercício da docência na área artística e concatenando prática com teoria. No bojo, diretamente com a formação de profissionais das Artes Cênicas.

Em suma, frisamos que o projeto permanece em constante desenvolvimento, trabalhoso e rigoroso. Todavia, rico e inspirador, visto que há uma infinidade de gestos e movimentos a serem potencialmente estudados. Em nossa percepção, os resultados obtidos até o presente momento não podem ser perdidos, mas continuados e, quiçá, ampliados. Ao explorar e se perceber em instantes de movimentos, os atuantes, percebem, por conseguinte, detalhes mais precisos de sua própria ação e de possibilidades de criação. No diálogo com estes artistas em movimento, o fotógrafo, concomitantemente, aprende a explorar mais atentamente como os corpos se comportam em relação à sua corporeidade, ao emprego de sua própria energia na relação com o tempo e o espaço, também, na interação e compartilhamento destes instantes com outros corpos.

Dada a importância do assunto, torna-se necessário o alargamento constante das ações da pesquisa nesse campo, considerando que vivemos em um mundo marcado pelo constante aceleração de todas as coisas, e, por relações sempre efêmeras, a possibilidade de deter o olhar ao corpo expressivo representa a chance de imprimir sobre a imagem captada certa dose de questionamentos, e construindo, portanto, conexões reflexivas sobre os movimentos registrados em frações de momentos, em seus instantes

#### 4. Referências

BASTOS, Ana Rita. A fotografia como retrato da sociedade. *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Vol. XXVIII, 2014. p. 127- 143

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas (SP): 1994.

FERNANDES, Ciane. *Pina Bausch e o Wuppertal Dança-Teatro*. São Paulo: Annablume, 2007.

LABAN, R. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978.

\_\_\_\_\_. *Dança educativa moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

RIBEIRO, Niura. *A Fotografia como Corpo Performatizado: a autoridade da imagem construída*. Rio Grande do Sul. 2016. p. 696-708.

ROSA, Wagner. *Artes Cênicas*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2017. 176 p.

SILVEIRA, Maria A. Cravo; NOGUEIRA, Marcia P. *Dança e teatro: tendências do século XX e o Thanztheater de Pina Bausch*. Florianópolis: UDESC, 1997.

# O que sua estética diz sobre o seu Clown?!

## Área Temática: Cultura

**João Alfredo Martins Marchi<sup>1</sup>, Renata Carolina Pereira<sup>2</sup>, Gabrielle Cristina Gazani da Silva<sup>3</sup>, Gustavo Santos Belline<sup>4</sup>, Leticia da Silva Munhoz<sup>5</sup>, Tatiane Milene de Souza Meller<sup>6</sup>.**

<sup>1</sup>Prof. Me. de Artes Cênicas, DMU/UEM contato: joaomarchi23@hotmail.com

<sup>2</sup>Prof. Me. de Artes Cênicas, DMU/UEM contato: re.c.p@hotmail.com

<sup>3</sup>Aluna de Artes Cênicas, bolsista de extensão – PIBIS - UEM, contato: gaby111908@hotmail.com

<sup>4</sup>Aluno de Artes Cênicas contato: uem110518@gmail.com

<sup>5</sup>Aluna de Artes Cênicas contato: leticiamunhoz310@hotmail.com

<sup>6</sup>Aluna de Artes Cênicas contato: [tatianemilene@hotmail.com](mailto:tatianemilene@hotmail.com)

**Resumo.** *O Objetivo deste texto é apresentar a importância do figurino e maquiagem dos palhaços/clowns para o melhor desenvolvimento de sua trajetória de treinamento e estudos para atores e educandos, dentro do projeto de extensão “Grupo de pesquisa e experimentação cotidiana utilizando como paradigma a figura do clown”, o GEC, orientado pelo professor mestre João Alfredo Martins Marchi. Mencionamos experiências vividas por participantes do GEC a partir de entrevistas. Utilizamos autores da arte da palhaçaria, tais como: Lecoq (2010), e Bolognesi (2009). Os resultados apontam para as essências de identificação de qual tipo de clown que está em cena.*

**Palavras-chave:** Clown. Figurino. Maquiagem.

## 1. Introdução

Este trabalho dedica-se a análise do figurino e maquiagem dos clowns dentro do GEC – Grupo de Pesquisa e Experimentação Cotidiana Utilizando como Paradigma a Figura do Clown, buscando compreender esse processo como parte da construção da figura do Clown. Para tal são utilizadas duas respostas referentes a um questionário aplicado no projeto.

Num primeiro momento, expomos o conceito de clown do qual falamos e num segundo, utilizamos a análise de conteúdo nas respostas referentes às entrevistas semiestruturadas realizadas com os participantes do projeto. As perguntas foram destinadas aos clowns mais “velhos”, bem como aos mais “novos” e a temática girava em torno da relação entre cor, figurino e maquiagem. Utilizamos apenas duas respostas devido à extensão do presente artigo.

## 2. O CLOWN

Um primeiro ponto, para uma melhor compreensão do trabalho, é caracterizar a diferença entre clown e palhaço. Em português, segundo Roberto Ruiz (1987, p.12) a palavra clown vem de clod, que se liga, etimologicamente, ao termo inglês “camponês” e ao seu meio rústico, a terra. Por outro lado, palhaço vem do italiano *paglia* (palha), material usado no revestimento de colchões, porque a primitiva roupa desse cômico era feita do mesmo pano dos colchões: um tecido grosso e listrado, e afogada protegendo-o das constantes quedas. O modo de se pensar no palhaço, neste trabalho, se aproxima mais da figura sutil do clown do que dá excentricidade do palhaço do circo. Existem dois tipos clássicos de clowns: o branco e o augusto. O clown branco pode ser entendido

sob o ponto de vista do patrão, o intelectual, a pessoa que pretende demonstrar inteligência. O augusto é o bobo, o eterno perdedor, o ingênuo de boa-fé, o emocional. Ele está sempre sujeito ao domínio do branco, mas, geralmente, supera-o, fazendo triunfar a pureza sobre a malícia, o bem sobre o mal (BURNIER, 2009).

Para ser um clown é preciso, dentre outras técnicas, dar liberdade para mostrar o que se é, no sentido mais ridículo (COLAVITTO, 2015) e fazer as pessoas rirem desse fracasso, bem como, “O *clown* não existe fora do ator que o interpreta. Somos todos *clowns*. Achamos que somos belos, inteligentes e fortes, mas temos nossas fraquezas, nosso derrisório, que, quando se expressa, faz rir” (LECOQ, 2010, p.213). Dito isto, após percebermos no GEC um local de treinamento e experimentação da figura do *clown*, nos propusemos a investigar alguns pontos acerca do entendimento do palhaço a partir do figurino e maquiagem.

### 3. DESENVOLVIMENTO

Aqui a maquiagem será exposta como um elemento de identificação do personagem pelo público, assim como o nariz vermelho que, colocado, compõe a mesma. Dentro da metodologia experienciada do GEC, há a presença de duas figuras: o *clown* branco, e o augusto. O chamado de *Clown* Branco tem esse nome por conta de seu rosto “enfarinhado” que tinha como elemento a farinha em sua maquiagem (BURNIER, 2009). Atualmente são usadas bases brancas, chamadas também de *Pancakes*, onde os *Clowns* Brancos recebem poucos traços e cores por cima dessa base branca; os destaques recaem nas sobrancelhas e boca. O Augusto pode ser visto como o seu contrário, possuindo contornos fortes e rebuscados, além de receber mais cores, dentre elas, o vermelho aparece como a cor preferida. (SILVA, 2016) A maquiagem acompanha linhas naturais de cada rosto, sendo, por exemplo, uma pessoa que tiver uma sobrancelha arqueada e outra redonda, terá tais aspectos ressaltados pela maquiagem. As cores da sua maquiagem podem combinar com a cor da roupa do *Clown* e adereços como chapéu, perucas e óculos não influenciam diretamente a maquiagem. (SILVA, 2016).

As construções do figurino dos *Clowns*, no método exposto, são feitas com roupas trazidas pelos iniciados e participantes do GEC, que são espalhadas pela sala como se fosse um grande bazar, assim os *Clowns* vão passeando pela sala e analisando as roupas, escolhendo as peças de acordo com o gosto do *Clown*, deste modo, vão achando peças com as quais se identificam. Durante essa experimentação, notamos que uns ficam indecisos, já outros ficam até o final com o seu figurino. Depois de todos montarem seu figurino eles vão para a análise com a ajuda dos que estão de fora, geralmente os membros mais “velhos” do grupo, os que já têm seu palhaço há mais tempo. Para auxiliar nessas considerações, trazemos a análise de duas respostas referentes a uma entrevista semi-estruturada aplicada no GEC. A escolha das respostas foi feita buscando elucidar as diferenças entre um *clown* Branco e um Augusto.

#### 4. As Entrevistas e a análise do conteúdo

7 – Em sua opinião, o que a maquiagem e seu figurino representam na personalidade de seu clown?

Resposta 1	Resposta 2
A minha clown é branca, sua cor predominante é o verde, por que para ela é chamativo, gosta de se aparecer, a sua cor verde é relacionada a azeitona por conta da relação com meu tamanho. Meu figurino mostra a filhinha da mamãe, que sua mãe produziu com um vestidinho uma blusinha, mas no processo de criação ele não era verde, era dourado com vestido de cupcakes, mas o destino clownesco me guiou e meu figurino se tornou verde [...] (G. 2018)	Minha maquiagem representa a felicidade e a bobisse do meu clown. Meu figurino mostra que meu clown acabou de sair da cama e está com sono, no estado de leseira, de quem acabou de acordar, com preguiça [...] Acho que eu faço as coisas com uma preguiça energética. (E. 2018)

Destas respostas vemos que a maquiagem e o figurino transparecem as principais características dos clowns, evidenciando sua personalidade e suas peculiaridades como o Augusto tem o jeito mais cotidiano despreocupado, não é perfeccionista, não se importa em estar diferente e seu ar de simplicidade o deixa mais próximo do público. Enquanto o Branco, podemos ver um tom mais elegante e formal, não dando o braço a torcer, o quanto o mais ele estiver, melhor. Ele sempre quer estar apresentável, não querendo mostrar nenhum erro, buscando, de certo modo, a “perfeição” que pode ser vista, inclusive, em seu figurino.

#### 5. Considerações Finais

Tendo em vista as respostas analisadas, para que logo de início o público possa se identificar com o clown que mais é agradável ou perceber a hierarquia que irá se formar em jogo. Notamos também que apesar de a maquiagem ser independente do figurino, suas cores podem se basear no mesmo ou não, isso depende de como agregará na personalidade do clown, já que essa será decidida por outras pessoas envolvidas num processo de construção.

#### 6. Referências

RUIZ, ROBERTO *Hoje tem espetáculo?* As origens do circo no Brasil. Rio de Janeiro: INACEN, 1897.

BURNIER, LUÍS OTÁVIO. *A arte de ator: da técnica à representação* – 2a ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

LECOQ, Jacques. *O Corpo Poético: uma pedagogia da criação teatral*: Livro traduzido para o português por Marcelo Gomes. Edição Sesc SP, 2010.

COLAVITTO, Marcelo Adriano. *O Clown E A CRIANÇA: POÉTICAS DE RESISTÊNCIA*. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Verônica Regina Müller. Maringá, 2015.

SILVA, Pedro Eduardo Da. A ATITUDE CIRCENSE PRESENTE NO TRABALHO DO PALHAÇO DE FESTAS. *Anais ABRACE*, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 1-19, nov. 2016. Disponível em: <<http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1683>>. Acesso em: 07 jul. 2018

# O Teatro na Sala de Aula: um Exercício de Reflexão Sobre as Relações das Crianças, Enquanto um Possível Estímulo Necessário para a Compreensão do Estado do *Clown* na Perspectiva da Espontaneidade e da Inocência

Área Temática: Cultura

Leandro H. Romão<sup>1</sup>, Mariana A. Gotardi S.<sup>2</sup>, Rafael F. Leonel<sup>3</sup>, Thiago M. Leal<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Graduado em Artes Cênicas - UEM, contato: leandroromao89@gmail.com

<sup>2</sup>Aluna do Curso de Artes Cênicas - UEM, contato:  
marianaalexsandragotardis@gmail.com

<sup>3</sup>Graduado em Artes Cênicas - UEM, contato: rafaelleonel@live.com

<sup>4</sup>Prof. Depto de Música - DMU/UEM, contato: thiago\_t.ml@hotmail.com

**Resumo.** *O objetivo principal deste breve trabalho, é discutir e promover reflexões sobre as similaridades entre a espontaneidade genuína das crianças, percebidas em práticas com o teatro em sala de aula, e o fazer artístico do clown. Em nossa pesquisa utilizamos de observações realizadas junto ao “Grupo de pesquisa e experimentação cotidiana utilizando como paradigma a figura do clown”, em relação com nossas práticas docentes junto a crianças de variadas faixas etárias. Entre as principais considerações que são realizadas, percebemos a importância do estudo das sutilezas relacionadas a dimensão espontânea e sincera das crianças para a formação do artista cômico.*

**Palavras-chave:** *Clown - Criança - Espontaneidade*

## 1. Introdução

Como proposta inicial para o desenvolvimento de nosso texto, consideramos de fundamental importância situarmos o leitor quanto às principais terminologias que aparecem em nossa pesquisa: *clown* e palhaço. Concordamos com Burnier (2001), no que se refere à compreensão de que *clown* e palhaço, ainda que constituindo termos distintos servem para nominar a mesma coisa, no entanto, podem existir diferenças enquanto linhas de pesquisa e trabalho. Costuma-se utilizar o termo *clown* ao se referir mais especificamente ao cômico do nariz vermelho geralmente mais sutil ou aquele tipo mais ligado ao treinamento cênico teatral. Já o termo palhaço aparece para alguns autores como em referência a aquele artista cômico relacionado as *gags* (números conhecidos e/ou previamente ensaiados) e ao universo do circo.

A figura cômica do palhaço assim como a humanidade passou por diversas modificações no decorrer da história, fazendo-se presente desde a antiguidade em apresentações populares, na idade média em festividades, no renascimento com a *commedia dell'arte* e artistas de feiras e porque não, desde de a era primitiva como alude Castro (2005), ao discorrer que não seria difícil de imaginar situações risíveis já com os homens das cavernas. Vários tipos cômicos, portanto, aparecem com diferentes nomenclaturas em variados espaços e tempos de nossa história, sendo algumas das figuras mais conhecidas a do: bufão, bobo da corte, tolo, palhaço, *clown*, tony, augusto, tony-excêntrico entre outros.



Para nossa pesquisa consideramos os tipos cômicos presentes em nosso lócus de observação e análise nas práticas realizadas semanalmente no: “Grupo de Pesquisa e Experimentação Cotidiana Utilizando Como Paradigma a Figura do *Clown*”, relacionando as práticas destes palhaços com às demonstrações espontâneas e sinceras de crianças de faixas etárias diversas no que se refere às aulas de teatro na disciplina de artes em escolas municipais do município de Maringá e às aulas de teatro no “Instituto Promocional Jesus de Nazaré” de educação social no município de Mandaguari.

## **2. O Clown e a Criança**

Uma das principais motivações ao realizar esse estudo comparativo entre as crianças na sala de aula e os *clowns* na sociedade, é perceber como a linguagem teatral está diretamente ligada às formas de resistência dentro de seu propósito de expressão, ou seja, inevitavelmente todo o processo de desenvolvimento dessas práticas é afetado pelo contexto social em que os participantes estão inseridos.

Deste modo ao analisarmos o âmbito educacional notamos um sistema movido a normas e regras, sendo esta dinâmica reflexo do nosso cotidiano, no entanto, diante desta realidade, temos a prática teatral na escola como um fator que pode possibilitar diversas formas de expressão dos educandos por meio de descobertas, ações espontâneas e relações sociais. Tendo consciência que para tanto são necessários diversos fatores que possibilitem sucesso nessa prática teatral, compreendemos que o êxito está no desenvolvimento e assimilação das crianças perante o processo teatral, sendo necessário primeiramente entender que sim, é possível que a criança tenha autonomia para se expressar.

As crianças podem se tornar dentro de práticas teatrais um símbolo de resistência aos padrões sociais, se assemelhando assim as características do palhaço, visto que este busca estar fora da ordem estabelecida, sendo uma figura que justamente pode promover a inversão dos poderes, de modo parecido ao aluno que chega à escola e inevitavelmente muitas vezes entra em conflito com as normas estabelecidas no ambiente escolar como, por exemplo, estar em fila ou mesmo ficar em silêncio. Para a criança todo o ambiente ou conteúdo que lhe é compartilhado na escola pode lhe parecer uma grande novidade, de maneira que cada uma delas está suscetível a ter diversas reações, inclusive inesperadas, de acordo com suas particularidades talhadas socialmente. O mesmo está presente nas criações cênicas do Palhaço que busca justamente realizar todas as ações como se fosse à primeira vez dentro da sua lógica cultural e social.

Nas práticas que são realizadas no projeto de extensão percebe-se que as relações de poder estão presentes nas improvisações experimentadas pelos palhaços participantes. Por vias gerais essas relações são expressas em momentos que um dos palhaços exerce uma autoridade e o outro tenta atingir seu objetivo contornando os mandos e desmandos da autoridade.

A resistência na arte da palhaçaria está em como o palhaço contorna a figura de autoridade por muitas vezes de forma ingênua. Para ilustrar essa situação há cenas clássicas em que o palhaço quer algo, por exemplo, entrar em um local em que um determinado guarda não permite, - pois o palhaço não está vestido adequadamente ou não possui dinheiro -, então, de diversas formas o palhaço tenta atingir seu objetivo fingindo (entre outras possibilidades) ser uma pessoa de influência social, chamando assim a atenção do guarda para outro lugar. Driblando a autoridade exercida pelo agente.

Percebe-se no comportamento cotidiano da criança similaridades com a arte da palhaçaria ao observarmos situações, por exemplo, em que a criança tenta por maneiras variadas atingir taticamente algum objetivo, seja ele simplesmente brincar em alguma hora na qual o adulto não permite ou alcançar algo que seja proibido para o momento. Neste ponto o teatro pode contribuir para que essa forma de resistência às normas e ao poder, possa ser potencializada e canalizada para o aprendizado e autonomia da criança. Pois o teatro dentro das perspectivas pedagógicas de Viola Spolin, Bertolt Brecht, Augusto Boal entre outros, se vincula as possibilidades de promoção da espontaneidade, sendo este um caminho de possível emancipação e de protagonismo da criança. Pois “nesse sentido, a arte é uma extensão da vida, mas significa outra compreensão da realidade, abrindo caminho para o processo de conhecimento que nenhuma outra área pode oferecer” (KOUDELA, pág. 16. 2010).

Observamos ainda, que conforme o tempo passa e as crianças se tornam adultas, determinadas amarras sociais de certa maneira podem impedir a espontaneidade do indivíduo, condicionando-o a evitar desvios às normas e regras estabelecidas socialmente. Entendendo que estes desvios poderiam representar uma circunstância risível ou vexatória segundo o julgamento de seus pares sociais. No entanto, percebemos que há ainda no adulto sutilezas e reflexos de sua criança interior, de maneira que a busca por estas qualidades pode representar um caminho formativo para a construção de um bom palhaço. Temos, portanto, na observação do comportamento de crianças no fazer teatral em sala de aula, material que pode auxiliar o adulto a descobrir-se espontâneo.

### **3. Considerações Finais**

Nota-se, portanto, uma necessidade de explorar os fenômenos que são postos de forma sincera pelos educandos, sendo importante observar suas relações diante dos educadores ou mesmo entre eles. Entendemos que o diálogo que surge nas relações entre e com as crianças observadas é reflexo da formação que cada criança tem dentro de sua cultura ou sociedade, de maneira que percebemos, por exemplo, que relações hierárquicas surgem nas brincadeiras dos educandos, quando do aparecimento de figuras como líderes, pessoas por vezes ansiosas, medrosas, corajosas, exibidas, tímidas, entre outras. Ao analisarmos tais traços de personalidades, refletimos que por mais parecidas que sejam as ações ou sentimentos das crianças em comparação com os dos adultos, há uma grande diferença que está na forma sincera e/ou espontânea em que a criança realiza ou demonstra qualquer uma dessas situações.

No dia a dia buscamos esconder o que sentimos ao realizarmos nossos papéis sociais. As crianças pelo contrário, demonstram experimentar a prática teatral da mesma forma espontânea que o palhaço busca fazer usando o nariz vermelho enquanto máscara que serve unicamente para revelar o indivíduo tal como ele é. O “Grupo de Pesquisa e Experimentação Cotidiana Utilizando Como Paradigma a Figura do Clown”, tem na espontaneidade da criança, um dos mais preciosos materiais de estudo.

### **4. Referências**

BURNIER, Luís Otávio. *A Arte de Ator: da Técnica a Representação*. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

CASTRO, Alice Viveiros de. *O Elogio da Bobagem – palhaços no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

KOUDELA, Ingrid D. *Texto e Jogo*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

# As Oficinas de Iluminação Cênica na Universidade Estadual de Maringá

Área Temática: Cultura

Wagner Rosa<sup>1</sup>, Vanderlei Antonio Bachega Junior<sup>2</sup>,

<sup>1</sup>Prof.<sup>a</sup> Depto de Música - DMU/UEM

<sup>2</sup>Aluno do Curso de Artes Cênicas, contato: vandbjunior@gmail.com

**Resumo.** *O artigo apresentado trata-se de um apanhado das atividades e suas consequências, referentes às oficinas de iluminação cênica, em formato de cursos de extensão, promovidas no ano letivo de 2017, na Oficina de Teatro da UEM. Sendo estas intituladas: “Iluminação Cênica: Princípios Práticos da Iluminação Teatral”; “Praticando a Iluminação Cênica” e “Exercício de Montagem Técnica no Espetáculos do Teatro da UEM”. Ministradas por acadêmicos da graduação em Artes Cênicas da universidade, voltadas à comunidade interna e externa.*

**Palavras-chave:** teatro – iluminação – oficina

## 1. Contexto

Refletindo sobre a produção artística dos espetáculos produzidos no contexto da graduação em Artes Cênicas da Universidade Estadual de Maringá observamos a recorrência de um elemento da cena ainda pouco explorado nas mais diversas estéticas e temáticas: a iluminação cênica. Ao observar a produção a âmbito local, ou até mesmo nacional, as obras cênicas ainda carecem de avanços no quesito iluminação. Recorremos, então, ao universo acadêmico para analisar as problemáticas ligadas à constatação apresentada e para promover possibilidades de mudança.

Simões (2008), apresenta a iluminação cênica como um elemento responsável por fornecer visibilidade aos espetáculos cênicos, entretanto, a sua função nas Artes Cênicas está para além, a luz ainda é capaz de alterar a forma de como se vê. Para Camargo (2012), a iluminação teve de ser reinventada quando o teatro moveu-se para dentro dos edifícios teatrais fechados. Nota-se então, que mais que permitir ver, a luz cênica possui funções semânticas que contribuem com as obras, ampliando a potência artística de cada trabalho.

Considerando que os cursos de graduação em Artes Cênicas são recentes dentro das universidades brasileiras, percebe-se que na maioria dos cursos oferecidos, a iluminação é uma disciplina curricular, porém, com carga horária longe do ideal necessário para uma abordagem completa do elemento. Assim, profissionais egressos, graduandos ou até mesmo artistas que não possuem formação a nível superior recorrem às oficinas e *workshops* para complementar suas produções.

Costa (2010), nos aponta alguns caminhos tomados por artistas quando falamos sobre iluminação. Em sua maioria, buscam contato com iluminadores que atuam no mercado, seja de forma individual ou em oficinas oferecidas por estes. Pode-se encontrar ainda, artistas que recorrem ao autodidatismo para suprir suas necessidades. O autor ainda nos aponta que grande parte das oficinas oferecidas apresentam um caráter tecnicista e instrumental da iluminação, não explorando a formação artística como um todo.

Diante das informações apresentadas, a iluminação é um elemento, e até mesmo uma linguagem artística, que necessita ser explorada no contexto de formação de artistas, principalmente ao analisar as problemáticas que influenciam, impedem ou dificultam o aprendizado e uma execução condizente com as produções cênicas. Para tanto, desenvolveram-se três projetos de extensão ligados à temática com o objetivo de fornecer um espaço de aprendizado e aprimoramento da linguagem.

## **2. As Extensões**

As oficinas de iluminação cênica promovidas na Universidade Estadual de Maringá foram intituladas como, “Iluminação Cênica: Princípios Práticos da Iluminação Teatral”, “Praticando a Iluminação Cênica” e “Exercício de Montagem Técnica nos Espetáculos do Teatro da UEM”. Os cursos de extensão oferecidos ocorreram no ano de 2017, entre o primeiro e segundo semestre do ano letivo, sediados na Oficina de Teatro da UEM, local administrado pelo grupo Teatro Universitário de Maringá. Vale lembrar que as oficinas foram viabilizadas pela Diretoria de Cultura e Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da universidade.

A primeira oficina, “Iluminação Cênica: Princípios Práticos da Iluminação Teatral”, sediada no teatro da universidade, contou com um encontro semanal, com três horas de duração, totalizando quinze encontros. Para esta primeira oficina havia um requisito de participação, ser acadêmico ou acadêmica do curso de Artes Cênicas da UEM, ou egresso da graduação. O requisito foi solicitado, porque em primeira instância fazia-se importante um contato prévio com a linguagem teatral.

A extensão atendeu quinze acadêmicos e acadêmicas do segundo, terceiro e quarto ano da graduação. Nos encontros foram trabalhadas noções técnicas sobre elétrica e os equipamentos utilizados, bem como a criação de cenas curtas improvisadas e experimentações cênicas, tendo como principal elemento a ser observado, a iluminação. Esta oficina promoveu uma reflexão nos participantes, evidenciada a cada encontro, sobre a utilização da luz em cena como um fator de grande expressividade, capaz de comunicar signos e símbolos que contribuem para a encenação como um todo. Também, foi responsável por promover uma divulgação do elemento com a comunidade acadêmica, permitindo a participação em outros eventos de extensão realizados na universidade.

Os resultados desse curso de extensão foram positivos, de modo que houve uma grande procura de outros acadêmicos e também de artistas da comunidade externa. Dessa forma, com o objetivo de atender mais acadêmicos da universidade e também a comunidade, foi desenvolvida mais uma oficina, intitulada “Praticando a Iluminação Cênica”.

Para esta oficina o requisito foi deixado de lado, sendo acessível a qualquer interessado, desde que maior de dezoito anos de idade. A segunda oficina atendeu mais quinze participantes no segundo semestre do ano letivo de 2017. Também com quinze encontros semanais, com três horas de duração. Os participantes mesclavam-se entre acadêmicos, profissionais da dança, fotógrafos e até mesmo apenas interessados em conhecer a linguagem. Assim como a oficina anterior, visamos mais uma vez, promover conhecimentos técnicos que envolvem a função, fornecer os conhecimentos básicos para uma boa comunicação e domínio dos termos, bem como o desenvolvimento de um olhar sensível para tudo o que era produzido a cada encontro. Ambas as oficinas desenvolveram-se com atividades realizadas em grupos, permitindo que cada participante conhecesse a fundo cada etapa ligada à execução do elemento em espetáculos: a montagem, a operação e a criação.

Evidencia-se que ao retirar o requisito inicial para a participação na oficina, o público artístico de Maringá foi contemplado também. De tal modo, a função da extensão foi cumprida, permitindo um envolvimento da comunidade externa com o projeto e uma integração com a comunidade interna.

Com o intuito de permitir continuidade no processo de aprendizagem e prática da linguagem cênica, outro curso de extensão tornou-se necessário. Para que a continuidade se realizasse, contamos com a integração do curso de extensão no evento de extensão “Temporada Universitária de 2017”. A Temporada Universitária trata-se de uma mostra artística das produções realizadas na universidade, contando com apresentações teatrais e musicais, de projetos de extensão, grupos artísticos da universidade e também com o envolvimento dos cursos de graduação de Música e Artes Cênicas.

“Exercício de Montagem Técnica nos Espetáculos da UEM” foi realizado de forma modular, acompanhado a programação da “Temporada Universitária”. Para participação deste curso de extensão, o requisito tratou-se da participação em alguma das oficinas oferecidas ao longo do ano. Sendo assim, o participantes puderam experimentar outra faceta da iluminação teatral, a montagem de espetáculos no contexto de festivais.

### **3. Reflexos**

Ao proporcionar oficinas de iluminação cênica na UEM reparamos o movimento da comunidade interna e externa com o elemento da encenação. Durante a aplicação de cada oficina, podemos considerar que a atividade artística de iluminar envolve três fatores: o técnico, o estético e o sensível. Os conhecimentos técnicos abordados nas três oficinas não visam a profissionalização de novos iluminadores, mas foi apresentado com o intuito de fornecer as noções mais básicas e recorrentes nos espaços artísticos do país.

Já o conhecimento estético refere-se ao conceitos artísticos, símbolos e signos envoltos no processo de criação artística. A luz como elemento de importância, criando e recriando atmosferas cênicas e potencializando intenções da escritura cênica. Complementando os fatores, a sensibilidade demonstrou-se crucial, haja vista que ao desenvolvê-la em cada participante ampliamos as capacidades criativas e oferecemos subsídios para fundamentar as criações cênicas.

Da importância das oficinas para o contexto universitário, municipal e talvez, nacional, encontramos um espaço para resistência, pesquisa e ensino da iluminação, ultrapassando as barreiras técnicas e financeiras que dificultam o acesso ao conhecimento sistematizado do elemento. Para além disso, as extensões integram a classe artística à universidade, assim como possibilita um espaço para o exercício da docência na área artística. Contribuindo, assim, diretamente com a formação de profissionais das Artes Cênicas.

### **4. Referências**

CAMARGO, Roberto Gill. *Função estética da luz*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

COSTA, Ronaldo. *A Oficina de Iluminação e a Construção de Espetáculo: anotações para uma proposta pedagógica*. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal 2010.

SIMÕES, Cibele Forjaz. *À Luz da Linguagem: A iluminação cênica: de instrumento da visibilidade à 'Scriptura do visível'* (Primeiro recorte: do Fogo à Revolução Teatral). 2008. 232 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Cênicas, Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

# Projeto de Extensão Orquestra de Câmara da UEM

## Área temática: Cultura

**Pedro Henrique Ludwig<sup>1</sup>, Ana Clara Carrijo Martins<sup>2</sup>, Karla Sanchez<sup>3</sup> Mateus Berns<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>Prof.<sup>a</sup> Depto de Música – DMU/UEM, contato: phludwig@uem.br

<sup>2</sup>Aluna do curso de Graduação em música, bolsista estagiária, contato: anaccmartins97@gmail.com

<sup>3</sup>Aluna do curso de Graduação em música, bolsista estagiária, contato: karla\_msanches@hotmail.com

<sup>4</sup>Aluno do curso de Graduação em música, bolsista estagiário, contato: mateusberns97@gmail.com

***Resumo.** Este artigo tem como proposta apresentar e descrever as atividades realizadas no projeto de extensão Orquestra de Câmara da UEM, no qual participam alunos do curso de música da UEM, além de voluntários da comunidade externa e corpo docente.*

**Palavras-Chave:** Música - Orquestra - Cultura

### 1. Sobre o projeto.

A **Orquestra de Câmara da UEM**, Projeto de Extensão do Departamento de Música da Universidade Estadual de Maringá, foi fundada em 2008 para fomentar em seus integrantes – membros da comunidade externa, alunos e ex-alunos do Departamento de Música da UEM – conhecimento e execução de repertório orquestral de todas as etapas históricas da Música, como parte fundamental de suas formações como instrumentistas.

Coordenado inicialmente pelo prof. Rael Bertarelli Gimenes Toffolo, docente de Composição e Regência da UEM, atualmente o Projeto também congrega os esforços dos professores Pedro Henrique Ludwig, de violoncelo, Paulo Egídio Lückman, de violino, e do professor José Roberto Imperatore Vianna, de contrabaixo. As vivências destes quatro professores, de formações diversas e ambientes orquestrais distintos, convergem em um trabalho sinérgico e descentralizado, oferecendo aos alunos diferentes práticas de execução orquestral, servindo como um laboratório de formação para outras habilitações do Curso de Música da UEM e levando à comunidade de Maringá e região concertos dinâmicos e com repertório que abrange desde o barroco ao contemporâneo, incluindo obras escritas pelos alunos de Composição do Departamento, algumas delas já premiadas em concursos nacionais e internacionais.

A orquestra completa em 2018 dez anos de atividade e conta com a participação de 15 discentes do curso de música da UEM, sendo dentre eles 14 bolsistas, além da participação de dois voluntários da comunidade externa.

Os frutos deste trabalho já vêm sendo colhidos: acadêmicos que já passaram pela Orquestra de Câmara da UEM têm desenvolvido importante trabalho na área, tocando em outras orquestras e atuando no ensino de música em instituições como a Universidade Federal de Juiz de Fora, SESC/PR, Fundação Luzamor, Orquestra Sinfônica da UEL, Orquestra de Câmara Solistas de Londrina, entre outras. Dentro desse ambiente plural de formação, ressalta-se o projeto de concertos didáticos realizados em parceria com a Secretaria de Educação de Maringá que tem levado

constantemente a orquestra para as escolas do município visando promover acesso a um tipo de repertório que foge da lógica do mercado de consumo e da música midiática.

Além de tocar seus instrumentos nos ensaios e apresentações, os participantes tem a oportunidade de participar do processo de produção e gestão de uma orquestra. Os bolsistas se dividem em três equipes distintas: assessoria de comunicação, arquivo e montagem. A primeira produz a divulgação dos concertos através das mídias sociais (Facebook, Instagram e WhatsApp), produz a arte e diagramação de cartazes e programas e entra em contato com os principais meios de comunicação de Maringá. A equipe do arquivo é responsável pela edição, impressão, preparação e armazenamento das partituras. A equipe da montagem realiza o transporte e organização de cadeiras e estantes na sala de ensaio e nos locais de concerto.

## 2. Atividades realizadas

No último ano, a orquestra pôde manter uma agenda intensa de atividades, além de um repertório de alto nível técnico e artístico. O engajamento dos quatro docentes que se dedicam à orquestra foi muito positivo e produtivo. Em 2018, houve o afastamento temporário do prof. Rael Gimenes Toffolo da regência do grupo. A função foi assumida pelo professor Marcello Stasi, contratado em março para atuar em disciplinas das áreas de regência e composição, além de disciplinas teóricas do tronco comum.

Em 2017, a Orquestra de Câmara da UEM realizou diversas apresentações, que atingiram um público de aproximadamente 2.000 pessoas da comunidade interna e externa à universidade, na cidade de Maringá e região. Os concertos ocorreram no Campus Sede, Teatro Calil Haddad e Centro Comunitário do Jardim Alvorada. Entre as atividades deste ano, destacamos as seguintes:

- Dois concertos no mês de agosto, com a participação do prof. Rudolf Haken da *University of Illinois* durante o Festival de Música de Maringá. Nesta oportunidade, foi executado o Concerto para Viola de Cinco Cordas, do próprio Haken, tendo-o como solista.
- As apresentações de grupos de câmara no Hospital Universitário, nas comemorações da semana da criança, com repertório especialmente selecionado para o público infantil.
- Participação nas atividades de “Boas Vindas!” promovidas pela DEG e PEC na primeira semana do ano letivo de 2018, nos seis campi regionais da UEM.

Abaixo estão listadas todas as atividades realizadas pela Orquestra de Câmara da UEM nos anos de 2017 e 2018.

### 2017

- 19/04 – Abertura da 1ª Reunião Aberta do Fórum de Educação Infantil do Paraná – FEIPAR, no Auditório do Bloco I-12.
- 1º/06 – Abertura do Fórum Estadual das Licenciaturas em Matemática (XI FELIMAT) no Anfiteatro Adelbar Sampaio (bloco F67)
- 05/06 – Abertura da Semana do Meio Ambiente na Câmara Municipal, promovido pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente.
- 11/06 – Concerto no Centro Comunitário Jd. Alvorada.
- 13/06 – Concerto no DACESE, Campus Sede.
- 26/06 – XI Curso Internacional de Cooperativismo e Desenvolvimento Rural no Anfiteatro do Bloco C-67.
- 31/06 e 1º/07 – Três apresentações no palco do evento Ciência na Praça, promovido



pela PPG na Travessa Jorge Amado.

- 12/07 - Abertura do XIX Seminário de Pesquisa do PPE, I Seminário de integração entre graduação em Pedagogia e Pós Graduação em Educação no Auditório do PDE.
- 17/08 – Concerto no Festival de Música de Maringá no Teatro Calil Haddad com a participação do violista Rudolf Haken (Universidade de Illinois), promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Maringá
- 20/08 - Concerto no Festival de Música de Maringá no Centro Comunitário Jd. Alvorada com a participação do violista Rudolf Haken (Universidade de Illinois), promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Maringá
- 25/08 - X Encontro das Seções Regionais da Sociedade Brasileira de Psicanálise, no Teatro Calil Haddad.
- 19/09 - Abertura Semana de Geografia, auditório do bloco I-12.
- 09 a 12/10 – Quatro apresentações de grupos de câmara na ala pediátrica do HU em comemoração à Semana da Criança.
- 25/10 – Apresentação no encerramento do Seminário do PIBID/UEM, Teatro Calil Haddad.
- 27/11 – Abertura Semana Acadêmica de Administração, no Auditório Dona Guilhermina.
- 13/12 - Concerto de Encerramento da Temporada 2018 no DACESE, Campus Sede

## 2018

- 13/03 – Apresentação na cerimônia de abertura do ano letivo no Campus de Goioerê.
- 14/03 - Apresentação na cerimônia de abertura do ano letivo no Campus de Umuarama.
- 15/03 - Apresentação na cerimônia de abertura do ano letivo no Campus de Ivaiporã.
- 16/03 - Apresentação na cerimônia de abertura do ano letivo no Campus de Cianorte.
- 16/03 - Apresentação na cerimônia de abertura do ano letivo no Campus de Cidade Gaúcha.
- 24/05 - Concerto de abertura de temporada 2018 na Paróquia Santa Maria Goretti com a participação do primeiro violista da Orquestra Sinfônica da UEL, Jairo Chaves.
- 11/06 - Abertura da semana de pedagogia no auditório do PDE
- 13/06 - abertura do V CIELLI (Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literatura)
- 18/06 - Abertura da XXXII Semana da Química - UEM "Identidade Química"
- 26/06 - Segundo concerto de abertura da temporada 2018 no Teatro Universitário de Maringá (TUM)
- 29/06 - Abertura da entrega do sexto título de Doutor Honoris Causa da história da instituição ao professor Rui Curi.

### 3. Música no Hospital Universitário de Maringá

Para o segundo semestre de 2018 está previsto o início de uma parceria entre a Orquestra de Câmara da UEM e o HU. Este projeto consistirá em apresentações musicais regulares de alunos e professores do Curso de Graduação em Música da UEM. O público será de pacientes em atendimento nas unidades de internamento, Enfermaria

do setor Ginecologia e Obstetrícia, Enfermaria do setor de Pediatria, Enfermaria do setor de Clínica Cirúrgica, Enfermaria do setor de Clínica Médica, Pronto Atendimento e Ambulatório Geral de Especialidades do hospital.

# Palhaçaria feminina: arte e resistência em tempos de exceção

## Área Temática: Cultura

Andresa de Angeli Viotti<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Mestranda em Letras, PLE/UEM. Contato: andresaviotti@hotmail.com

**Resumo:** *A proposta da presente pesquisa se faz em torno de relatar a experiência possibilitada pelo III Encontro Internacional de Mulheres Palhaças que ocorreu em Novembro de 2017, em São Paulo. Com o intuito de visibilizar o empoderamento feminino dentro da arte da palhaçaria. A considerar, de forma cultural e histórica, falamos de uma arte, majoritariamente, masculina, em que o papel da mulher, muitas vezes, reforçava estereótipos e preconceitos. Nesse sentido, não se pode falar da mulher na palhaçaria clássica como regra, mas sim como exceção. No entanto, nos últimos anos houve uma grande crescente na visibilidade dessa luta, incluindo eventos, festivais e encontros que são sinônimos de resistência.*

**Palavras-chave:** *Palhaçaria; resistência; arte.*

## 1. Introdução

É sabido que a função das mulheres nas artes, assim como na sociedade, é marcada por fortes repressões e preconceitos. Talvez, por se tratar de uma misoginia institucional e estrutural não seja tão “sabido” assim. Então, recomeço a minha fala. Quando ouvimos a palavra “palhaço”, possivelmente a primeira imagem que vem à nossa mente seja a de um homem de roupas largas, maquiagem histriônica e nariz vermelho. Dificilmente imaginamos uma mulher, com quaisquer características, de nariz vermelho. Parece que há certa discrepância entre mulher e comicidade. Entre feminilidade e comicidade. Como se nós não pudéssemos ser engraçadas, ou fazer rir. Porque assim perdemos o posto da “donzela” quietinha e indefesa. Se considerarmos a afirmação anterior como verdadeira, podemos entender a palhaçaria como um lugar que não é para mulheres. Uffa! Ainda bem que existem exceções.

Dentro do grupo de pesquisa e experimentação cotidiana utilizando como paradigma a figura do clown, começamos uma pesquisa sobre a palhaçaria feminina. Esse estudo nos possibilitou o contato com as organizadoras do evento e o convite para participarmos no ano de 2017, na cidade de São Paulo, do III Encontro Internacional de Mulheres Palhaças. Um encontro que tem por objetivo dar visibilidade para o trabalho das palhaças mulheres, artistas circenses e mambembes do Brasil e do mundo. O Encontro durou 10 dias com oficinas, apresentações, palestras e um cortejo, em que as palhaças ocuparam o centro da cidade de São Paulo.

Esta pesquisa mostra-se pertinente, pois nosso objetivo é dar visibilidade para o crescente número de eventos, encontros e festivais desse nível, feitos de mulheres para mulheres. O que nos mostra que mesmo em tempo de arbitrariedades, genocídios e misoginia, existem exceções. E nós, mulheres e palhaças, vamos lutar até que se tornem regras!

## 2. Desenvolvimento

Foram dez dias de Encontro, mais de 57 artistas de todo os cantos do Brasil e de alguns cantos de fora também. Mulheres que se deslocaram de suas casas e famílias para acompanharem outras mulheres à palhaçar por aí.

Foi emocionante ver tanta mulher palhaça fazendo tudo isso acontecer. Os Cabarés foram maravilhosos, os espetáculos inesquecíveis, a conversa da Rede importantíssima e um Cortejo que deixou sua marca no centro dessa cidade” O que faz o Encontro existir é essa vontade que há de se reencontrar, de abraçar, de rir, de conhecer novos trabalhos e apreciar os antigos, é querer estar junto, é querer trocar (Equipe organizadora).

A realização de um cortejo cumpre sua função na tradição dos festivais e encontros de palhaços e palhaças. Um cortejo apenas de artistas mulheres que tomaram espaços públicos do centro de uma grande cidade, não se trata apenas de estética, de embelezar a cidade com suas cores e alegria, nunca foi só isso na história da palhaçaria. O III Encontro Internacional de Mulheres Palhaças é uma forma de resistir. Resistir à um mundo misógino, machista, preconceituoso em vários níveis. O cortejo é o momento que nós mulheres vamos para rua para mostrarmos que estamos aqui e mais, que vamos ficar.

A palhaçaria empodera as mulheres! Porque estamos ocupando um espaço que durante anos foi, majoritariamente, masculino. Segundo Kasper

Esta vida [a da mulher] vem emaranhada com a criação da palhaça, apontando-se como uma resistência a um modo de subjetivação voltado para as exigências do poder relativas ao corpo, à profissão, ao papel social da mulher, a projetos de vida, etc. É então que o trabalho com palhaço faz a diferença, pois o palhaço é o lugar do desajuste, da rebeldia, do anárquico, movido por outras lógicas, que podem abarcar positivamente o erro, o fracasso, a fragilidade (2006 *apud* SAAVEDRA, 2011, p. 06).

Na história do riso, percebemos que as mulheres, em seus muitos casos, eram alvos da piada, mas rir com uma mulher não é algo tão aceitável para a sociedade. Afinal, quando se ri junto, se ri do igual e igualdade é algo que, socialmente, não existe entre homens e mulheres. “Ao longo da história da humanidade a mulher foi relegada a um espaço bem pequeno e discreto, de onde de tempos em tempos algumas conseguiam sair e projetar-se. Logo eram reprimidas e colocadas no seu devido lugar: um espaço bem pequeno, que ia da cozinha até a cama, com um berço no meio” (CASTRO, 2005, p. 221).

A proposta do Encontro era dar visibilidade às mulheres palhaças, por isso esta pesquisa se faz com base em depoimentos e vivências de palhaças que prestigiaram o encontro:

<p>A mulher, por ser mulher, já sofre repressão no meio social. A mulher que é palhaça, então, ainda mais. Para a população aceitar que mulheres podem sim serem engraçadas e sem ofender e invadir o espaço delas, é muito difícil, pelo fato de há tempos isso já ser empregado nelas. Então, como mulher e palhaça a importância de nos unirmos pra mostrar resistência, mostrar presença, é enorme, pude sentir a vontade delas de serem ouvidas e me unir a tudo aquilo e gritar para São Paulo naquele dia.</p>	<p>Quando vi aquelas palhaças, todas unidas numa coisa só e eu junta, no meio, me senti representada e representando. Muitas pessoas nunca nem viram uma palhaça e naquele momento eram dezenas na rua de São Paulo, cantando resistência, contemplando toda e qualquer mulher artista e colorindo todo o resto. (Palhaça B.)</p>
---	---

Mesmo que poucas pessoas tenham visto o cortejo, essas poucas estavam vendo pela primeira vez mulheres palhaças, e mulheres palhaças unidas pela mesma causa: igualdade e resistência! (Palhaça A.)	
---	--

### 3. Considerações Finais

Destaco aqui a importância de um encontro para a arte cumprir o seu papel social de resistência. Permitam-me uma digressão: No meio do cortejo, chegou um homem para mim, aparentava ter seus quase sessenta anos, cabelos brancos, passeando pelo centro da cidade. Me parou, eu estava cantando e dançando com minhas amigas palhaças, e me perguntou o que era aquilo, o que era aquele monte de mulheres reunidas. Perguntou-me com um certo espanto, eu diria. Respondi que se tratava de um encontro de mulheres palhaças, como forma de empoderamento feminino. Foi eu falar isso que entendi o quanto a masculinidade é fraca e não suporta, ou não entende, o que significa “empoderamento”, ele foi logo me dizendo: “Nós [os homens] empoderamos as mulheres para elas fazerem isso. Eu queria ser mulher, ficar em casa de boa”. Com essa fala, eu me desestabilizei total, por segundos saí do meu estado de palhaça e queria responder de forma grosseira aquele senhor. Mas ao fundo, eu escutava muitas mulheres coloridas cantando “hoje ninguém vai estragar meu dia”, acessei novamente minha energia clown e voltei para o cortejo e percebi ali, olhando aquele monte de mulheres palhaças, fortes e surpreendentes, o quanto nós atrapalhamos a vida dos homens, o quanto nossa voz desestabiliza o centro da cidade, o trânsito e etc. Percebi também que nós sempre tivemos que dar um jeito para sobreviver em sociedade sem desmoronar.

Nesse cortejo, nesse encontro com outras tantas artistas, aprendi que:

há toda uma outra história que corre além das histórias oficiais. Se prestarmos atenção, vamos encontrar mulheres cômicas recitando poesias na Grécia antiga, dançando na Índia e mandando ver no Circo Romano. Em Bizâncio, a história celebra Teodora, circense de talento ou prostituta leviana, ou talvez uma mulher inteligente que não se curvou aos preconceitos de sua época? Na idade média a figura feminina do menestrel errante era chamada *spilwin*, mas pouco se escreveu sobre ela. As atrizes da *Commedia dell'arte* eram fabulosas cômicas. E sabiam saltar, dançar e cantar muito bem. Mas pouco se fala delas. A história da mulher cômica é cheia de silêncios e falhas (CASTRO, 2005, p. 221).

Desse modo, é fácil perceber que nós somos indesejáveis em espaços públicos. Que nossa presença, nossos gritos, nossas cores incomodam. E é justamente porque incomoda, porque não é visto com igualdade que nós, mulheres palhaças, vamos incomodar muito ainda. E a palhaça, o que que é? É palhaça, ué!

### 4. Referências

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CASTRO, Alice Viveiros de. **Elogio da Bobagem: palhaços no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

SAAVEDRA, Renata Franco. **Mulheres palhaças: a poética e a política da comicidade feminina**. Monografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2011.

# Ser ou não ser: eis uma Palhaça

Área Temática: Cultura

**Renata Carolina Pereira<sup>1</sup>, João Alfredo Martins Marchi<sup>2</sup>, Danielle Cristina Goularte Tótolli<sup>3</sup>**

1 Prof. De Artes Cênicas do Departamento de Música DMU/UEM, contato: re.c.p@hotmail.com

2 Prof. De Artes Cênicas do Departamento de Música DMU/UEM, contato: joaomarchi23@hotmail.com

3 Acadêmica do curso de Licenciatura em Artes Cênicas UEM, contato: [danytottoli@gmail.com](mailto:danytottoli@gmail.com)

**Resumo.** *O presente artigo relata a experiência de uma integrante do “Grupo de Pesquisa e Experimentação Cotidiana Utilizando como Paradigma a Figura do Clown” (GEC), fundado por Marcelo Adriano Colavitto em 2011 e coordenado atualmente pela Professora Mestra Renata Carolina Pereira e o Professor Mestre João Alfredo Martins Marchi. O objetivo é relatar as reflexões acerca da figura da palhaça a partir de estudos teóricos propostos pelo GEC. Em épocas de discussão acerca do empoderamento feminino trazemos a reflexão acerca das mulheres palhaças e qual a importância dos estudos da palhaçaria feminina, o que nos dá subsídio para apontar a mulher palhaça como um possível instrumento catalisador de relações mais dialógicas.*

**Palavras-chave:** Palhaça – Clown – Palhaçaria Feminina

## 1. Introdução

O presente resumo visa relatar um breve contexto teórico da Palhaçaria Feminina a partir dos estudos dentro do “Grupo de Pesquisa e Experimentação Cotidiana Utilizando como Paradigma a Figura do Clown” (GEC), alocado na Universidade Estadual de Maringá desde 2011. A proposta do relato surge pelo questionamento que a participante em questão aduz em relação a construção da mulher na palhaçaria por volta da década de 1990.

## 2. Grupo de pesquisa e experimentação cotidiana utilizando como paradigma a figura do Clown (GEC)

Em Maringá, a partir do ano de 2011 no curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Maringá, o Professor Mestre Marcelo Adriano Colavitto inicia o “Grupo de Pesquisa e Experimentação Cotidiana Utilizando como Paradigma a Figura do Clown”. A Proposta do grupo é embasada na metodologia sistematizada pelo professor, a qual pode ser vista na obra *Meu Clown: Uma pedagogia para a arte da palhaçaria* (COLAVITO, 2016).

Os encontros ocorrem semanalmente às quintas-feiras das 18h30 às 21h30. O GEC atua em dois momentos; uma primeira parte é dedicada aos estudos teóricos de autores e autoras que versam sobre a figura do palhaço e da palhaça, no qual os/as participantes trazem reflexões sobre os conteúdos abordados a fim de aprofundar o conhecimento acerca da comicidade e da palhaçaria. Em um segundo momento volta-se para a prática com jogos tradicionais, dramáticos e teatrais no qual os mais específicos atuam nas particularidades dos palhaços e das palhaças.

### 3. E a Palhaça o que é?

No decorrer dos estudos foi proposto que cada participante escolhesse e apresentasse pesquisas e trabalhos realizados por palhaças. A partir dessa proposta conhecemos o trabalho da professora, pesquisadora e palhaça Sarah Monteath dos Santos. Sua pesquisa traça os percursos históricos da palhaçaria feminina no Brasil, fazendo um recorte que expõe as relações das mulheres de famílias circenses em espetáculos exclusivamente masculinos. Posterior a essa atividade muitas reflexões surgiram, possibilitando entender a importância de debater sobre esse tema, para rompermos com alguns padrões que aparecem no discurso muitas vezes despercebido.

A conquista da mulher nas artes só acontece no final do século XIX. Anterior a isso, qualquer manifestação artística que partia de uma mulher era registrada por nomes masculinos ou consideravam-se trabalho amador e passatempo (BORGES, 2017). Por consequência disso grandes nomes femininos da música, artes plásticas e visuais, cinema, fotografia e da palhaçaria foram apagados da história havendo poucos registros da atuação de mulheres na Europa (BORGES, 2017). Já nos Estados Unidos no ano de 1958, reconhece-se Amélia Butler como a primeira palhaça mulher (BORGES, 2017).

No ambiente circense a mulher apresentava espetáculos ligados a leveza, beleza e perfeição tais quais: contorcionismo, danças, acrobacia, equilíbrios em cavalos. Todavia, a mulher palhaça estava submetida à convenções sociais, políticas e estéticas sobre a leitura do feminino na sociedade (SANTOS, 2014).

A primeira mulher palhaço do Brasil foi Maria Elisa Alves dos Reis, negra filha de circenses ocupou o lugar do irmão que sofrera um acidente grave, por insistência de Maria Elisa, começou a se apresentar como Palhaço Xamego nos espetáculos do Circo Guarani (SANTOS, 2014). No campo político e cultural a partir de “meados dos anos 60, as mulheres protagonizam movimentos feministas que impulsionam mudanças estruturais no seu papel social, permitindo-lhes aspirar e conquistar lugares até então reservados exclusivamente aos homens na sociedade” (BORGES, 2017, p. 2).

Santos (2014) ao estudar o percurso histórico da palhaçaria feminina no Brasil afirma que

[...] foi somente a partir do início dos anos 1980 com as primeiras iniciativas de ensino voltadas para as artes circenses em geral e a palhaçaria em particular, ou seja com as escolas de circo “fora da lona” que se observou a produção de mulheres palhaças (SANTOS, 2014, p. 15).

Construir uma dramaturgia voltada para as questões femininas pareceu um tanto desafiador para as primeiras mulheres que se assumem palhaças no Brasil. O primeiro grupo formado a partir das escolas de circo foi As Marias da Graça fundado em 1990, o grupo relembra as dificuldades que passaram nos primeiros anos de estudos e trabalhos na construção de uma dramaturgia própria para a mulher palhaça. Em entrevista a Renata Franco Saavedra (2011) uma das integrantes descreve como foi a recepção dos colegas de trabalho “Muitos colegas achavam que a gente devia tirar o nariz... afinal, “você são tão bonitinhas...” – a mulher é dona de casa, ou mulherzinha, ou fofa, catita, ou feia... Mas bonitinha e engraçada? ”. “Achavam que o nariz vermelho era de uso exclusivamente masculino” (SAAVEDRA, 2011, p. 44).

Na Palhaçaria Feminina a mulher se aceita como é, “melhora sua autoestima” percebe que o riso transforma, que errar não é tão ruim (SAAVEDRA, 2011). Cada palhaça traz consigo signos e condicionantes sociais próprios da mulher, assumem o ridículo pessoal das suas histórias, descobrem a liberdade de serem ridículas e são

diferentes dos homens no cotidiano, na visão de mundo ou no trabalho e no humor também” (CORDEIRO, 2017). A palhaça ou o palhaço por si é um ato político. A Palhaçaria feminina é “representação e visibilidade” (SAAVEDRA, 2011, p. 53). Todavia, ainda há muito a ser dito, reescrito e realizado e pensamos que, para além da prática, o conhecimento teórico e empírico precisa ser evidenciado a fim de modificar e ampliar os conceitos acerca da palhaçaria feminina.

#### **4. Referências**

BORGES, Ana Cristina Valente. CORDEIRO, Karla Abranches. “Palhaçaria feminina: trajetória de investigação e construção dramatúrgica de espetáculos dirigidos por Karla Concá. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

SANTOS, Sarah Monteah dos. Mulheres Palhaças: percursos históricos da palhaçaria feminina no Brasil. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista (UNESP). São Paulo, 2014. PDF

SAAVEDRA, Renata Franco. Mulheres Palhaças: a poética e a Política da Comicidade feminina. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ- Escola de Comunicação- ECO). Rio de Janeiro, 2011. PDF



## **ÁREA TÊMÁTICA: DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA**

# As contribuições da equipe de Psicologia do Programa Patronato de Maringá no grupo educativo BASTA

Área Temática: Direitos Humanos e Justiça

Marcos Leandro Klipan<sup>1</sup>, Amanda Cavalin Costa<sup>2</sup>, Amanda de Souza Scapim<sup>3</sup>, Isabella Franchi Silva<sup>4</sup>, Leonardo Tessarollo<sup>5</sup>, Mariane Gobbi<sup>6</sup>, Nicole Martini Ferreira<sup>7</sup>, Rodolfo Rigon Spack<sup>8</sup>, Sara Carolina Trentin Piciani<sup>9</sup>, Viviane Moreira de Santana<sup>10</sup>

<sup>1</sup>Prof. Dr. do Depto. de Psicologia–DPI/UEM, contato: mklipan@gmail.com

<sup>2</sup>Aluna do curso de Psicologia, não bolsista, contato: amandacavalin@hotmail.com

<sup>3</sup>Aluna do curso de Administração, bolsista SESP/PR, contato: amandasscapim@hotmail.com

<sup>4</sup>Aluna do curso de Psicologia, não bolsista, contato: isafranchi@outlook.com

<sup>5</sup>Aluno do curso de Psicologia, bolsista SESP/PR, contato: Leonardotessarollo@gmail.com

<sup>6</sup>Psicóloga do Programa Patronato de Maringá, bolsista SETI/PR, contato: mahh.gobbi@hotmail.com

<sup>7</sup>Psicóloga do Patronato de Maringá, bolsista SETI/PR, contato: nicole.martini@hotmail.com

<sup>8</sup>Aluno do curso de Psicologia, não bolsista, contato: rodolfospack@gmail.com

<sup>9</sup>Aluna do curso de Psicologia, não bolsista, contato: sara.piciani@gmail.com

<sup>10</sup>Aluna do curso de Psicologia, bolsista SESP/PR, contato: vivianemoreiraaa@gmail.com

**Resumo.** *O objetivo deste resumo é apresentar as contribuições que a Psicologia oferece ao grupo educativo BASTA, direcionado aos autores de violência doméstica e de gênero, realizado pelo Programa Patronato de Maringá. Compreende-se que, além de fiscalizar e monitorar as medidas alternativas em meio aberto, a função desse Programa é auxiliar na reintegração social dos assistidos. Dessa forma, uma das medidas encaminhadas ao Programa é a participação do autor neste grupo, sendo que o objetivo é prevenir e sanar o ciclo da violência, por meio de orientações e reflexões a respeito do tema. Para que seja efetivado, a equipe de Psicologia aborda assuntos como violência de gênero, violência doméstica, machismo, cultura da violência e ciclo da violência, sendo a comunicação não violenta a proposta de intervenção para uma relação mais saudável.*

**Palavras-chave:** Patronato – Psicologia – Violência Doméstica

## 1. Do Programa Patronato de Maringá

O Programa Patronato de Maringá é um órgão de execução penal, caracterizado como um projeto de extensão, que surgiu em 2013 com o objetivo de orientar, fiscalizar e monitorar as penas e as medidas alternativas em meio aberto, assim como auxiliar na reintegração social dos assistidos. Pautado nos direitos humanos, seu trabalho é exercido por uma equipe multiprofissional constituída por professores orientadores, profissionais recém-formados e estagiários – bolsistas e voluntários – das áreas de Direito, Psicologia, Serviço Social, Pedagogia e Administração, sendo sustentado por diretrizes políticas estaduais, como a Secretaria de Ciências Tecnologia e Ensino

Superior (SETI), Secretaria de Segurança Pública (SESP), Secretaria de Estado da Justiça Cidadania e Direitos Humanos (SEJU), Conselho da Comunidade e a Universidade Estadual de Maringá (UEM). Cabe acrescentar que as varas que encaminham os assistidos para o cumprimento das medidas alternativas são: Vara de Execuções Penais, Vara de Execução de Penas e Medidas Alternativas, Juizado Especial Criminal, Justiça Federal, Justiça Eleitoral e, desde 2016 o Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher e Vara de Crimes contra Crianças, Adolescentes e Idosos de Maringá passou a encaminhar os autores de violência doméstica ao Programa.

Sendo assim, com objetivo do cumprimento da Lei Federal nº 11.340 de 2006, uma das atividades realizadas pelo Programa Patronato de Maringá é o Projeto BASTA, iniciada em 2016 como uma medida alternativa e educativa destinada aos autores de violência doméstica. Por meio de uma abordagem reflexiva que destaca a responsabilidade das condutas praticadas, essa medida alternativa propõe orientar, prevenir e sanar o ciclo da violência por meio de um conjunto de palestras que compreendem 06 módulos, realizadas pelas equipes do Programa, todas às terças-feiras às 18h00min na Unidade de Psicologia Aplicada da cidade de Maringá.

## **2. Da origem do BASTA**

Levando em consideração que o modo de constituição familiar brasileiro segue o modelo patriarcal que, desde o período de colonização do Brasil, vem estabelecendo um modelo de família no qual o homem é tido como símbolo de poder e autoridade (ALVES, 2009), tal modelo corroborou para a constituição e manutenção de uma sociedade marcada pelo machismo, e isto pode ser observado de diversas formas nos dias atuais. A sociedade machista tem a violência contra a mulher como um fenômeno integrante de seu processo, trata-se de um fenômeno histórico decorrente da formação patriarcal que implica na visão do homem como superior à mulher, uma vez que sendo considerado o chefe da família acredita poder dominá-la de diversas maneiras como em suas escolhas pessoais, profissionais ou de qualquer outro âmbito. Sendo fenômenos históricos, a violência contra a mulher e o machismo construíram a visão da mulher ao longo da temporalidade, o que atribuiu a esta o papel de submissa ao homem, sendo, portanto, questões ligadas à diferenciação de gêneros no sentido sexual – masculino, feminino (TELES, 2003).

Como um processo construído historicamente e relacionado aos estereótipos de gênero, a violência contra a mulher caracteriza-se de diferentes formas, entre elas, a violência doméstica. Segundo Narvas e Koller (2006, p.8) a violência doméstica é tida como qualquer violência que inclua membros de um grupo, que convivem em espaço doméstico, incluindo pessoas que estejam esporadicamente neste local. Apesar da violência doméstica acontecer independentemente de gênero, o Ministério da Saúde traz que nos anos de 2006 e 2007, de 4.050 casos de violências domésticas identificados nos serviços de referências, 80% das vítimas de violências eram mulheres (MACHADO, 2013). Então, é possível dizer que a sociedade considerada machista reflete diretamente na violência doméstica contra a mulher.

À vista disso, a intervenção da Psicologia no projeto Basta consiste em realizar atividades pautadas na desconstrução de ideias, pensamentos e falas consideradas machistas, sendo dividido em dois módulos. Oferta-se a esses homens um espaço para fala e exposição de pensamentos, a fim de viabilizar reflexões por meio destas. Dessa forma, acontece uma mediação dos profissionais nas falas dos assistidos, procurando

explicitar conceitos de forma simplificada, levando em consideração o local da sociedade no qual estes indivíduos estão inseridos e a sua realidade.

Sendo uma intervenção dividida em dois módulos, diferentes temas são abordados. No primeiro módulo, são explicitados os diferentes tipos de violência como: violência psicológica, violência física, violência moral, violência patrimonial e violência de gênero. Além disso, neste primeiro encontro há uma exposição sobre a comunicação não violenta, como forma de viabilizar uma mudança de atitude para os conflitos vivenciados no cotidiano. Já no segundo módulo, são abordados temas como machismo, feminismo e construção de estereótipos de gênero, a fim de explicitar como tais fenômenos e movimentos influenciam na vida de homens e mulheres diariamente. Para expor estes temas, são utilizados slides sobretudo em formatos visuais e de vídeos, a fim de ilustrar melhor os conteúdos expostos.

### **3. Da ferramenta sugerida como proposta de intervenção à violência**

A técnica da Comunicação Não Violenta (CNV), elaborada pelo norte americano Marshal Rosenberg (2006), surge como uma proposta de ferramenta para ser aplicada no primeiro módulo apresentado pela equipe da Psicologia no Projeto Basta do Patronato de Maringá, haja vista que sua metodologia propõem uma comunicação e uma expressão clara, na qual o outro compreende de maneira efetiva suas necessidades pessoais. Do mesmo modo, a técnica da CNV garante ao indivíduo um olhar mais ampliado para si mesmo, para seus sentimentos, para suas necessidades e seus atos, garantindo a responsabilização pessoal pelas próprias atitudes e posicionamentos.

Nesse sentido, o autor explica que

A CNV nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros. Nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que estamos percebendo, sentindo e desejando. Somos levados a nos expressar com honestidade e clareza, ao mesmo tempo que damos aos outros, uma atenção respeitosa e empática (ROSENBERG, 2006, p. 21-22).

Ademais, torna-se importante integrar esse pensamento expondo que a violência ultrapassa fatores físicos, isto é, a violência pode ser passiva, uma vez que abrange questões de caráter verbal, moral, de gênero, entre outras. Desse modo, o Projeto Basta pode se beneficiar dessa técnica, tendo em vista que sua proposta é diminuir a violência verbal pela qual nos relacionamos diariamente, bem como, ao garantir um olhar ampliado a si próprio, alcançamos uma compreensão maior sobre nossos pensamentos, sentimentos e ações, possibilitando uma visão e uma reflexão sobre os nossos atos, no intuito de diminuir as situações de violência que reproduzimos muitas vezes no cotidiano.

Em suma, utilizamos a proposta da CNV por ser uma ferramenta que atua no âmago da violência, onde por muitas vezes se inicia as relações violentas que resultam nos casos que são encaminhados ao Projeto Basta. Assim, o objetivo é instrumentalizar os assistidos a fim de buscarem o autoconhecimento, a responsabilização dos seus atos e novas condutas perante os conflitos. Destarte, Pelizzoli (2012, p.1) conclui informando que a “CNV é hoje uma das ‘ferramentas’ mais poderosas para lidar com conflitos negativos, em escolas, em famílias, ou no âmbito da justiça”.

#### 4. Referências

ALVES, R. R. Família **Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações**. In: II seminário de pesquisa da pós-graduação em História UFG/UCG. Goiânia, 2009.

MACHADO, I. V. **Da dor no corpo à dor na alma: Uma leitura do conceito de violência psicológica da Lei Maria da Penha**. Florianópolis, 2003.

NARVAS, M. G. KOLLER, S. H. Mulheres vítimas de violência doméstica: Compreendendo subjetividades assujeitadas. Revista **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 1, pp. 7-13, 2006.

PELIZZOLI, Marcelo, L (Org.). **Introdução à comunicação não violenta (CNV)**. Reflexões sobre fundamentos e método. Diálogo, mediação e cultura de paz. Recife: Ed. da UFPE. 2012.

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA. **Sobre o Patronato**. Disponível em: <<http://www.pec.uem.br/patronato/>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta**. Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. 3. ed. São Paulo: Ágora, 2006.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA – DEPEN. Disponível em: <<http://www.depen.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=217>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

TELES, M. A. A. **O que é violência contra a mulher**. Brasiliense. São Paulo, 2003.

# A Intervenção do Projeto Brincadeiras com Meninos e Meninas de/e nas Ruas: Formas de Escolhas.

Área Temática: Direitos Humanos e Justiça

Verônica R. Müller<sup>1</sup>, Paula M. Natali<sup>2</sup>, Darlei J. T. Jahn<sup>3</sup>, Jaqueline C. Nunes<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Profª. Drª. Depto de Educação Física–DEF/UEM, contato: veremuller@gmail.com <sup>2</sup>Profª. Drª. Depto de Educação Física–DEF/UEM, contato: paulamnatali@gmail.com

<sup>3</sup>Aluno do curso de Educação Física, bolsista PIBIS/FA-UEM, contato:darleijahn13@gmail.com <sup>4</sup>Aluna do curso de Artes Cênicas-UEM, contato: nunes.jaquelinecarvalho@outlook.com.br

***Resumo.** O Projeto Brincadeiras com Meninos e Meninas de/e nas Ruas, integrado ao Programa de Estudo, Pesquisa e Defesa da Criança e do Adolescente (PCA), tem como proposta a intervenção lúdico-político-pedagógica em bairros com indícios de violações de direitos da criança e do adolescente. Buscando a garantia dos direitos instituídos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o projeto atua com o empoderamento dos detentores destes direitos para sua efetivação. Este trabalho evidencia as várias formas de escolha e sua importância no desenvolvimento da capacidade democrática.*

**Palavras-chave:** escolhas – crianças – brincadeiras

## 1. Introdução

O Projeto Brincadeiras com Meninos e Meninas de e na Rua surgiu no ano de 1997, e está inserido ao Programa Multidisciplinar de Ensino e Pesquisa e Defesa da Criança e do Adolescente (PCA), vinculado à Pró-reitora de Extensão e Cultura da UEM (Universidade Estadual de Maringá) surgiu no ano de 1993 como projeto de extensão. Desde então o Projeto Brincadeiras com Meninos e Meninas de e na Rua passou por diversos bairros carentes da cidade de Maringá e região. Nos últimos quatro anos estamos realizando nossas intervenções no Odwaldo Bueno Neto, que discutem as necessidades e condições da cidade e bairro em questão. O bairro onde estão ocorrendo as intervenções foi elencado com o maior índice de violação de direitos e, durante a etapa de escolha dos bairros, foram realizadas visitas de reconhecimento aos espaços, o que permitiu aos educadores um primeiro contato com os moradores, o comércio, os serviços, e as crianças e adolescentes, por fim estamos levando por meio de brincadeiras os direitos das crianças e adolescentes que estão estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

## 2. Metodologia e Desenvolvimento

A metodologia do projeto Brincadeiras parte da defesa dos direitos da criança e do adolescente e dos fundamentos da Educação Social. Para tal, são utilizados jogos e brincadeiras como instrumentos para fomentar a participação e formação política e social dos envolvidos.

As formas de escolhas das brincadeiras realizadas pelas crianças normalmente seguem alguns princípios do projeto, como o do diálogo, respeito, liberdade e o da participação,

esses que junto com a inclusão e o compromisso são as bases do projeto. Com isso temos que deixar explícito que a escolha das brincadeiras é um direito da criança.

A importância da escolha da criança no processo de politização das mesmas é fundamental, pois por meio desses métodos elas assimilam o escolher lúdico com a democracia, sendo assim, imprescindível a importância de se trabalhar as formas de escolhas. Uma vez que a democracia exige a escolha de todos/as nos processos políticos.

Todo esse procedimento é observado pelos educadores, com intuito de orientar, e auxiliar esse momento, e sempre que observado algo interessante deve intervir, seja para explicar para quem não entendeu a forma de escolha, para auxiliar no processo, nunca contrariando os princípios bases do projeto, deixando a forma de escolha e a escolha livre para que as crianças decidam. Um dos cuidados que os educadores/ras devem ter é com os resultados das escolhas que as crianças tomarão, pois há escolhas que podem, mas não devem, que devem, mas não podem e não estimular a escolha de coisas que elas podem, mas não querem.

A análise dos relatórios foi realizada de forma coletiva, destacando também as lembranças de cada educador/a, uma vez que ele/a estava intervindo na ocasião, depois de cada leitura discutíamos se houve momentos onde as crianças escolhiam, e como eram realizadas essas escolhas., se tinham caráter coletivo, individual, com intuito de favorecer alguém ou se era democrático e justo para com todos.

### **3. Objetivo**

O objetivo deste trabalho é, destacar a importância das práticas de escolhas com crianças como complemento de formação política, facilitando o aprendizado do processo democrático.

### **4. Resultados e Discussões**

Ao longo do período do projeto, foi e é possível observar avanços significativos nas premissas de: o que é escolha, e como executá-la conscientemente, no presente caso, baseando-se nas brincadeiras, métodos e ação do projeto MMR.

Pode-se notar que, neste início de 2018, com observações mais sensíveis, as formas de escolha, nas quais as crianças são inseridas, foram evidenciadas.

Neste ínterim, vale citar vários exemplos, relacionados às brincadeiras e suas formas de participação: “par ou ímpar”; “jokeipô”; “cara ou coroa”; “eliminação por faixa etária”, dentre diversas outras. As mesmas, utilizadas, inicialmente em brincadeiras, entretanto de valor imensurável para o senso democrático das crianças.

Interessante focar que as crianças por si só (logicamente com a experiência e vivência do projeto) atualmente desenvolvem entre elas este senso crítico, de escolher entre o que lhes é proposto ou não. Majoritariamente, elas mesmas sugerindo, opinando, decidindo quanto aos fatos.

Desta visibilidade, quanto aos métodos de escolhas das crianças, são enfatizados alguns princípios, como a participação, obviamente, necessária em toda e qualquer etapa metodológica e ativa do projeto. Destacamos também que, a oferta das formas de escolhas, vai se adaptando conforme a idade da criança, partindo do mais simples para o mais democrático, quanto mais novo, a sorte predomina mais em suas escolhas, com o passar da idade as crianças/adolescentes já conseguem dialogar e decidir com maior

democracia, podendo ser o inverso em alguns momentos, onde a responsabilidade de escolha sobressai para poucas crianças ou adolescentes.

Diálogo, também extremamente essencial para as tomadas de decisões, oposições e quaisquer soluções/problemas a serem destacados. Senso de liberdade em estarem cientes de que possuem o direito de escolhas, e com base nestes, o enfrentamento das consequências geradas.

## **5. Conclusão**

Mediante conclusão, é possível afirmar que estes processos de escolhas, infiltrados desde as mais simples atividades até sua completude no desenvolvimento da infância, corroboram intimamente para com suas decisões/escolhas frente aos problemas da vida, sem mencionar a parte democrática, a qual ganha foco e destaque neste estágio.

## **6. Referências**

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. 7ª edição. Brasília, 2010.

MÜLLER, V. R.; RODRIGUES, P. C. Reflexões de quem navega na Educação Social: uma viagem com crianças e adolescentes. Maringá: Clichetec, 2002.

RELATÓRIOS DO PROJETO BRINCADEIRAS COM MENINOS E MENINAS DE/E NAS RUAS. 2016-2017.

MAGER, Miryam et. al. Práticas com Crianças, Adolescentes e Jovens: Pensamentos decantados. Maringá: EDUEM, 2011.



# **PROGRAMA PATRONATO DE MARINGÁ: uma análise do crescente número de cumpridores de serviço à comunidade encaminhados pela Justiça Federal**

**Área Temática: Direitos Humanos e Justiça**

**Marcos Leandro Klipan<sup>1</sup>, Augusto de Lima Camargo<sup>2</sup>, Isabela Serrano Silvério<sup>3</sup>, Nathalia Hayane de Macedo Silva<sup>4</sup>, Ruth Perez Christofolli Correa<sup>5</sup>, Simone Yuriko Tanaka<sup>6</sup>, Tainara Salviato<sup>7</sup>**

<sup>1</sup>Prof. Dr. do Depto de Psicologia – DPI/UEM, contato: mlklipan@uem.br

<sup>2</sup>Aluno do curso de Direito, não bolsista, contato: augustolc98@gmail.com

<sup>3</sup>Aluna do curso de Direito, bolsista SESP/PR, contato: isabelassilverio@gmail.com

<sup>4</sup>Aluna do curso de Direito, não bolsista, contato: nathhmacedos@hotmail.com

<sup>5</sup>Advogada do Patronato, bolsista SETI/PR, contato: ruthpccorrea@gmail.com

<sup>6</sup>Advogada do Patronato, bolsista SETI/PR, contato: simoneyuriko@gmail.com

<sup>7</sup>Aluna do curso de Direito, bolsista SESP/PR, contato: salviatotainara@hotmail.com

***Resumo.** Este resumo tem como objetivo descrever sucintamente o Programa Patronato, Projeto de Extensão responsável por fiscalizar as medidas alternativas à prisão, sendo uma delas a prestação de serviço à comunidade. A partir disso, será demonstrado, ademais, um levantamento dos atendimentos realizados pelo Programa dos assistidos encaminhados pela Justiça Federal de Maringá, onde poder-se-á perceber que de 2015 até junho de 2018 houve um expressivo crescimento na quantidade de pessoas encaminhadas para prestação de serviço à comunidade daquele Juízo. Na sequência, far-se-á uma breve análise dos motivos que podem ter levado esse aumento, bem como da relevância do Programa Patronato na fiscalização dessa medida alternativa para a universidade e para a comunidade local.*

**Palavras-chave:** Patronato – medidas alternativas– prestação de serviço à comunidade.

## **1. Do Patronato Penitenciário e do Programa Patronato de Maringá**

O Patronato Penitenciário é constituído como um órgão de execução penal, nos termos da Lei nº 7.210 de 1984. Sendo incumbidas a ele as funções de prestar assistência aos egressos penais e de fiscalizar as penas restritivas de direitos e outras possíveis medidas alternativas em meio aberto, como a transação penal, a suspensão condicional do processo ou da pena.

Na prática, isso significa fiscalizar o cumprimento das condições impostas para a concessão desses benefícios, que variam entre a prestação de serviço à comunidade, o comparecimento mensal, a participação em grupos educativos e o acompanhamento psicossocial. Cabe também orientar e prestar assistência a esse público, na forma de proporcionar maior proteção social, promovendo o auxílio na obtenção de ocupação lícita e realizando encaminhamentos para órgãos competentes.

Especificamente, o Programa Patronato de Maringá é um Projeto de Extensão por intermédio do Termo de Cooperação Técnico-Financeiro entre a Secretaria de Ciência Tecnologia e Ensino Superior (SETI), Secretaria de Segurança Pública (SESP) e a Universidade Estadual de Maringá (UEM). É composto por uma equipe multidisciplinar que integra as áreas de Administração, Direito, Pedagogia, Psicologia e Serviço Social.

## 2. Da pena restritiva de direitos de prestação de serviço à comunidade

As penas restritivas de direitos possuem previsão no artigo 43 do Código Penal e substituem a pena privativa de liberdade (pena de prisão), observados os requisitos previstos no Código Penal. Segundo esse dispositivo legal, as penas restritivas de direitos são: prestação pecuniária; perda de bens e valores; **prestação de serviço à comunidade** ou a entidades públicas; interdição temporária de direitos.

A prestação de serviço à comunidade busca aplicar uma pena proporcional ao crime praticado, tendo como objetivo permitir que o sentenciado possa conviver em sociedade e manter o relacionamento com seus familiares, bem como, de não superlotar ainda mais os presídios.

Para que o Juiz de Direito possa fazer a substituição da pena privativa de liberdade pela pena restritiva de direitos, é necessário que o delito em que o agente está sendo acusado tenha ocorrido na modalidade dolosa, praticado sem violência ou grave ameaça à pessoa e a duração de pena aplicada não pode ser superior a quatro anos, ou então, é cabível, outrossim, se o crime for culposos. Além disso, em regra, a pessoa sob análise não pode ser reincidente em crime doloso e depende da culpabilidade, antecedentes, conduta social e personalidade do condenado, bem como os motivos e as circunstâncias do crime indiquem que seja suficiente a substituição.

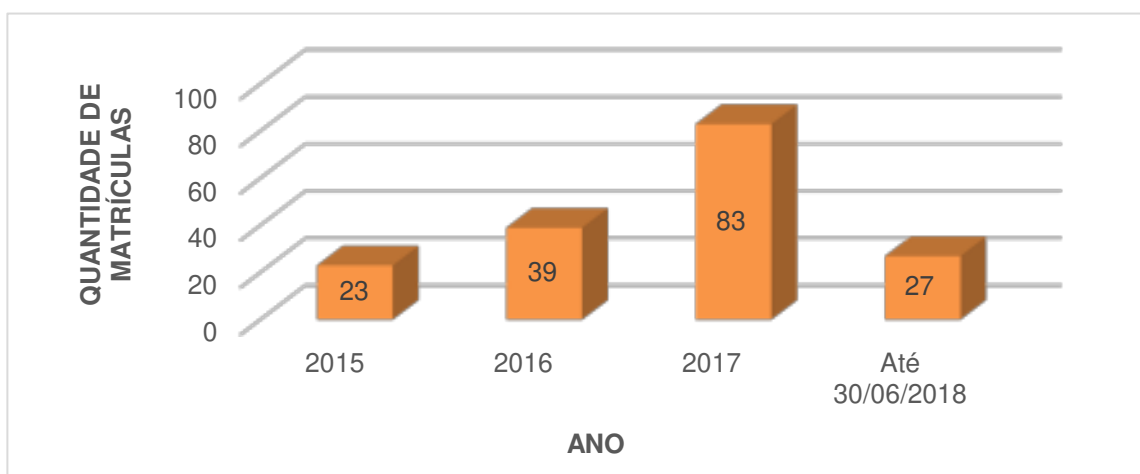
Essa pena consiste na atribuição de tarefas ao sentenciado para ajudar na manutenção de espaços públicos e auxílio nas atividades de organizações não governamentais, conforme suas aptidões, devendo ser cumpridas à razão de uma hora de tarefa por dia de condenação.

## 3. Da possível causa para o crescimento de casos da Justiça Federal para cumprimento da prestação de serviço à comunidade e sua importância

Desde o ano de 2015, o Patronato tem notado um aumento significativo nos encaminhamentos de assistidos ao Programa para cumprimento de prestação de serviço à comunidade, sobretudo, oriundos da Justiça Federal.

Nesse ínterim, para se ter uma ideia, no gráfico a seguir é possível visualizar a quantidade de assistidos encaminhados pela Justiça Federal de Maringá (3ª Vara Federal de Maringá), que efetuaram matrícula no Programa Patronato, cuja pena a ser fiscalizada é a prestação de serviço à comunidade entre 01 de janeiro de 2015 e 30 de junho de 2018.

Gráfico 1. Matrículas de assistidos da Justiça Federal



Considerando-se uma percepção da conjuntura político-econômica nacional, que vem se apresentando ao longo dos últimos anos, nota-se um cenário muito preocupante, sendo que nos últimos anos o desemprego aumentou ainda mais no Brasil, com aumento de 0,6%, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C).

Assim, é possível verificar pelos dados apresentados que o aumento do desemprego reflete tanto no índice de criminalidade, quanto na forma como as penas são cumpridas. Penas que antes eram executadas na modalidade de prestação pecuniária vêm sendo substituídas pela prestação de serviço à comunidade, vez que o desemprego impossibilita o pagamento da pena de caráter monetário.

Outro fator a ser considerado na análise do aumento de assistidos encaminhados ao Patronato, é o fato da pena privativa de liberdade estar sendo cada vez mais criticada. Esse exame surgiu em decorrência do péssimo funcionamento das prisões brasileiras que, via de regra, estão com mais pessoas do que o permitido, onde o ambiente faz com que o recluso não consiga se ressocializar após sair da unidade penal. Nesse contexto, as penas restritivas de direitos surgem como alternativas penais à reclusão, para tentar evitar o caminho sem volta do encarceramento.

Ademais, é recomendável a aplicação da pena de prestação de serviço à comunidade, sempre que possível, porquanto está lastreada nas teorias retributivas e preventivas da pena. A Primeira teoria se insere no sentido de que deve haver uma retribuição à transgressão da lei penal, sendo ela a prestação de um serviço, gratuito, à comunidade. Na segunda, a pena deve ter um caráter preventivo, na medida em que o agente não mais vai querer reincidir e as outras pessoas, a exemplo do sentenciado, serão desencorajados de cometer uma infração criminal.

#### **4. Da relevância de um projeto de extensão como o Patronato para a comunidade acadêmica e local**

Além dos 143 casos encaminhados pela Justiça Federal, o Programa Patronato de Maringá atende 1.782 casos da Vara de Execuções Penais e Medidas Alternativas, 139 do Juizado Especial Criminal e 54 da 5ª Vara Criminal de Maringá, prestando a esses a assistência e fiscalização necessária para o devido cumprimento da medida legal imposta.

Isso se dá por meio de uma equipe formada por vinte e dois bolsistas e uma residente bolsista, dentre profissionais recém-formados e graduandos que buscam, sobretudo, atender os assistidos de forma mais completa, isto é, não apenas fiscalizando o cumprimento da condição determinada, mas, também, oferecendo meios de auxiliá-los no acesso à Justiça, bem como, em sua reintegração social.

Assim, como resultado, é notável a relevância de uma equipe multidisciplinar atuando ativamente neste Programa, tendo em vista o impacto causado no atendimento àqueles acolhidos pelo Patronato, vez que possibilita uma visão mais ampla, proporcionando o efetivo cumprimento do objetivo deste Projeto de Extensão, que é contribuir para a execução penal, ressocializar e, principalmente enfatizar a dignidade dos assistidos.

É, ainda, necessário ressaltar a importância do Programa para os membros da equipe, que atuam de forma multidisciplinar, trazendo a estes a oportunidade de trabalhar com pessoas que atuam em diferentes áreas; ademais, cumpre salientar o valor agregado a estes extensionistas ao atuarem diretamente com o Poder Judiciário e com o público atendido pelo Programa, tendo em vista o vasto conhecimento adquirido através do trabalho prático daquilo que foi lecionado na graduação.

A partir de todas essas informações, demonstrado restou a seriedade e o quão solido é o trabalho do Programa Patronato de Maringá, que é de grande valia para a sociedade, assim como para a comunidade acadêmica e por isso necessita de atuação ininterrupta.

## **5. Referências**

BRASIL. Decreto-lei n o 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm)>. Acesso em: 02 jul. 2018.

BRASIL. Lei n° 7.210 de 11 de julho de 1984. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7210compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210compilado.htm)>. Acesso em: 05. jul. 2018.

Patronato Central do Estado. Disponível em: <<http://www.depen.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=217>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

SARAIWA, Adriana. Desemprego volta a crescer com 13,1 milhões de pessoas em busca de ocupação. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20674-desemprego-volta-a-crescer-com-13-1-milhoes-de-pessoas-em-busca-de-ocupacao.html>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

# JUSTIÇA RESTAURATIVA: POLÍTICA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE MARINGÁ

Área Temática: Direitos Humanos e Justiça

Nilza Machado de Oliveira Souza<sup>1</sup>, Paulo Roberto de Souza<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Prof.<sup>a</sup> Depto de Direito Privado e Processual – DPP/UEM, contato: nmosouza@uem.br

<sup>2</sup>Prof. Depto de Direito Privado e Processual – DPP/UEM, contato: prsouza@uem.br

**Resumo.** *O Projeto de Extensão nº 6528/11, Justiça Restaurativa e Sistemas Alternativos de Solução de Conflitos desenvolve ações destinadas a prevenir e reparar ofensas e violência às pessoas e relacionamentos. Adota os Processos Circulares, com ênfase nos Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção de Paz, promovendo diálogo entre os afetados, direta e indiretamente, visando construir planos de ação que promovam responsabilização, reparação de danos, restabelecimento de vínculo e reintegração social. O Projeto atua em quatro eixos: sensibilização, formação, atendimentos e política pública. No primeiro semestre de 2018 quinhentas e oitentas e três pessoas foram contempladas pelas atividades do projeto. O eixo política pública apresentou proposta de projeto de lei de Pacificação Restaurativa para Maringá ao executivo municipal e realizou Audiência Pública em parceria com a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal. Após regular tramitação, foi aprovada a Lei Municipal nº 10.625/18, sancionada em 04/06/2018.*

**Palavras-chave:** política – pública – restaurativa

## 1. Justiça restaurativa – Política pública de tratamento adequado de conflitos: desafios e avanços

O Projeto de Extensão nº 6528/11, denominado “Justiça Restaurativa e Sistemas Alternativos de Solução de Conflitos”, integra o PROPAZ-UEM – Programa de Justiça Restaurativa e Cultura de Paz da Universidade Estadual de Maringá, e desenvolve ações destinadas a promover a Cultura da Paz, prevenir e reparar atos de ofensas e violência, conforme o novo paradigma de Justiça consistente no Modelo Restaurativo. A Justiça Restaurativa é considerada um novo paradigma de justiça, quando comparada ao Modelo de Justiça Retributiva ou ao Modelo de Justiça Reabilitador, porque é focada nos danos às pessoas e aos relacionamentos, em vez de perseguição e punição, ou, ainda, apenas no tratamento do ofensor.

A justiça restaurativa, trata-se de “um processo pelo qual todas as partes ligadas a uma ofensa em particular, se reúnem para resolver coletivamente como lidar com as consequências da ofensa e as suas implicações para o futuro” (TONY MARSHALL apud LARRAURI, 2004, p. 73). O foco, portanto, são as pessoas e os relacionamentos violados, rompidos.

Ela tem sido adotada como política pública de tratamento adequado de conflitos, contribuindo fortemente para a construção da cultura de paz, pois atua na realidade social, em caráter preventivo e reparador, nos diversos espaços de convivência onde ocorrem atos de ofensa e/ou violência, desde os mais singelos conflitos, como desentendimentos familiares, escolares e comunitários, até os mais graves e trágicos, como atos infracionais e crimes. Seu campo de atuação é amplo, compreendendo casos

judicializados ou não, isto é, pode ser aplicada em âmbito judicial ou extrajudicial (na família, na escola, na comunidade), desde que as pessoas envolvidas e/ou afetadas aceitem participar, pois um de seus princípios norteadores é a autonomia da vontade.

O modelo de justiça restaurativa é considerado novo, pois em termos de estratégia de prevenção e de enfrentamento da violência passou a ser adotada a partir da década de 70. Desde então, expandiu ultrapassando as fronteiras dos países pioneiros (Nova Zelândia, Austrália e Canadá), chegando ao Brasil no final da década de 80. O seu fortalecimento e expansão aos diversos cantos do hemisfério, no entanto, se deu a partir de 2002 quando a ONU, por meio da Resolução nº 2002/12 do Conselho Econômico e Social, passou a recomendá-la aos países membros. Com isso, suas práticas foram oficialmente introduzidas no Brasil, a partir de 2005, com a edição de três projetos pilotos em Porto Alegre-RS, São Caetano do Sul-SP e Brasília-DF, os quais receberam apoio do Ministério da Justiça, da Secretaria de Reforma do Judiciário e da Secretaria dos Direitos humanos da Presidência da República, além de diversas outras instituições.

Essas experiências pioneiras contribuíram para a expansão da Justiça Restaurativa no Brasil, tanto em termos de espaços de implantação e desenvolvimento, em âmbito judicial e extrajudicial, quanto com a edição de Resoluções norteadoras e de leis municipais de pacificação restaurativa a introduzindo como política pública municipal. No âmbito da justiça juvenil, considerado um de seus campos de atuação mais férteis, em 2012 a Lei nº 12.594/12, que instituiu o SINASE – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo estabeleceu, taxativamente, no art. 35, III, “prioridade a práticas ou medidas que sejam restaurativas e, sempre que possível, atendam às necessidades das vítimas”.

Dentre os inúmeros processos e metodologias que são adotadas ao redor do planeta, o Projeto de Extensão optou pelos Processos Circulares, com ênfase nos círculos de justiça restaurativa e de construção de paz, por entender que são mais eficazes na prevenção e enfrentamento da violência.

Para Kay Pranis (2011, p. 9), autora, instrutora e facilitadora, “o círculo é um processo de diálogo que trabalha intencionalmente na criação de um espaço seguro para discutir problemas muito difíceis e dolorosos, a fim de melhorar os relacionamentos e resolver diferenças”.

Assim, alicerçado nos Processos Circulares, com ênfase nos círculos de justiça restaurativa e de construção de paz, o Projeto Justiça Restaurativa-UEM e o PROPAZ – Programa de Justiça Restaurativa e Cultura de Paz da Universidade Estadual de Maringá, por meio do eixo de políticas públicas, envidaram esforços para construir e consolidar a justiça restaurativa como política pública no município de Maringá.

## **2. A dimensão extensionista do projeto: construção da cultura de paz, os avanços da justiça restaurativa como política pública em Maringá**

Por meio das ações desenvolvidas pelo projeto, evidenciou-se o empoderamento das pessoas, fortalecimento e restabelecimento de relacionamentos e vínculos e/ou encorajamento para a tomada de decisões. Os resultados são satisfatórios, pois os encontros de diálogo promovem o direito de fala e de escuta, respeitadas, possibilitando a construção de consenso. Quando as pessoas podem expor os seus sentimentos e as suas necessidades, em ambiente seguro, são escutadas e as suas necessidades são atendidas, na medida do possível, se sentem contempladas e isso gera bem-estar, pois conseguem experimentar e ver a justiça sendo feita e elas como protagonistas do processo.

Para atingir esse objetivo, que é um grande desafio, o projeto adota estratégias e ferramentas atuando em quatro eixos: sensibilização, formação, atendimentos e política pública. O eixo sensibilização atua com palestras, encontros e círculos; o eixo formação com cursos e oficinas vivenciais e supervisão; o eixo atendimento com atendimentos individuais e círculos a casos oriundos da comunidade ou encaminhados pela UEM, pelo judiciário e pelo Ministério Público; e, o eixo políticas públicas atua para consolidar a justiça restaurativa como política pública no município de Maringá.

Os quatro eixos são fundamentais para o projeto e ao longo de sua trajetória de desenvolvimento foi possível constatar a importância e a necessidade de consolidar a Justiça Restaurativa como política pública no município de Maringá, a exemplo de Caxias do Sul, Passo Fundo e Bento Gonçalves no Rio Grande do Sul, Santos em São Paulo, Petrópolis no Rio de Janeiro, Londrina, Ponta Grossa e Araçatuba no Paraná, dentre outros. Assim, com forte atuação do eixo de políticas públicas, foram envidados esforços incansáveis para ver aprovada a lei no município de Maringá. A trajetória iniciou em 2016 e após a elaboração e apresentação de proposta de projeto de lei ao executivo e realização de uma Audiência Pública em 2017, finalmente foi aprovada e sancionada, no dia 04/06/2018, a Lei Municipal nº 10.625/18 que instituiu o Programa Municipal de Pacificação Restaurativa de Maringá.

### **3. Resultados efetivos do projeto em 2018**

O projeto tem cunho regional, por isso, as ações extensionistas compreenderam, além de Maringá, pessoas e cidades da região (Cianorte, Itambé, Mandaguari, Marialva e Paiçandu), contemplando 583 (quinhentos e oitenta e três) beneficiários, em seus quatro eixos:

1) Sensibilização: palestras, encontros e círculos de sensibilização – atividades realizadas em Maringá, na UEM (bloco 3) e no CAP-Colégio de Aplicação Pedagógica e fora do campus ocorreram por demandas do Núcleo Regional de Educação, SEDUC-Secretaria Municipal de Educação, Colégio Osvaldo Cruz, SASC-Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania, Fórum de Práticas Restaurativas de Maringá e Região; Cianorte (Curso Design e Moda da UEM); Paiçandu (PEN e CPIN), totalizando 519 (quinhentas e dezenove) pessoas;

2) cursos de iniciação/capacitação: realizados em Maringá e Marialva, em parceria com a comunidade, escolas, Judiciário, Ministério Público e demais segmentos, totalizando 50 (cinquenta) pessoas, preparadas para atuar como multiplicadores da justiça restaurativa e facilitadores dos círculos de justiça restaurativa e de construção de paz;

3) atendimentos: 14 (quatorze) casos, oriundos da comunidade, Judiciário e Ministério Público, envolvendo pessoas em situação de conflito, realizando pré-encontros, pré-círculos, círculos e pós-círculos.

4) política pública: elaboração de proposta de projeto de lei entregue ao executivo, a qual foi aprovada e sancionada, no dia 04/06/2018, constituindo-se na Lei Municipal nº 10.625/18 que instituiu o Programa Municipal de Pacificação Restaurativa de Maringá.

O projeto cumpriu os seus objetivos, contemplando 583 (quinhentas e oitenta e três) pessoas, de Maringá e região, demonstrando a expansão de suas atividades para além da comunidade universitária e da cidade de Maringá e a sua inserção regional, destacando-se a sua relevância na prevenção e no enfrentamento de conflitos, ofensas e violência, contribuindo para a construção da cultura de paz. Além disso, a sua inserção social realiza plenamente a função da extensão universitária, como processo educativo,

cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa e promove ações direcionadas ao atendimento das demandas da comunidade.

#### 4. Referências

BRANCHER, L. N. *et all. Manual de práticas restaurativas*. Porto Alegre: AJURIS, 2008.

\_\_\_\_\_. *Iniciação em justiça restaurativa*. Porto Alegre: AJURIS, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Resolução nº 125/2010*. Política Judiciária Nacional de tratamento adequado dos conflitos. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/atos-administrativos/>. Acesso em: 10 ago 2017.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Resolução nº 225/2016*. Política Nacional de Justiça Restaurativa no âmbito do Poder Judiciário. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/atos-administrativos/>. Acesso em: 14 ago 2017.

LARRAURI, Elena. Tendencias actuales de La justicia restauradora. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, ano 12, n. 51, Nov./dez. 2004, pp. 67-103.

MARINGÁ. Lei Ordinária nº 12.605, de 04 de junho de 2018. Institui o Programa de Pacificação Restaurativa de Maringá e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/pr/m/maringa/lei-ordinaria/2018/1063/10625/lei-ordinaria-n-10625-2018-institui-o-programa-de-pacificacao-restaurativa-de-maringa-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 15 jul 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - **Resolução nº 2002/12**. Princípios Básicos para a Utilização de Programas de Justiça Restaurativa em Matéria Criminal. Disponível em: <http://justica21.web1119.kinghost.net/>. Acesso em: 10 ago 2017.

PRANIS, Kay. **Círculos de Justiça Restaurativa e de Construção de Paz**: guia do facilitador. Trad. Fátima de Bastiani. Porto Alegre: TJRS, Depto de Artes Gráficas, 2011.



# **Ações inclusivas do projeto PROAFA/UEM: destaque no ranking e competições de Tênis de Campo**

**Área: Direitos Humanos e Justiça**

**Alisson Minao Otani<sup>1</sup>, Silvana dos Santos<sup>2</sup>, Decio Roberto Calegari<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Aluno do curso de Educação Física, bolsista PIBEX – UEM,  
contato: alissonminao@gmail.com

<sup>2</sup>Aluna do Programa de Pós-Graduação Associado UEM/UEL em Educação Física,  
contato: silsantos2611@outlook.com

<sup>3</sup>Professor Dpto. de Educação Física – DEF/UEM, contato: deciorc@gmail.com

**Resumo.** *Este estudo se caracteriza como descritivo de cunho qualitativo, que tratou das especificidades do Tênis de Campo para usuários de cadeira de rodas. Nele, contém o contexto histórico da modalidade, tendo por objetivo apresentar os resultados dos atletas do projeto de extensão PROAFA/UEM nas principais competições nacionais. O estudo continua em execução, o que é possível um resultado parcial, porém embasado na construção do sujeito num todo, promovendo melhorias nos aspectos sociais, físicos, intelectuais e econômicos.*

**Palavras-chave:** Tênis de Campo – Treinamento – Cadeira de Rodas – PROAFA/UEM.

## **1. INTRODUÇÃO**

O Programa de Atividade Física Adaptada (PROAFA/UEM) é um projeto de extensão atrelado ao curso de Educação Física, no qual seu maior objetivo está centrado na inclusão e valorização social, a saúde e qualidade de vida para pessoas com deficiência. O projeto disponibiliza práticas e treinamentos de onze modalidades: Bocha paraolímpica, Basquetebol em cadeiras de rodas, Handebol em cadeiras de rodas, Artes cênicas adaptada, Goalball, Handebol para deficientes intelectuais, Natação adaptada, Voleibol sentado, Esgrima em cadeiras de rodas, Tênis de mesa e Tênis de campo. Neste aspecto, o presente estudo dará ênfase ao treinamento do Tênis de Campo para usuários de cadeira de rodas.

O Tênis em Cadeiras de Rodas é um esporte adaptado para deficientes físicos funcionais que se pratica exclusivamente de cadeira de rodas, independentemente do tipo de lesão que o jogador tenha, sempre que cumpra o requisito de contar com a mínima deficiência que se reconheça para essa modalidade esportiva, de maneira que esteja impossibilitado para a prática do tênis em posição bípede em condições normais.

O surgimento da modalidade, segundo Balbinotti, teve influência do acidente de Brad Parks, durante a prática de esqui que lhe causou uma lesão medular. Durante o processo de reabilitação, Parks assistiu um vídeo de uma pessoa jogando tênis em cadeira de rodas no hospital onde ele fazia sua reabilitação. Essa situação motivou-o a praticar esse esporte, e tais foram as sensações proporcionadas por ele, que Parks decidiu não só praticá-lo, mas também difundi-lo, fazendo com que o tênis em cadeira de rodas adquirisse, assim, um grande desenvolvimento nos EUA e, mais tarde, na Europa.

Em 1985, foi realizada pela primeira vez, a Copa do Mundo por equipes, onde participaram seis países. Nos anos seguintes (1988), é criada a Federação Internacional de Tênis em Cadeira de Rodas (IWTF), que adapta as regras do tênis convencional com

as especificações pertinentes do regulamento. Em virtude desses acontecimentos, foi criado o Circuito Internacional de Tênis em Cadeira de Rodas, que agrupava mais de 80 torneios de diferentes categorias realizados em todos os continentes. O Tênis em Cadeira de Rodas ingressou nas Paraolimpíadas em 1992 (Barcelona), com apenas duas classificações para a prática do esporte: 1. Quad (jogadores com deficiência física funcional e mobilidade muito reduzida); 2. Restante dos Jogadores (jogadores com deficiência física funcional) (SANZ,2002).

Esse esporte é praticado na mesma instalação de tênis em que se pratica a modalidade convencional, com as mesmas dimensões e altura de rede, e as ações técnicas dele comparadas ao tênis praticado em posição bípede são praticamente as mesmas, contudo, taticamente aparece um conceito que dá a essa modalidade uma singularidade concreta: a possibilidade de rebater a bola após um segundo quique no piso, aspecto que modifica as possibilidades de intervenção sobre a bola, propiciando situações táticas muito diversas.

Frente as primeiras colocações, o objetivo do estudo consiste em apresentar os resultados de participação dos atletas do projeto de extensão PROAFA/UEM, nas principais competições da categoria no Estado do Paraná. Desse modo, trata-se de um estudo descritivo de cunho qualitativo. De acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência.

## **2. OCORRÊNCIA DE TREINOS DE TÊNIS DE CAMPO E A PERSPECTIVA DOS ATLETAS PARTICIPANTES DO PROAFA**

Especificamente no projeto de extensão PROAFA/UEM, há uma demanda de atletas que se mostram interessados pelas modalidades e procuram pelos treinos. Desse modo, iniciam-se os treinos, no entanto a participação em competições se faz após um período de inserção no time e que os demais considerem um potencial para os jogos. Em treinos de esportes individualizados a exemplo do tênis de campo, a decisão de participação em campeonatos parte da iniciativa do atleta.

Os treinamentos aconteceram nas quadras de tênis da UEM, duas vezes na semana, com duração de 50 minutos. Cada sessão de treinamento é composta por: aquecimento, cuja função é preparar as estruturas musculares e articulares para realização de esforços. Em seguida, inicia-se os exercícios técnicos e táticos, cuja variedade pode abranger vários objetivos, a exemplo do trabalho de consistência do paratleta, condicionamento físico, estratégia de jogo, entre outros. O treinamento conclui-se com a Roda final, com o intuito de apresentar o *feedback* e tratar sobre vários assuntos da modalidade.

A rotina de treinos e técnicas específicas à modalidade condiciona os atletas para as exigências dos jogos nacionais, inclusive oportunizando a classificação do atleta. O projeto PROAFA, em seu grupo de atletas, possui um destaque no tênis de campo, conforme apresentado no quadro a seguir, na qual apresenta o *ranking* classificatório deste atleta nos anos de 2016 e 2017.

## Ranking Cadeirantes

Cadeirante - (Categorias para Classe) - 2016				Cadeirante - (Categorias para Classe) - 2017			
Cadeirante Masc				Cadeirante Masc			
#	Código	Nome	Pontos	#	Código	Nome	Pontos
1	23614	Rossan Avelar	500	1	23140	Adriano Santos	1000
1	23140	Adriano Santos	500	2	24802	Ítalo de Lima	520
3	23939	Cristiano Brito	350	3	21445	Juliano Silva	350
3	23613	João Oliveira	350	4	24822	Guilherme Lourenço	250
5	23617	Matheus Furuta	245	4	24793	Alison Flores	250

**Quadro 1.** Ranking classificatório de paratletas de tênis de campo da Federação Paranaense de Tênis nos anos de 2016 e 2017.

Adriano Santos, atua pela UMPM/PROAFA de Maringá, o multi-esportista é o atual líder invicto do *ranking* paranaense de tênis cadeirante. É atleta profissional e joga tênis há apenas dois anos, em competições estaduais e nacionais sua classificação está em: 1º colocado no *ranking* da Federação Paranaense de Tênis (FPT) e atual 25º do Brasil na categoria cadeirantes.

O atual líder do *ranking* paranaense já tem 1000 pontos conquistados em 2017 com os títulos dos torneios na *E7 Tennis Cup* e no Circuito Osmoze Cadeirantes. Em 8 jogos disputados no ano ele não perdeu nenhum e segue com 100% de aproveitamento no quesito vitórias. Dos 16 *sets* que jogou, perdeu apenas 1 para o tenista Ítalo de Lima, na final do Osmoze, num jogão de mais de duas horas e parciais de 3/6, 6/3 e 10/5.

O histórico do atleta, credenciaram-lhe a disputar a Chave Principal do Circuito ITF Cadeirantes, torneio internacional que aconteceu em São Paulo em duas etapas, com participação de 79 paratletas de sete estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo e Santa Catarina e Distrito Federal. O torneio reuniu os melhores tenistas do país e do mundo, divididos nas categorias Masculino, Feminino, Quad (atletas com deficiência nos membros superiores e inferiores) e Junior.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode negar que ações voltadas às especificidades esportivas com cadeiras de rodas ofertadas pelo projeto PROAFA/UEM, possibilitam a integração/sociabilização de deficientes nos fatores sociais e econômicos, visto que os participantes do projeto se engajam profissionalmente no esporte.

Também é constado no estudo, que os treinos promovem a participação ativa dos atletas nos principais torneios do estado, possibilitando ainda, a participação em circuitos nacionais e internacionais de tênis de campo, destacando e valorizando o paratleta por meio de divulgação em *ranking* esportivo aos anos correspondente às competições.

Neste sentido, pode-se concluir o estudo abordando a eficácia dos treinos para melhorias nos aspectos sociais, intelectuais e físicos por meio do esporte de auto-rendimento, sem desvalorizar o sujeito ou classificá-lo enquanto indivíduo possuidor de limitações.

#### 4. REFERÊNCIAS

BALBINOTTI, CARLOS; BERLEZE, ADRIANA. O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem. **Editora Artmed**, Porto Alegre-RS, 2009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SANZ, DAVID. *Wheelchair Tennis for Beginners: How to Start a Programm with Beginners* Ponencia del Simposium Europeo de Tenis organizado por la Federación Europea de Tenis. Algarbe: Federación Europea de Tenis, 2002. (Documento inédito).